

REVISTA DA SEMANA

N.º 23



Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

5-6-48

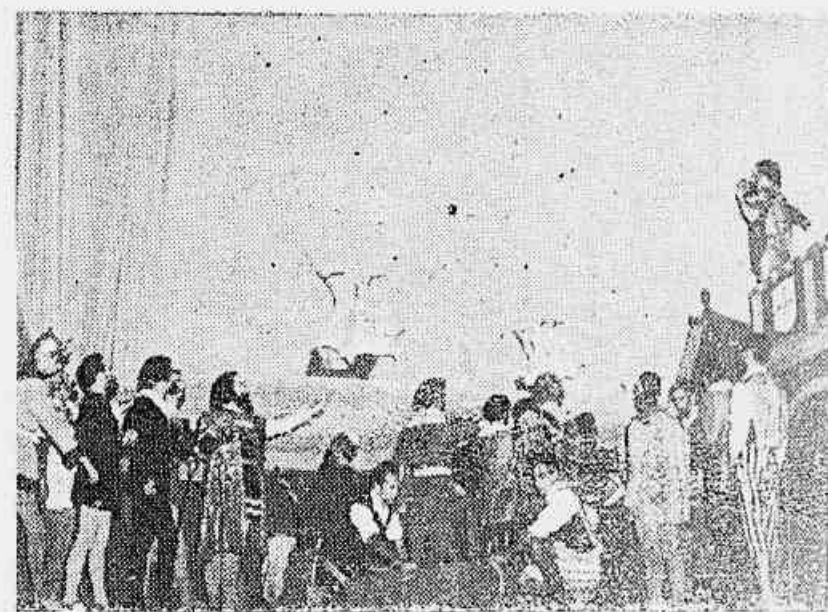




E' COS DA CONVENÇÃO ROTARIANA



Durante as festividades realizadas no Rio em homenagem aos ilustres visitantes estrangeiros, vindos ao nosso país para tomar parte na 39.ª Convenção Rotariana, destacou-se a reconstituição de quadros da história e dos costumes brasileiros, durante a reunião realizada no Fluminense e à qual compareceu o presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra. Em cima, vemos a reconstituição do casamento de D. Pedro I; ao centro, à esquerda, uma cena do Rio no tempo de Debret e, à direita, uma alegoria ao descobrimento; em baixo, magnificamente reconstituída, vê-se a cena da promulgação da Constituição Republicana de 1891.



Lembranças de dois cães

FLOR DE PARAVENTO — Bolinha é pekinesa. É côr de páu marfim. Tem esbugalhadinhos brancos olhos de onix. Diminuta. De se pôr no bolso de um casaco. Feminina. Languida. Humor de prima-dona de opereta. Variabilíssimo. Rigoletana "tout a fait". Intermediária de cachorro, gato, coelho, esquilo e pantera. Dulcíssima. Ninguém pode deixar de falar tatibitate perto dela. É poesia viva, pois que é apêlo à comunhão dos homens. A gente a vê e sente vontade de desfolhar margaridas. De fazer confidências. De voltar à infância em linha reta sem olhar nem uma vez para trás.

Mas Bolinha é muito mais coisas ainda. Desmaia, sabem vocês? Desmaia como as urgens de Casemiro. Disse o veterinário que ela é um pouco histórica. Mas o veterinário é um veterinário e Bolinha precisaria que a tratasse um poeta. Ou então um jardineiro. Que ela tem muito de papoula ou de rosa amarela, dessas que possuem um doce ardor no âmago. Levei-a um dia a Shangai, meu pekinês, filho de um dragão e uma labareda. Ele pôs toda a heráldica de lado. Tornou-se, meramente, um apaixonado. Rastejou. Eu mantinha Bolinha no colo. Aquela hora ela parecia um turbulo de ouro. Litúrgica. Ele, então, sentou-se nas patinhas trazeiras. "Servil" — que é o seu jeito de agradar. Mirava-a como se ela fosse um pedaço de bolo, uma barra de chocolate. Cupidamente.

A cadelinha naquele momento me pareceu nietzscheana. Muito acima do Bem e do Mal. Território de sonho. E para ele foi mesmo...

Logo mais, no jardim de sua casa, ela ia revelar-se surpreendentemente. Criou olhos de odalisca. O corpo ganhou meneios tal se fosse dançar a dança do ventre. Como eu, ela sabia, daquela hora, que Shangai estava longe...

★

Um dia que Bolinha teve sua indisposição de nervos, o veterinário foi chamado. Homem de imaginação como vocês podem prever. Tomou o bichinho no colo tal se ele fosse um saco de batatas.

— "Prefiro lidar com dez tigres a tratar com esta espécie de animal. A gente gosta de saber de que bicho cuida. A senhora pode me dizer que coisa preta é esta? Cachorro inteiramente não é. Gato também não. Me disseram que essa raça tem enxertos na cabeça. Coisas de chinês! "

Aquela hora Bolinha era um leque de plumas desmaiadas atirado sobre um divã. Lassa infinitamente. Ana Karenina, Madame Butterfly. Talvez Emma Bovary. Fôlha de plátano, talvez.

Um poeta entenderia Bolinha. Ou será que diante de um poeta ela ia revelar outra personalidade? Tem sido a docemente compreensiva, a docemente distante, a citadina, a bucólica, a temperamental, a pueril, de modo a enlouquecer a gente.

O melhor que se tem a fazer, decerto, é colocá-la num paravento de laca. Desubrocharia entre lotus e hibiscus. E talvez o dragão de olhos de chispas se enamorasse dela.

SHANGAI, O JARDIM E A TARDE — Esta é a hora dele conversar com o jardim. Não se ria, leitor, que é verdade. O sol já não está mais a pino e faz um calor um pouco untuoso. Calor que tira emanações dos tufos de verduras.

Ele vai indo pelas aleas, no seu trote de pekinês. Vejo-lhe o lombo de fôco dourado, passar entre as folhas. Elas tem voz, para ele, eu sei, porque se detem sem perplexidade alguma e mira orientalmente os arbustos. A cauda faz amabilidades — para lá, para cá. Uma nesga de língua vermelha sai-lhe da boca de dragão pequeno. E todos o aceitam.

Veio um caracol muito lastimoso e o cão sorriu-lhe, os dentinhos a apontarem no negrume do focinho chato. Passou no céu certa nuvem vagabunda e atirou sobre o canteiro de dalias uma écharpe de sombra azul. O cão procurou o território frio e suave nitidamente demarcado sobre a terra marron. Parecia envolver-se, voluptuoso, nos tactos da sombra. E a sombra foi embora um pouco precipitada porque a nuvem tinha mudado de lugar. Era mesmo uma nuvenzinha sem grande importância. Ai o cão olhou para o céu, sem franzir os olhos como os humanos. Olhou, compreensivamente, muito tempo. Verificou, decerto, a qualidade pura do azul e a lonjura daquele abobadado teto de cobalto. Aceitou tudo. Pois que tudo aceita Shangai — bichos, seres, plantas. Às vezes se implica é com as coisas manufaturadas pelos homens. Assim foi com o tapete da sala. Latiu muitas vezes, incomodado com o colorido das flores. Sem dúvida, tinha razão que aquilo possuía tão pouca parecença com flor! As de verdade ele amava e tinha linguagem para elas.

É um cão lírico, vocês não duvidem. Tem intimidade com todas as rosas, sobretudo com aquela de vestido côr de ciclame. Beirou-a, mesmo, neste instante, de modo afetoso e sutil, só para a rosa entender. E as outras, naturalmente, não tiveram inveja porque não compreenderam. Sosseguem que o coração de Shangai tem amor para todos. Ele terá manifestações para as flores e as minhocas e seu domínio se estende até a horta. Ama, particularmente, o tapete veludoso do espinafre e a saia alta e rendada da jaboticabeira. Haure com prazer o aroma dos limões, tão envernizados, pendendo do limoeiro, e implica com o alarido constante e pueril dos pássaros guardados atrás da tela prateada. Voltou de seu passeio agora e me olha com atenção um tanto dispersa. Sei que o solicitam, ainda, as corolas, as minhocas, as plantas, a réstia de sol nos cascalhos. Está latejante e inquieto das visões aprisionadas. Participa da natureza, o cão. Esse é o segredo da sua felicidade. É espontâneo como o punhado de musgo que se aninha no muro. A serenidade descerá sobre ele quando as sombras caírem. Ai irá enrodilhar-se embaixo da mesa. Gostaria de aprender com ele, de como ele rimar com os dias, as noites, e a chuva, e não ter desajustes. Nada pergunta pois que o amor que tem no coração é uma resposta ampla e perpétua. E não tem problemas porque não sobrevaloriza a sua pessoa.

SUMÁRIO:

COLABORAÇÃO

Lembrança de dois cães (Helena Silveira) 3

REPORTAGENS

"Ponha-se na rua", um drama de 140 anos (Ney Machado) 6
A Internacional Rotariana (Marcelo Torres e Arnaldo Vieira) 14/17
Beleza negra 23
Uma embaixatriz da moda feminina (J. Martines) 24/25
A revelação de uma nova atriz (Demóstenes Varela) 26/29
A universidade da batota (Pierre Soudra) 30/33

BIOGRAFIA

A vida de Daniel Defoe (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 18

CARICATURA

Bom humor 12

CONTOS

Maria Malazarte (Noelini de Souza) .. 19
O velho (Guy de Maupassant) 20/21
Uma aventura em estrada de ferro (Ferenc Molnar) 28

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 4
O mundo marcha 5
Cine-Revista 34/35
Gente de Rádio 36
Vida literária 37
Livros Novos (João Luso) 38
Música 51
Cancioneiro internacional 52

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos 39
Chapéus de Hollywood 40/41
Agasalhos para o inverno 42/43
O espírito feminino através dos tempos 44
A personalidade da semana 45
"Tailleurs" estampados 44/45
Muro das lamentações 46
Mães e filhos 47
As saias de hoje 46/47
Tricot 48/49
Week-end na cozinha 50
A moda vista em detalhes 50

FOLHETIM

Na esteira do "Bruxo Vermelho" (Garland Roark-F. R. Gruger) 57/58

ILUSTRAÇÕES

Armando Pacheco
Orlando Matos
A. Zagorska

NOSSA CAPA

Figura hoje em nossa capa a famosa "estrela" da Warner Brothers, Ann Sheridan, cujo maior sucesso até hoje foi assinalado pelo filme "Em cada coração um pecado", extraído do romance de Henry Bellaman. Ann Sheridan, depois de ter estado brigada com a referida companhia, que a suspendeu durante várias semanas, em represália, deixando de pagar-lhe o salário, está novamente de pazes feitas com a Warner Brothers, que lhe proporcionou um novo êxito em "A sentença", ao lado de Lew Ayres e Zachary Scott.

a Semana em Revista

O BRASIL E A COLABORAÇÃO ESTRANGEIRA



coisa que os nossos amigos da terra de Truman não podem compreender, — as reservas excessivas com que é encarada a ajuda financeira, vinda de outros países. Nossas leis estão imbuídas de intuições drásticas, agressivas, contra os capitais estrangeiros, dos quais, no entanto, reconhecidamente precisamos, para o desenvolvimento da nossa economia ainda em estado inci-

plente. Argumentou o sr. Valentim Bouças com o exemplo dos Estados Unidos, que se abriram ao capital estrangeiro, alicerçando, por meio deste, sua grandeza econômico-financeira. Criar condições favoráveis à vinda desses capitais, sem prejuízo da nossa soberania nacional, mas também sem os exageros da xenofobia, eis o que recomenda o ilustre homem de negócios e financista de grande relêvo, afim de que possamos encontrar nos Estados Unidos o apoio que tantos dos nossos grandes empreendimentos devem ter, para sua completa e cabal realização. De tal natureza são as nossas leis, — incluindo entre estas as aduaneiras, — que, ainda agora, se registrou no Rio de Janeiro um caso verdadeiramente clamoroso, que envolve um capitalista norte-americano, desejoso de investir grandes capitais na expansão da nossa cinematografia. Trata-se do sr. Howard Randall, que tem a seu crédito a construção do maior estúdio cinematográfico do México e que pretendia, no Brasil, fazer a mesma coisa. Esse cinematografista, em avião de sua propriedade, trouxe para o nosso país, fiado em promessas que lhe foram feitas, uma vasta aparelhagem cinematográfica,

no valor de cinco milhões de cruzeiros, — o que era, apenas, uma parcela dos recursos técnicos que iam ser postos a serviço da nossa cinematografia. No entanto, tantas e tais têm sido as dificuldades criadas ao sr. Howard Randall, — dificuldades burocráticas e fiscais, que chegam a ser absurdas, — que o cinematografista norte-americano já está inclinado a cancelar os seus planos, e a ir para a Argentina, ou qualquer outro país sul-americano. Enxeta-se, praticamente um homem que vem procurar colaborar conosco em uma indústria que necessita recursos técnicos, mais do que qualquer outra, — e que poderá contribuir, grandemente, para o nosso progresso econômico. Cada filme nacional de longa metragem em exibição está alijado das telas dos cinemas num competidor estrangeiro e, assim, evitando a evasão do nosso ouro. A Aliandega, entretanto, prefere criar embargos e forjar pretextos para a cobrança de uma multa... Seu campo de visão é acanhado, limitado, ridículo. E, assim, vai o Brasil aos trancos e saltancos, desprezando as boas oportunidades de reabilitação econômica e financeira...

A SUCESSÃO PRESIDENCIAL E O SR. GETULIO VARGAS

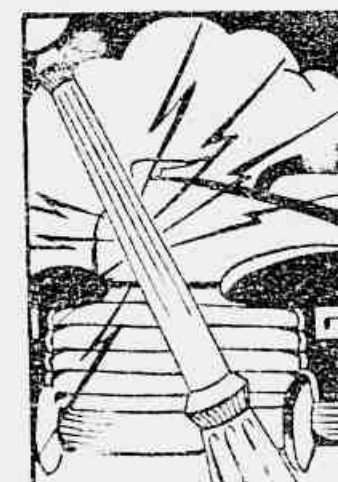


o que não acreditamos é na viabilidade dessa candidatura. O sr. Getúlio Vargas, candidatando-se à presidência da República, usará, não há dúvida, um direito que a Constituição lhe assegura, como a qualquer outro cidadão brasileiro, com a idade mínima exigida e em plena posse dos seus direitos civis e políticos. Não duvidamos, tampouco, que seu nome obtenha nas

urnas, sufrágios bastante significativos. O que muito duvidamos, entretanto, é que ele, mesmo que seja eleito, entre no uso e no gozo do poder. Isto porque se trata de alguém que foi despejado do Palácio Guanabara pelas forças armadas nacionais, em movimento espontâneo e de absoluta coesão, num momento em que o ditador malicioso e displicente de tantos anos se preparava para faltar, mais uma vez, à palavra empenhada. Evidentemente, o sr. Getúlio Vargas seria um governante suspeito, — principalmente aos olhos das classes armadas, que tentou responsabilizar pelo movimento totalitarista de 10 de novembro de 1937. Tendo faltado à fé da Constituição de 1891, faltou também à de 1934 e, depois disso, à de 1937, por ele próprio "outorgada". Quanto à de 1946, mereceu-lhe tanto desprezo que se ausentou do Rio, às vésperas de sua aprovação, apenas para se furtar à assinalá-la e a jurá-la. No seu personalismo, o sr. Getúlio Vargas não admite restrições ou meios termos. Tem um desprezo tão profundo pelo Parlamento e pela função legislativa que, investido de um mandato de senador, — que cobijou talvez somente para se sentir ao abrigo

das imunidades parlamentares, tomou o rumo de sua fazenda, em São Borja, fugindo do Monroe com o diabo da cruz. E' assim o sr. Getúlio Vargas, — um homenzinho simpático, risinho, de modos aparentemente suaves, mas no íntimo truculento e obstinado, — um inimigo declarado dos regimes constitucionais, uma vocação de ditador, um autocrata de natureza, um homem que não nasceu sendo para mandar discricionariamente. Por tudo isso, — isto é, por ser muito conhecido o personagem, — é que não acreditamos na viabilidade da sua candidatura. Será, se for positivada, quando muito, um caso de "ganha-perde", pois as incompatibilidades do sr. Getúlio Vargas com as forças armadas, de certo o impedirão de chegar de novo ao Catete. Ele poderá, quando muito, arrastar o país a um novo pronunciamento militar e a uma nova e breve ditadura do judiciário, da qual há de sair, quando menos, um decreto despojando-o do direito de votar e ser votado. Assim, ficará o sr. Getúlio Vargas sem cuna e sem assobio, ou seja, sem a presidência e sem a senatária...

COMBATE AOS DESASTRES AUTOMOBILÍSTICOS



é deficiente e a Inspetoria não tem verbas para aumentar os seus quadros. Acresce ainda que entre inspetores e automobilistas corre em grande escala o hábito da gorjeta. Qualquer infração é apagada do caderninho mediante cinco ou dez cruzeiros de "bola". Por isso, a Inspetoria necessitava de colaboradores gratuitos e

idôneos para ajudá-la na fiscalização dos choferes culpados. Nós estamos cansados de sair viajando de ônibus e lotações. O motorista avança de contra-mão, perigosamente, fecha um carro que lhe vem à esquerda (é muito comum o chofer de ônibus maltratar assim os taxis e particulares) e os passageiros nada podem fazer. Ficam correndo o perigo sem saber como possam agir contra os motoristas criminosos. De agora em diante, de acordo com o que ficou estabelecido no Serviço de Trânsito, tais irregularidades serão punidas pelo agente secreto da Inspetoria, que o motorista desconhece para o seu bem ou para o seu mal. Dezenas de professores, médicos, industriais, deputados, senadores, comerciantes, jornalistas, etc. — todos idôneos e justos — foram selecionados como agentes gratuitos do trânsito. Estarão distribuídos por vários pontos da cidade, fiscalizando os motoristas faltosos, sem que estes saibam quem eles são e, também, sem possibilidade de obter-lhes a indulgência, através do suborno. A cassação das carteiras aos motoristas faltosos, aos provocadores de desastres, aos que se excedem na velocidade e que não respeitam sinais, é uma medida digna de todos os aplausos. Sem a eliminação dos volantes perigosos, sem o rigor de tais medidas, não será possível reduzir a cifra alarmante dos desastres automobilísticos. Eis porque nós, que muitas vezes temos discordado do sr. Edgard Estrêla, agora aqui estamos, para aplaudir-lo e para encorajá-lo nessa benemérita campanha.

ANO XLVII
N.º 23 — 5-6-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário

R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00

O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Vizconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5803

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Gld. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", 5, rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1568 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, 3, rua Brigadeiro Tobias, 615 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

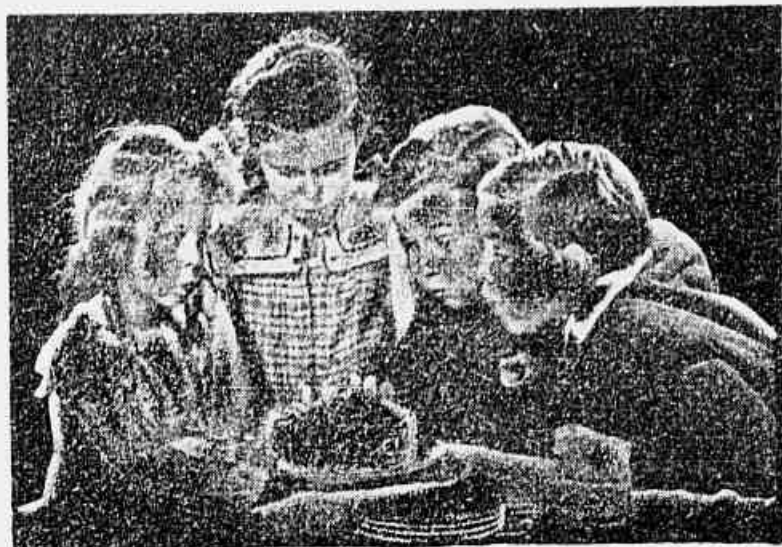
Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados



DURANTE os anos de 1946 e 1947 foram as firmas brasileiras as que maior lucro tiveram especulando no mercado norte-americano, segundo informa uma comissão especial da Câmara daquele país. Patriotas nossos emboisaram (negociando com algodão, trigo e milho), a fabulosa quantia de um bilhão e seiscentos milhões de cruzeiros! No bolso de quem andará toda essa "grana"? Henri Wallace, combatendo o rearmamento e os preparos bélicos dos Estados Unidos, provou que com o dinheiro destinado ao serviço militar obrigatório em projeto seu país poderia construir dezenas de hospitais, escolas e bibliotecas. Que fariam com um brasileiro que tivesse a coragem de dizer coisa semelhante com respeito ao nosso país? Pela primeira vez na história, quatro mil prefeitos e conselheiros municipais declararam-se em greve. Isso aconteceu na França onde centenas de "maiores" abandonaram o seu cargo como sinal de protesto pela intervenção do Estado, nacionalizando e controlando as escolas católicas. Faleceu repentinamente, em pleno recinto da Academia Brasileira de Letras, no momento em que saudava o ex-primeiro ministro da Bélgica, senhor Paul Van Zeeland, o senador industrial e "imortal" Roberto Simonsen vítima de uma hemorragia cerebral, que o fulminou instantaneamente. Rei morto, rei posto, diz o brocardo. Dois minutos após o colapso já se cogitavam do nome do seu substituto no Petit Trianon. O acadêmico e político João Neves da Fontoura quer apresentar a candidatura de Austrágisio de Atahyde, como representante da "alta" imprensa brasileira. No entanto fala-se como mais provável a escolha do nome do ministro do Supremo Tribunal, sr. Aníbal Freire. O senhor Jorge de Lima, um ótimo candidato, talvez tenha de adiar suas justas pretensões de se tornar "imortal". Ficará, como consolo, presidindo os vereadores transitórios da Câmara Legislativa do Distrito Federal. "Mais vale um cargo "mortal" bem remunerado do que um título "imortal" que pouco rende" — filosofia do cidadão Pingô... Foram condenados a penas que variam de seis a dois anos os operários gráficos da "Tribuna Popular", envolvidos no tiroteio com a polícia, quando do varejamento de suas oficinas. Causou grande estranheza a modificação do despacho do ministro da Marinha agravando ainda mais as penalidades impostas aos alunos da Escola Naval. Os aspirantes do quarto ano, que tinham sido suspensos até o fim do ano letivo, ficaram agora definitivamente aliçados da Escola, perdendo quatro penosos anos de estudos, talvez os mais importantes para a formação de sua vida futura. Esta nova medida tomada pelo titular da Marinha foi motivada, ao que se presume, porque aqueles aspirantes tinham mostrado desejos de levarem o caso de sua suspensão aos tribunais. A Saint-John Del Rey Mining Co., a empresa inglesa que explora as lazidas auríferas de Nova Lima (Morro Velho), queixou-se à Polícia de Belo Horizonte de que estava sendo vítima de roubo de ouro pelos operários da mina. A Delegacia de Furtos já prendeu dezesseis culpados. Por que não comparece também o Ministro do Trabalho, aproveitando a ocasião? Sim, para ver se os operários de Morro Velho não estão também roubados nos seus salários... Os comunistas, aproveitando-se de maioria eventual no Parlamento Tcheco, iniciaram uma campanha de controle do governo redigindo e aprovando quinze decretos por dia. Como se vê, os russos combatem a democracia com os mesmos métodos que certos "democratas" o combatem. Com decretos e cadeia... A Comissão Britânica que veio resolver conosco o caso do saldo brasileiro em Londres (cinquenta milhões de esterlinos) chega aos seus acordos finais. Parece-nos que o ministro Corrêa e Castro vigiou bem os nossos interesses. Em vez de "chicletes", "ray-ban" e coca-cola, vamos importar ferro, aço, locomotivas, navios, produtos químicos (que não sejam perfumarias!), etc... Um nosso leitor, senhor Theobaldo Costa Jamundá, de Indaial, Estado de Santa Catarina, comentando um tópico da REVISTA, de 7-11-48, informa-nos que o alemão Kurt Prayon — expulso do Brasil a pedido do Exército Nacional (o leitor cita o livro do major Hugo Bethlem "Vale do Itajaí"), voltou "são e salvo para Blumenau" e pede que nos esclareça se o alemão foi caluniado ou se sua permanência continua injustificável em nosso país. A pergunta poderá ser respondida pelas autoridades militares de Santa Catarina... A Câmara aprovou em primeira discussão, um projeto de lei que dará aos praticos de farmácia, com dois anos de exercício, as mesmas vantagens dos diplomados pelas Escolas de Farmácia. Três mil alunos de farmácia de Minas Gerais fizeram greve em sinal de protesto, a eles se juntaram alunos de Recife e Estado do Rio. Os estudantes grevistas têm razão. Para fabricar drogas só existe um remédio: tirar o diploma... A Comissão Mista de Leis Complementares da Câmara terminou o projeto de Lei que regulará a liberdade de imprensa em território nacional. O projeto é longo cheio de penalidades, multas e detenção para os jornalistas e diretores de periódicos que infringirem suas disposições. O projeto é ambíguo em várias classificações e será uma espada de Damocles sobre a cabeça dos profissionais da imprensa. Como está redigido prestar-se-á a mil interpretações, dependendo cada uma da linha do governo que tivermos e da independência do poder judiciário. Esperamos que os deputados liberais que possuímos — Café Filho, Prado Kelly, Domingos Velasco, Crepory Franco, João Mangabeira e outros — corrijam o decreto-róia que faz lembrar o Estado Novo e outros regimes totalitários... Uma estatística municipal da Prefeitura de Buenos Aires revela que durante o último mês, os três milhões de habitantes da cidade comeram trinta e nove milhões de quilos de carne, ou seja: cada pessoa comeu meio quilo de carne por dia. Estatística que o IBOPE poderia fazer no Rio: durante o último mês de março, os dois milhões e quinhentos mil cariocas não comeram trinta e oito milhões de quilos de carne. Abreviando, quase não comeram carne alguma... O motorista Atala Cardoso, de "Viação Fluminense", atropelou com o seu ônibus três menores que passeavam em cavalo, no bairro de Fonseca, Niterói. Os três meninos foram para o Pronto Socorro e o motorista montou no cavalo que abalroara e evadiu-se. Isso vem provar que não só o castigo anda a cavalo; também a cavalo se foge do castigo... Margaret O'Brien, "estrelinha" cinematográfica, cresceu três centímetros, quando menos esperava. Em virtude desse azar, perdeu um dos grandes papéis que a sua companhia lhe confiara... Sacha Guitry foi raptado por "maquis" e levado até o local onde os franceses erguerão o "Santuário da Resistência". Ali foi obrigado a ajoelhar-se, sendo fotografado nessa posição. Apesar de ter escapado em dois julgamentos do crime de colaboracionismo parece que os "maquis" sabem mais que os juizes... Nos cartazes do nosso teatro, multiplicam-se os grandes êxitos: "Carlota Joaquina", "Tobacco Road", "Medéia", "Dona do mundo", etc. E agora, Alda Garrido faz sua estréia, engracadíssima, com "Um beijo... um milhão". Que beijo será esse, dona Alda? Para terminar, vamos transcrever na íntegra, um dos mais curiosos casos de amor, tal como o conta um telegrama de Londres: "Ronald Horsfield, de 22 anos de idade, ficou loucamente apaixonado por Betty Wildish. Ela não acreditava no amor dele. Ronald não teve dúvidas: retrucou à sua amada, que por amor dela era capaz de cortar um braço. Ela riu. Ele sabia que daí a pouco passaria por Paversham, onde moram, um expresso do litoral. Estirou-se ao comprido na linha, arregaçou a manga da camisa e... demonstrou o que queria demonstrar. Isso aconteceu há mais de um mês e logo que começou a convalescência de Ronald eles se casaram. Há poucos dias, no entanto, o mesmo Ronald foi sentenciado a dois anos de prisão. Motivo: bigamia...". E com esta, nos despedimos... Até sábado...



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não for prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

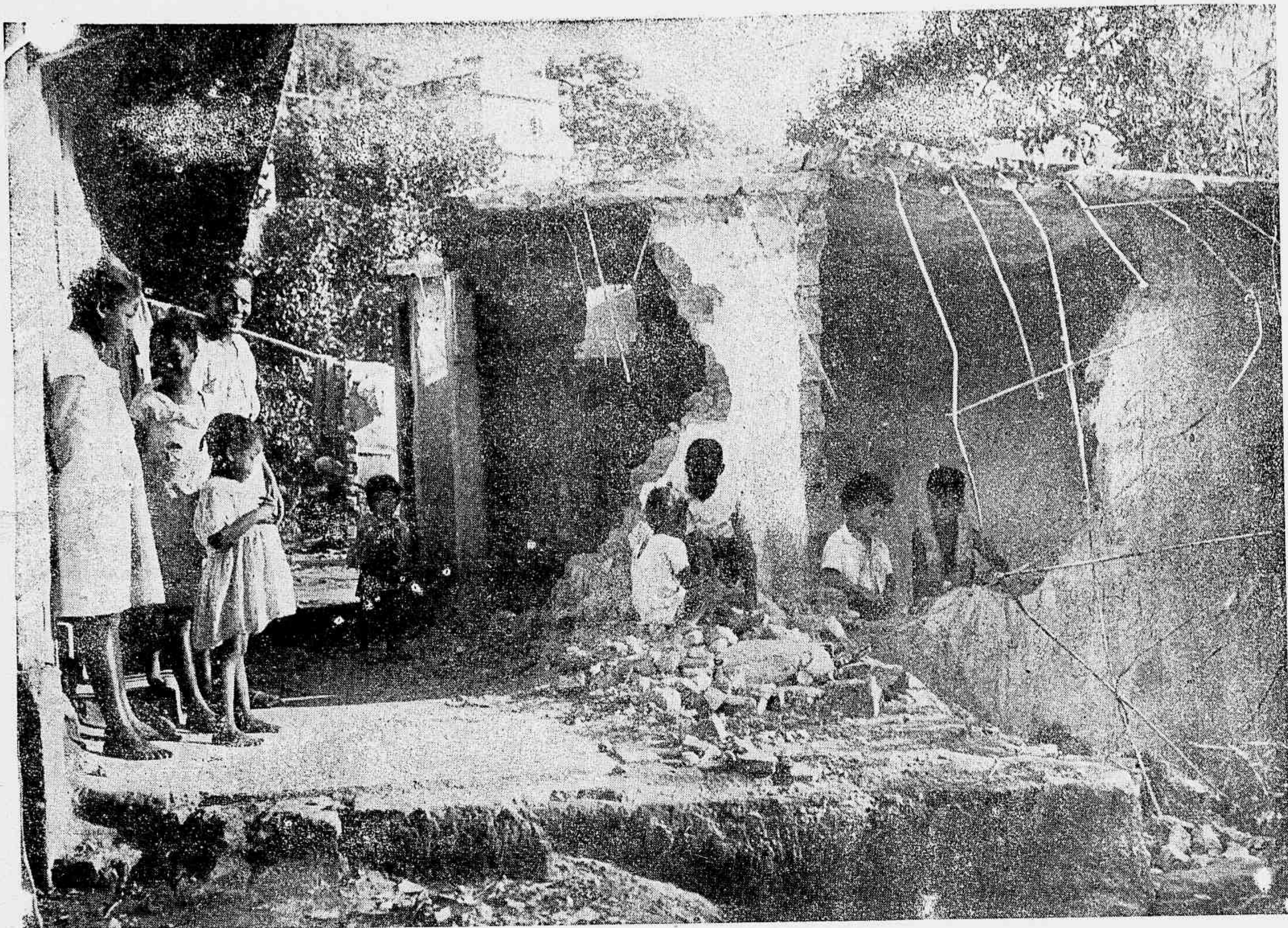
As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos forem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante



23 de Junho **LOTERIA FEDERAL**



Este é por certo o lado mais odioso do drama sem remédio dos despejados: o senhorio rico, prepotente, contra inquilinos humildes, mal ganhando para o sustento diário. O flagrante da foto foi colhido numa das faldas do morro de Santa Tereza (por ironia o morro granfino da cidade). O proprietário, senhor Emílio Turano, grande latifundiário carioca, por intermédio do senhor Arão Cupite, seu sócio ou preposto, iniciou na 10ª Vara Cível ação de despejo contra dezenas de pessoas moradoras num dos seus cortiços. Como a ação de despejo tardasse, iniciou a derrubada dos velhos quartos de tijolos, garantido pela presença de um polícia, segundo nos informaram. Enquanto não ruem todas as paredes, os inquilinos esperam — esperam um milagre de Deus, talvez! — e as crianças brincam, desconhecendo o infortúnio que as espera.

“PONHA-SE NA RUA”, UM DRAMA DE 140 ANOS

O EX-PREFEITO DODSWORTH E O SEU MÉTODO DE TERRA DEVASTADA ★ CINCO MIL DESPEJOS POR ANO ★ “URGE APARAR OS CASCOS DOS TUBARÕES” — DIZ-NOS O JUIZ DA 8.ª VARA CÍVEL ★ CÍRCULO VICIOSO ★ DE COMPRADOR, PASSOU A INQUILINO DESPEJADO ★ NOVAMENTE EM CARTAZ O SENHOR TURANO ★ LUTA DE D.ª PALMIRA MADEIRA ★ VOLTAREMOS AO TEMPO DE D. JOÃO VI?

Reportagem de NEY MACHADO

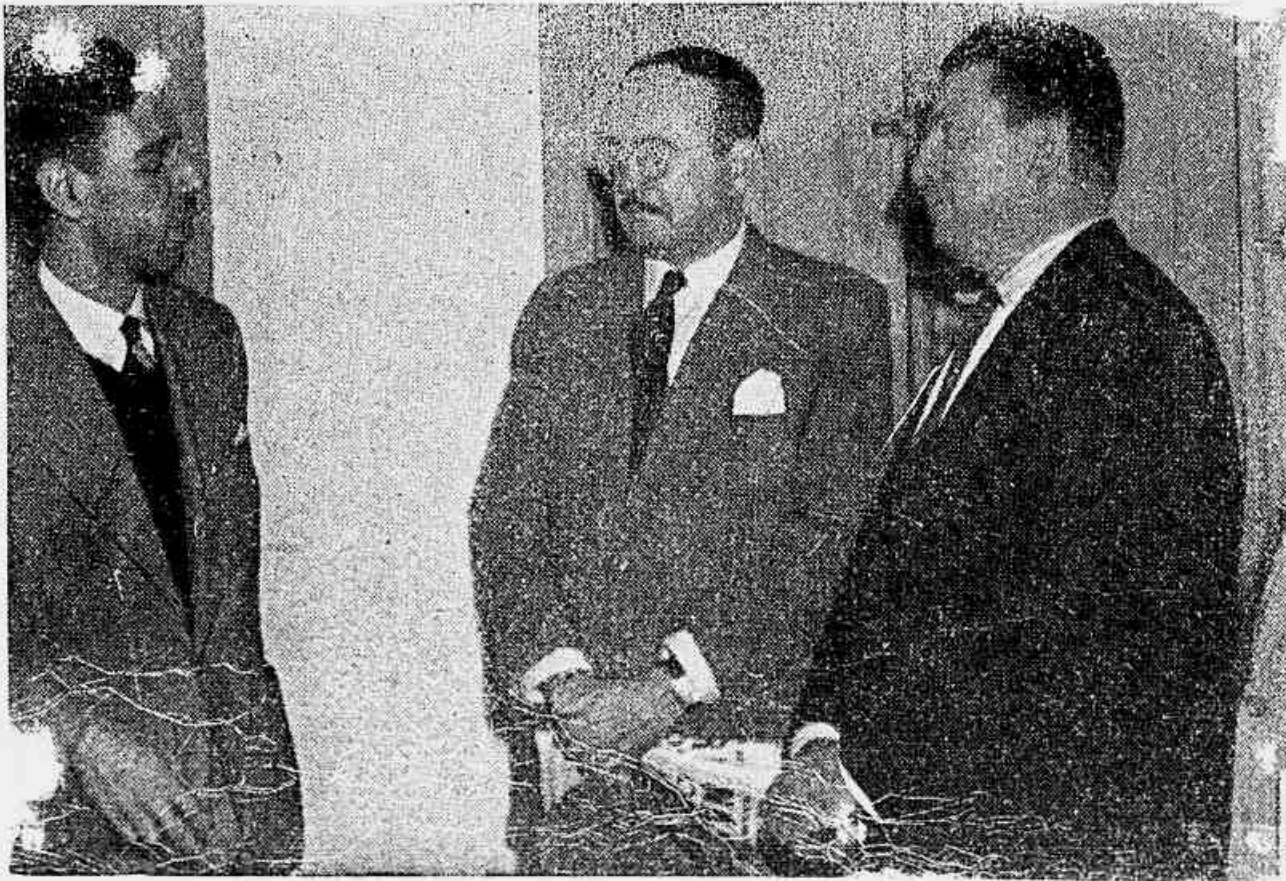


Fotos de ARNALDO VIEIRA

CADA vez se torna mais insustentável no Rio a situação para o inquilino de posses médias e acreditamos que suceda fato igual em outras capitais do Brasil. Quanto maior a crise de habitações, maior é o número de despejados. Quer isto dizer que, à medida que escasseiam casas para morar, aumenta o número de pessoas que são postas na rua, pessoas que, por sua vez, engrossarão a fila dos pretendentes a um teto. O problema da falta de habitação tem origens múltiplas e talvez por isso terá múltiplas ou diversas resoluções, se é que venha a ser resolvido. Com esse objetivo, procurando saber de que modo poderá ser solucionado e, principalmente, como evitar os despejos injustos nessa hora aflitiva, saímos em campo. Ouvimos deputados, magistrados, advogados, inquilinos e senhorios. Cada um tem o seu modo de solucionar a questão. Todos opinam, decretos são submetidos à votação da Câmara, alguns acusam a outros de demagogos, aqueles acusam a terceiros de exploradores desumanos, os proprietários falam em sagrados direitos da propriedade e a falta de habitação continua.

A ORIGEM DO MAL

Todos estão de acordo quanto às suas origens. Ainda no princípio da guerra, aí por volta de 1940, a oferta de casas e apartamentos era muito maior que a demanda.



Um flagrante singular na história dos despejos cartocas. O proprietário que moveu a ação, senhor Manoel Ferreira dos Santos, à direita, o inquilino que embargou a ação, senhor Antônio Andrade Costa, à esquerda, e o juiz Carlos de Oliveira Ramos, encontram-se na casa do inquilino. Este é o único magistrado que vai pessoalmente ver as necessidades do inquilino e as do proprietário, visitando a morada de ambos e só depois julgando a procedência da ação. Visita por mês trinta casas ou quartos, procurando

cura. Lembramo-nos bem do fenômeno. Estagiávamos naquele tempo em uma companhia imobiliária e suávamos um bocadinho para impingir a um freguês um apartamento de dois quartos e sala por quinhentos cruzeiros. Prometíamos tudo, até água permanentemente, facilitávamos o máximo e o cliente saía para ver os anúncios de outra empresa. Depois daquele ano, o aumento das exportações de objetos manufaturados fez crescer o número de pequenas fábricas no Distrito Federal e trouxe uma porção de gente do campo para a cidade. A fabricação para o mercado interno prosperou e novas fábricas surgiram e com isso novas levas de lavradores vieram, tentados por altos salários. O funcionalismo progrediu brasileiromente. Autarquias, institutos, subministérios, brotaram como estrélas em noite sem lua. E o Governo, auxiliado pela Prefeitura, começou a fazer um disparate: a demolir com a mesma fúria de nazistas em cidades russas. Lá e cá usava-se o método da terra devastada. Desapareceram como por encanto as ruas General Câmara, São Pedro, quarteirões de Visconde de Inhaúma, etc., etc. Se o sr. Getúlio e o sr. Dodsworth demoram mais tempo no poder, nós seríamos a primeira capital do mundo em avenidas getúlios Vargas. A população do Rio aumentou, no mínimo, de quinhentas mil pessoas. Talvez o dobro de quartos foi destruído nesse interim.



ONDE IREMOS MORAR?

Quem paga oitocentos cruzeiros por um quarto luta ainda para encontrá-lo. Imaginem a angústia dessa humilde lavadeira que paga apenas cinquenta cruzeiros mensais pelo tugúrio que habita.

TRINTA PESSOAS SEM TETO

Uma parcela ínfima dos milhares de pessoas que anualmente recebem a intimação judicial para deixar a casa onde moram. Na foto aparecem os miseráveis moradores de um barracão do morro de Santa Teresa.



Estava criado o problema. Estava feita a felicidade dos grandes proprietários, que sentiram vertigens com a subida repentina dos seus ex-desprezados imóveis. Agora era a vez do caçador.

DEZ ANOS DEPOIS

Dez anos depois a situação da locação de imóveis no Rio é irreconhecível. Ficou instituído semi-oficialmente o regime de luvas e a inteligência dos locadores faz malabarismos para descobrir meios de burlar as posturas oficiais que impedem o recebimento dessas. No entanto, os proprietários têm um grande entrave para a nova locação de certos apartamentos, cujos inquilinos tiveram a felicidade (ou ousadia) de permanecerem nos mesmos há muitos anos. Alguns foram morar logo após o "habite-se" e lá estão há seis, sete e mais anos, aproveitando-se, os miseráveis, dos aluguéis antigos! Que fazer, nesta emergência? Só resta, ao senhorio, uma coisa: o despejo. E quanto mais sobem os preços dos alugueres, quanto mais escasseiam as casas vagas, maior número de ações de despejo dá entrada nas Varas Cíveis. No ano de 1947 transitaram pelas quatorze Varas quatro mil setecentos e oitenta e nove ações. Este ano, até o dia quinze de abril, já tinham dado entrada mil e quinhentos pedidos de despejo. É claro que nem todos os proprietários conseguem com a ação judicial o imóvel pretendido. Muitos, quando não o obtêm, começam a usar de meios secundários, cortando a água, intimidando o inquilino e até fazendo bruxarias. Foi preciso que a Câmara e a Polícia cercassem ao mínimo o uso do despejo. Hoje em dia só poderá exigir a casa ou o apartamento do inquilino o proprietário que necessitá-lo para uso próprio, e assim mesmo quando ficar comprovado que o mesmo não reside em outro imóvel de sua propriedade. Há casos especiais em que a ação judicial se justifica e, baseados nestas exceções, os "tubarões" imobiliários têm arranjado prepostos no Parlamento que falam em direito de propriedade e outras coisas. A verdade, porém, é que o inquilino sofre, na maior parte das vezes, uma perseguição injusta do senhorio, sem nenhum motivo, apenas porque está pagando um aluguel "que não está à altura da vida atual". Na Câmara Federal debate-se no momento a chamada Lei do Inquilinato, que viria resolver o problema. Resolveria, na verdade? Vamos ouvir a opinião de um magistrado, um dos que mais tarde aplicarão a projetada Lei.

O QUE O GOVERNO DEVE FAZER

A nossa pergunta, respondeu o dr. Carlos de Oliveira Ramos, juiz da 8ª Vara Cível:

— "De um modo geral, considero boa a atual Lei do Inquilinato, ressalvadas, é claro, as imperfeições de ordem técnica, que vêm ensejando interpretações várias de seus dispositivos. Não conheço o exato teor da redação ultimamente aprovada pela douta Comissão de Justiça da nossa Câmara Baixa. Prefiro a atual lei com algumas alterações."

Quanto à resolução do problema da falta de habitação, respondeu-nos o magistrado:

— "Nenhum projeto de lei de inquilinato resolverá o problema da carência de habitações. Esse problema precisa ser encarado seriamente pelo Governo, que, infelizmente, até hoje nada fez para solucioná-lo. Todos estão vendo que se faz mister a adoção de providências inteligentes no sentido de tornar atraente o emprêgo de capitais em construções residenciais. Sem isso, ninguém o empregará. O Governo, por conseguinte, que conceda favores, franquias, isenções de impostos para as construções de casas e apartamentos, pelo menos dos que se destinem às classes menos favorecidas da fortuna: operários, funcionários públicos, lavradores, militares, etc. Conceda-se isenção de impostos de transmissão e predial àqueles que adquirirem casa para sua residência não possuindo outro imóvel. Facilite-se o empréstimo nas instituições de crédito, para esse fim. Com essas medidas, acredito, se poderá fazer alguma coisa para enfrentar a crise de habitações."

A INTERFERENCIA DO PODER PÚBLICO

Fizemos, em seguida, ao dr. Carlos de Oliveira Ramos uma pergunta que tem embaraçado muitas vezes a ação policial nas ações de despejo. Pode o Governo interferir na locação de propriedades? Foi esta a resposta de s.s.:

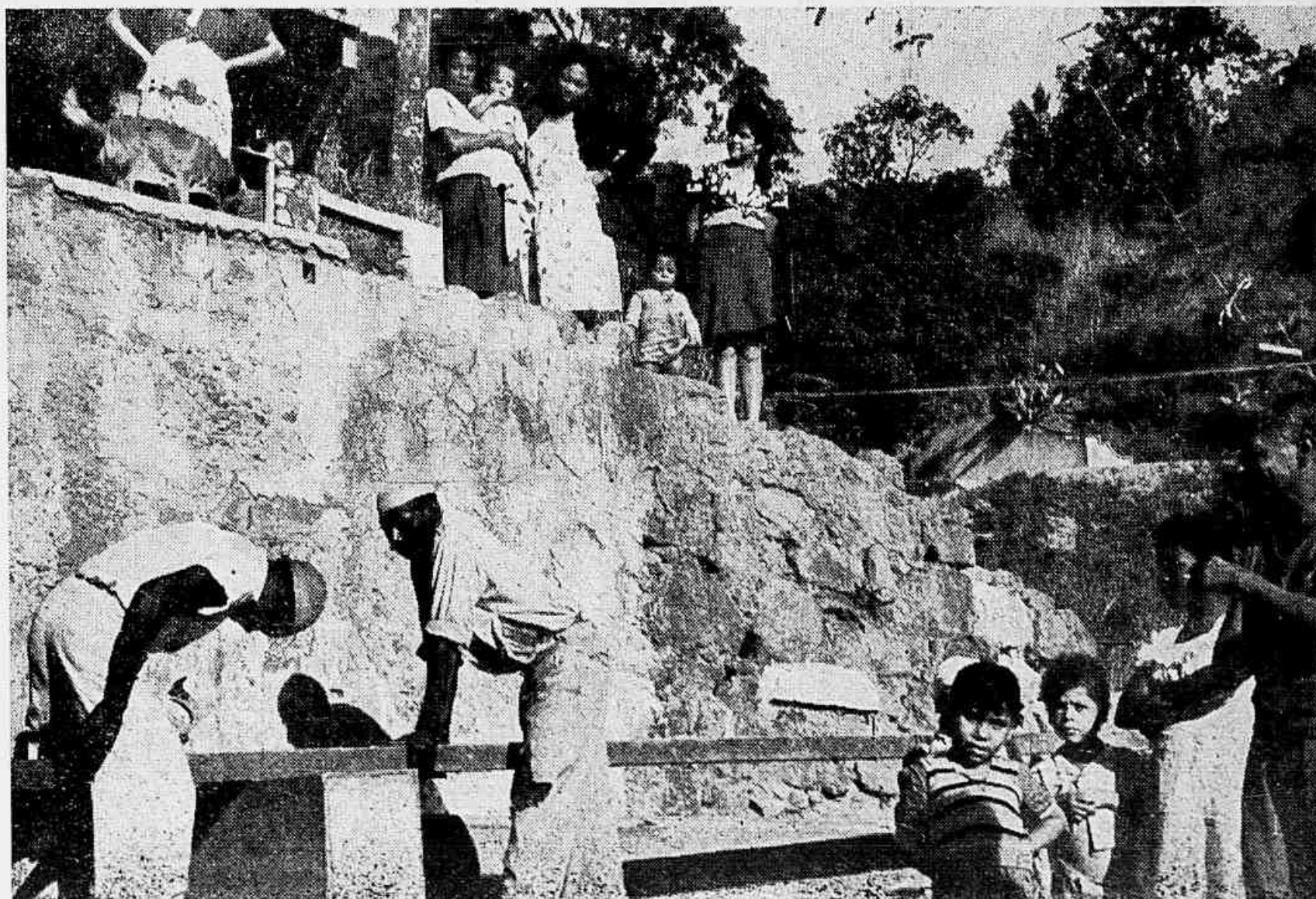
— "No campo econômico vivemos hoje uma época em que o Estado precisa ser, sempre e cada vez mais, intervencionista. Urge aparar os cascos e os passos dos "tubarões" da indústria e do comércio, que têm o seu ambiente natural na livre concorrência. Já em 1937, escrevamos em nosso livro "Da proteção legal ao trabalho das mulheres e menores" o seguinte: — "A observação atenta dos acontecimentos sociais da hora presente nos demonstra, de modo claro e inequívoco, que, hoje, a intervenção, a interferência, do Poder Público, na esfera onde se digladiam os interesses do capital e as exigências do trabalho, é mais que uma necessidade — é um imperativo categórico. Dela está dependendo, pode-se afirmar sem medo de contestação, a coexistência social". Rigorosamente justo não é, nesta hora de grandes privações e sofrimentos, que o Poder Público não possa conter a ganância dos exploradores do povo. Admito, entretanto, um aumento até cem por cento para as locações anteriores a 1942, desde que a concessão do aumento fique entregue ao Poder Judiciário. Estou certo que tal concessão evitaria muitas ações de despejo."



Nesta foto aparecem dona Maria da Conceição e seus cinco filhos. Dona Maria recebeu ordem de despejo do proprietário, senhor Emilio Turano. Seu marido é jardineiro, vivendo de biscates. Moram os seis nesta única peça. A menina deitada está doente. O berço elegante, à direita, contrastando com a miséria ambiente, foi presente de uma alma caridosa. Dona Maria da Conceição, apesar do presente, não acredita mais em caridade.



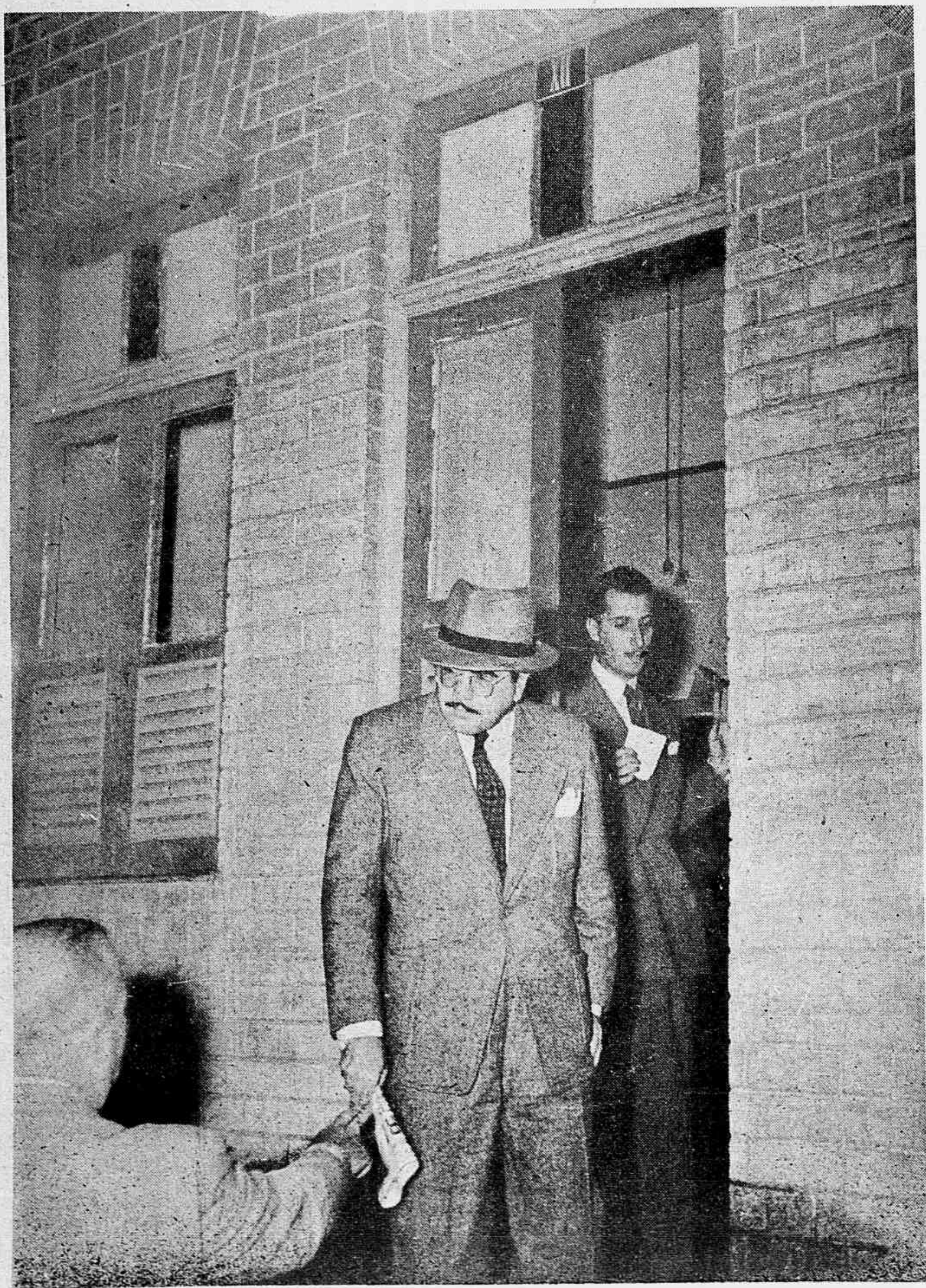
Outro flagrante dos moradores da rua Almirante Alexandrino, 590. Cada família mora num cubículo. O almoço é feito do lado de fora, bastando dois tijolos e um caldeirão para cozinhar o feijão de todos os dias. Um higienista ficaria horrorizado com as condições do cortiço. Não existe nada menos convidativo para se morar. Apesar disso, têm contra eles um processo de despejo.



Os moradores de cortiços não são malandros ou parasitas. Quando chegamos, esses dois pretos estavam trabalhando e assim estiveram até que partimos. Mais da metade dos moradores de cortiços é composta de crianças. Para elas, o dia de despejo, com os oficiais de justiça, trastes na rua, val-e-vem dos pais, é um dia de festa.



O senhor Manoel Ferreira dos Santos, autor de uma ação de despejo, diz pateticamente para o juiz da 8.ª Vara Cível: — "Doutor, eu preciso da casa! Neste comodo moram minha filha e meu filho, ambos crescidos, porque não temos mais espaço". A falta de habitação traz problemas de toda a ordem.



Neste instantâneo, o juiz Carlos de Oliveira Ramos aparece quando deixava a casa de um inquilino. De costas para a objetiva, o advogado Câmara Lima parece dizer: — "Senhor juiz, eu não lhe garanto que o meu constituinte tinha razão! Esse, senhor juiz, é um despejo desnecessário!"

AS VISITAS DO SENHOR JUIZ

O dr. Carlos de Oliveira Ramos tem um espírito liberal e daí o valor de suas afirmações quando faz ver a necessidade da intervenção governamental para evitar a ganância dos "tubarões" imobiliários. Basta dizer que s.s. não concede um despejo sem antes visitar pessoalmente a moradia do locatário e a do locador e averiguar as possibilidades econômicas de cada um. Acompanhamo-lo em uma dessas diligências, por gentileza sua e de seu auxiliar, o sr. Guaraná, escrevente do Cartório da 8ª Vara Cível. Tratava-se de uma ação de despejo movida pelo sr. Manoel Ferreira dos Santos contra o sr. Antônio Andrade Costa. O sr. Manoel, motorista de praça, comprara há um ano uma pequena casa numa vila da rua Dona Mariana e, como residisse em dois cômodos, sem conforto, com sua família de quatro pessoas, pediu a casa ao inquilino. O processo transitou durante um ano pelo Fôro e finalmente chegou o dia da diligência judicial. O magistrado visitou a casa ocupada pelo inquilino, viu as dimensões (dois quartos e duas salas), soube de quantas pessoas moravam (duas, apenas). Daí rumou para a residência do proprietário. Novas arguições. Quantos moram, etc. Nessa ocasião aconteceu um fato curioso: o "chauffeur" Manuel, que reside em dois cômodos da rua da Passagem, está, por sua vez, com ordem de despejo amigável do dono da casa. Um verdadeiro círculo vicioso. Naturalmente se o sr. Antônio Andrade Costa possuísse também um imóvel, estaria tratando de tirar de lá o seu inquilino. De todos os casos que observamos de ações de despejo — e vimos dezenas deles no decorrer da reportagem — esse foi o único que nos pareceu justo. O locador, nessa única ocasião, estava realmente mais necessitado que o inquilino. E' a exceção que confirma a regra.

TRAGÉDIAS DE TODOS OS DIAS

Nos corredores do quinto andar do Forum vê-se a todo momento escreventes e advogados que passam apressados com processos de despejos debaixo do braço. Fomos apinhando ao acaso histórias para a reportagem. Cinco pretos humildes saíram do elevador. Procuraram o juiz de determinada Vara. Souberam que a audiência fôra transferida porque o autor da ação não comparecera. O caso deles nos foi contado em parte pelo advogado da questão (advogado gratuito), em parte pelo próprio sr. Domingos de Jesus, um velhinho de quase oitenta anos. Compraram em 1930 do sr. Heitor de Almeida Gonçalves um pequeno terreno, próximo à estação de Colégio. Pagaram até hoje, religiosamente, a mensalidade de quatrocentos e sessenta e três cruzeiros. No terreno construíram uma pequena casa, na qual moram quinze pessoas, sendo seis crianças. Há tempos — segundo nos contou o advogado — o proprietário pediu ao comprador que levasse ao seu escritório os documentos da transação. Esse lhe declarou que perdera o recibo inicial, no qual ficara assentada a compra do terreno. Aproveitando-se disso, o proprietário requereu o despejo do comprador, como se fosse este um simples inquilino, alegando, para tal, impontualidade nos pagamentos das prestações — que ele se recusou a receber. O advogado dos pretos, em sua defesa, diz textualmente ao juiz: "O autor, homem sem escrúpulos, useiro e vezeiro em dar esses golpes, aproveitou-se não só de ser o réu analfabeto como também de boa fé". Para rematar esta história dolorosa, — ao mesmo tempo autêntica, — basta dizer que depois de ter o proprietário requerido o despejo do seu promitente comprador, alegando ser esse um inquilino impontual, o "inquilino" achou o recibo inicial da compra. Agora cumpre à Justiça dar a penalidade máxima para quem é "useiro e vezeiro nesses golpes".

DESPEJO NO MORRO GRANFINO

Um recorte de jornal nos levou à rua Almirante Alexandrino nº 590, onde, dizia o matutino, existia um cortiço cujos moradores tinham recebido ordem de despejo. Custamos a encontrar o barracão. Está construído muito abaixo da rua, na meia encosta do morro. Moram ali trinta famílias, aproximadamente. O proprietário é o sr. Emílio Turano, grande possuidor de imóveis na Capital. Fronteiro a esta encosta fica situado o "morro Turano", no qual vários faveleiros já foram despejados a bala, por ordem, segundo consta, do mesmo proprietário. O cortiço da rua Almirante Alexandrino é dos mais miseráveis que já vimos. Seus habitantes, na maioria lavadeiras e pequenos operários, vivem apertados em quartos imundos. O proprietário, por intermédio do sr. Arão Cupite, tem exercido toda sorte de ameaças para que os inquilinos abandonem o prédio. Chegou mesmo a demolir alguns quartos, obrigando os seus moradores a procurarem melhor refúgio. Para que desejará o sr. Turano aquele local? Para construir algum edifício de apartamentos caros? Pouco provável. Em todo caso, compete ao juiz da 10ª Vara Cível observar cuidadosamente o caso antes de pôr ao relento as vinte e tantas pessoas que ainda moram naqueles escombros. São inquilinos que pagam cinquenta e oitenta cruzeiros mensais e, desabrigados, irão aumentar o número de indigentes da cidade, senão o número de criminosos circunstanciais.

A INTERVENÇÃO DA CAMARA

Muitos dos deputados que se batem em favor de condições que melhor assegurem os direitos do inquilino, dentro do projeto de lei que leva o nome de Lei do Inquilinato, têm sido acusados de demagogos. Acreditamos que a eles

pouco importam os rancores dos senhores gananciosos, cujo representante-mor na Câmara, o deputado milionário Eduardo Duvivier, tem, infelizmente, companheiros nos seus projetos. E' claro que a Lei do Inquilinato não resolverá o problema da falta de moradia. Ninguém contesta isto, mesmo porque ninguém o afirma. O que a Câmara procura fazer é garantir ao inquilino moradia certa, desde que o mesmo cumpra suas obrigações e desde que o proprietário não possua razão suficiente para desalojá-lo do imóvel. Conhecemos um caso concreto. Dona Palmira Madeira foi morar no apartamento 301 da rua Barata Ribeiro nº 630, há sete anos. Paga setecentos e poucos cruzeiros por um imóvel de dois quartos e uma sala. O aluguel parece hoje à proprietária muito barato, mas ela se esquece de que o mesmo aluguel há sete anos era bastante caro. Tentou a locadora, que é proprietária de todo o edifício e mora num apartamento do mesmo, despejar aquela inquilina sob a alegação de que esta ofendia a moral pública (?). A Justiça negou-lhe o pedido. Propôs nova ação, agora argumentando que o apartamento seria destinado para uma filha que iria casar-se (que por sinal vivia confortavelmente num hotel). Nesse interim a Câmara aprova um decreto-lei estabelecendo que o proprietário só poderia pedir o imóvel para uso próprio. A senhoria perdeu novamente, mas perseverou na sua ambição. Mudou-se do apartamento, vindo morar no mesmo a sua filha. Passou seis meses numa pensão e pediu novamente o despejo de dona Palmira, sob o fundamento de que ela, a proprietária, iria residir no apartamento em questão. Entretanto, a Câmara já se adiantara na legislação e, enquanto corria a terceira ação, saiu o decreto-lei determinando que proprietário possuidor de mais de um imóvel não poderia despejar o inquilino. E novamente a proprietária viu ruir os seus projetos. Para impedir fraudes semelhantes é que os deputados Café Filho, Dioclécio Duarte, Segadas Viana e alguns outros se batem pelos direitos dos inquilinos.

COM A PALAVRA OS PROMOTORES DE DESPEJO

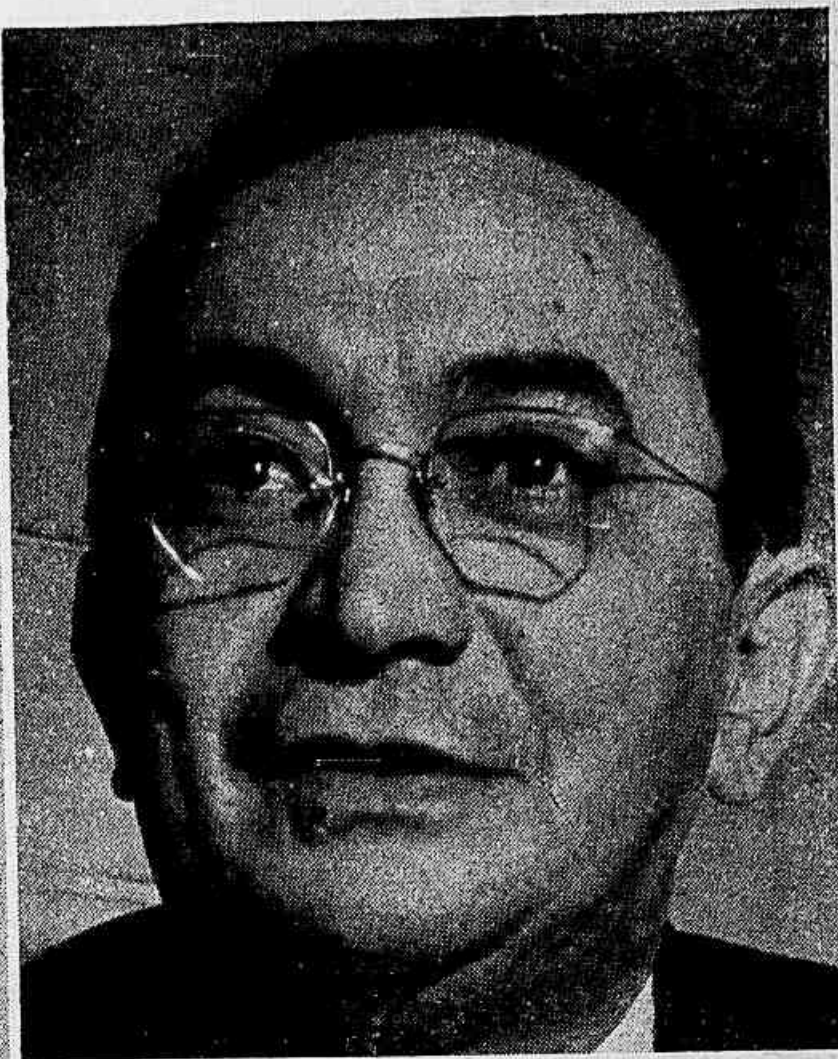
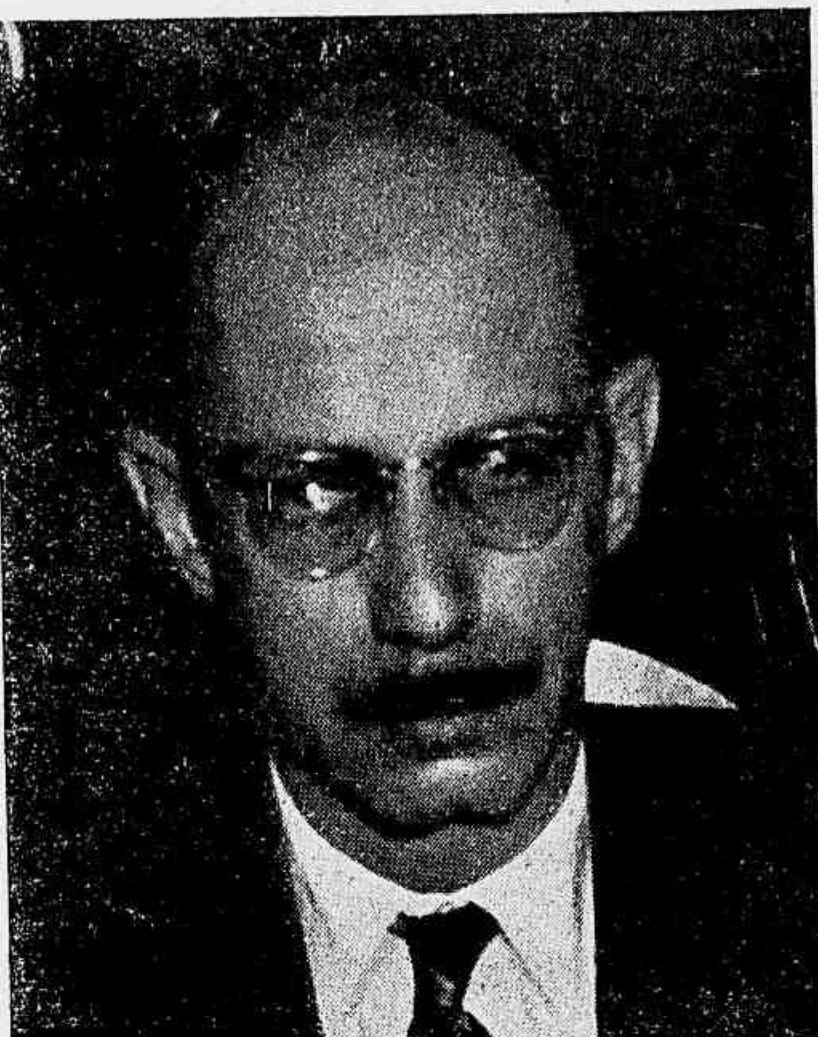
Certos advogados, diante da venalidade de certas ações de despejo, tomaram por norma aceitar apenas a defesa do inquilino. E' claro que nem todos fazem assim, nem têm a obrigação de assim agir, mas isto mostra como essa faculdade judicial está desmoralizada perante a maioria. Falamos a dois conhecidos advogados do nosso Fôro, os drs. Edgar Pinto Lima, criminalista de renome e o jovem causídico Agenor Caúla. O primeiro opinou que o decreto 24.150, regulador das locações para fins comerciais e industriais, é odioso e extinguiu quase por completo o direito de propriedade, enriquecendo o comerciante, em detrimento do proprietário. Por outro lado, declara-nos o dr. Pinto Lima, são aceitáveis, com rescrições, as leis sobre locações domiciliares, como um paliativo de emergência.

— "A nossa clássica incapacidade administrativa levou anos destruindo prédios sem nada construir — diz-nos ele. Cumpre agora ao Governo a iniciativa com as seguintes resoluções básicas: importação de cimento e outros materiais de construção com isenção de tarifas alfandegárias; reabertura do financiamento e crédito imobiliário; construir ele mesmo dentro de um plano, sem burocracia, etc. Sem isso teremos leis paradoxais, favorecendo o crime: câmbio negro, extorsão, prevaricação e até mesmo a criminalidade de sangue."

O dr. Agenor Caúla, entre outras coisas, declarou-nos: — "O bom senso indica que nunca existiu, nem existe, no Rio crise de habitação. O que existe é uma guerra constante dos proprietários contra os inquilinos, aqueles exigindo luvas cada vez maiores pela locação. Para que tal estado de coisas fosse atenuado, — e quem sabe mesmo se extinto? — bastaria que a locação de todos os imóveis da cidade ficasse a cargo, em cada bairro, de um distrito policial especializado, agindo como intermediário entre o locador e o locatário. Claro que o bom êxito dependeria de um intermediário honesto e que tivesse como principal escopo servir à comunidade."

A HISTÓRIA SE REPETE

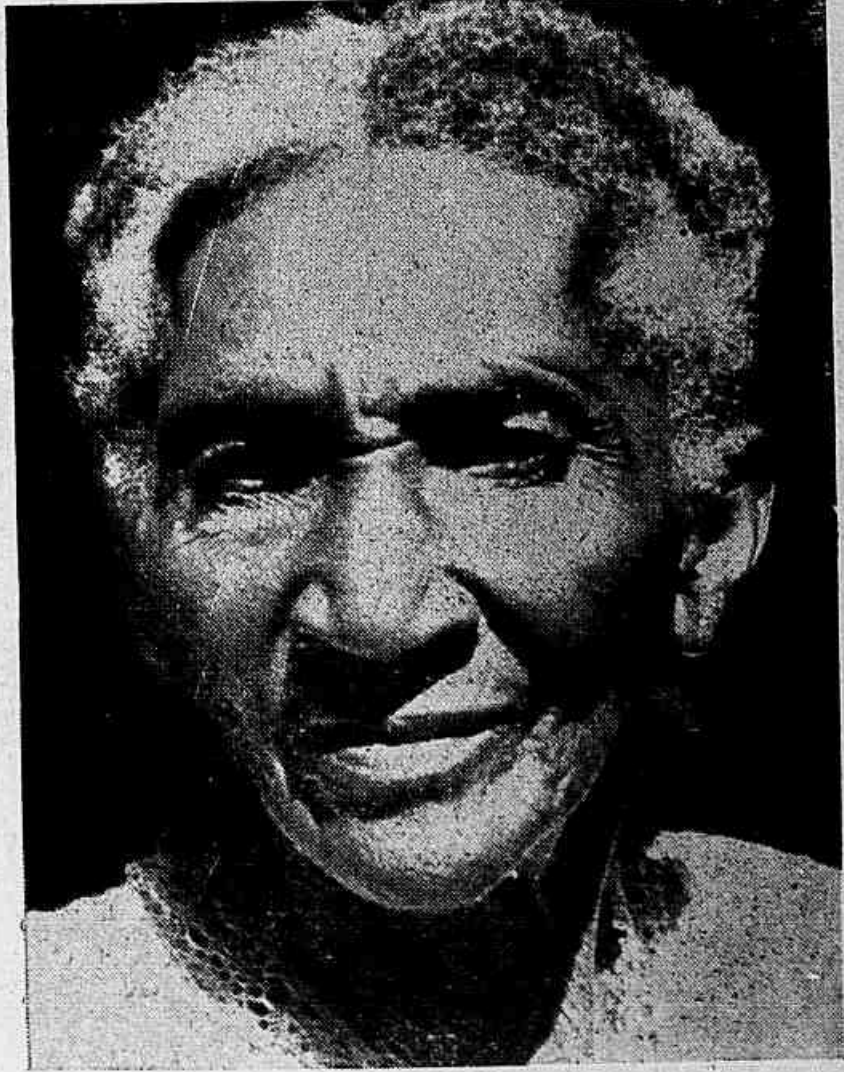
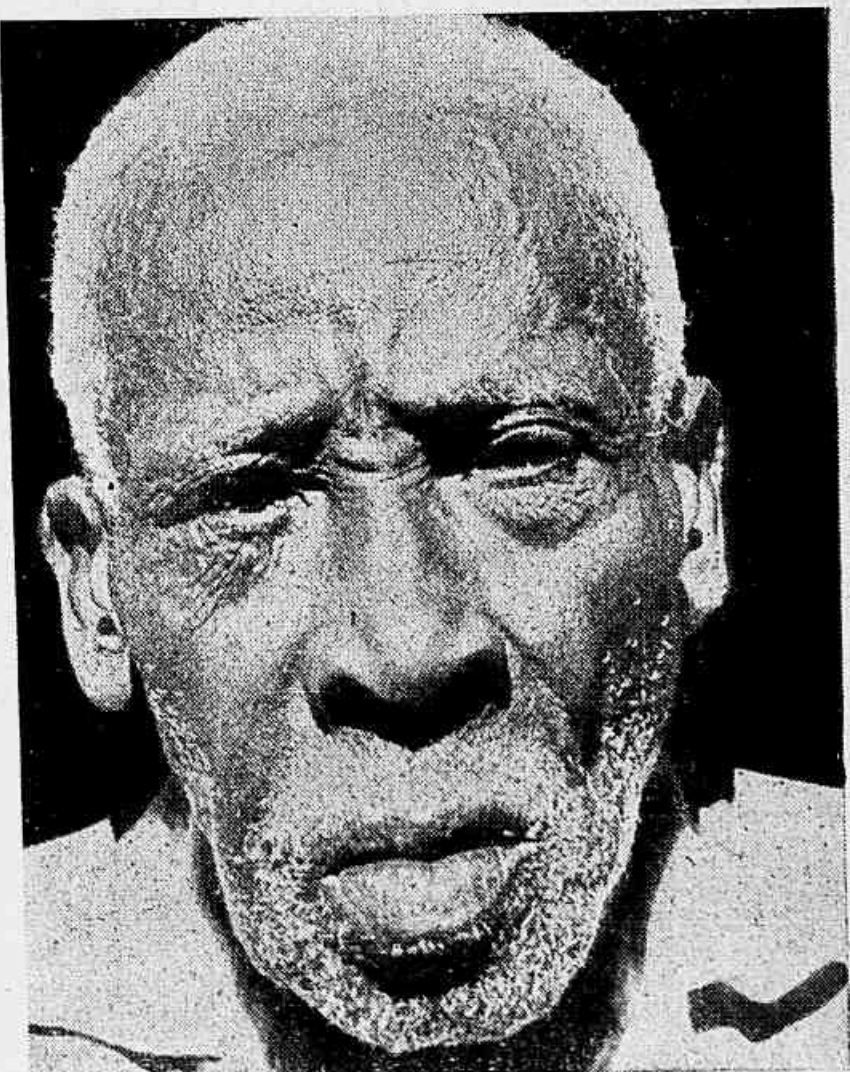
Como se vê, as opiniões são várias a respeito de como resolver a crise. Alguns, principalmente os proprietários, capitalistas e pessoas bens instaladas na vida, acham que leis garantindo o inquilino e sustando temporariamente o despejo não resolvem. Somente construir, a fim de que a lei da oferta e da procura solucione por si mesma o problema. Os inquilinos e seus advogados compreendem a necessidade de um grande plano de edificação, mas, enquanto isto, esperam qualquer coisa que os livre de um despejo injusto. Enquanto o resultado não se esclarece, as ações de despejos chovem diariamente nas quatorze Varas Cíveis com uma intensidade crescente. Se não houver um paradeiro, se os juizes não estiverem vigilantes, voltaremos ao tempo da chegada ao Brasil de D. João VI e sua corte esbaforida. Com a sua vinda intempestiva, em 7 de março de 1808, as acomodações da cidade foram insuficientes para o número de fidalgos da comitiva. Mas D. João VI não titubeou. Escolheu as melhores casas da cidade e mandou pintar na porta duas grandes letras — P. R. — que significavam "Príncipe Regente". Isto queria dizer que os seus ocupantes deveriam deixá-la imediatamente, pois seria ocupada por alguém da corte. O povo não gostou da brincadeira e, em sinal de protesto, traduziu o P.R. como "Ponha-se na rua". Atualmente não temos fidalgos de sangue azul, mas os "tubarões" estão escrevendo em centenas de apartamentos do Rio, com tinta invisível, um imperativo P.R. Se as autoridades não nos socorrem, iremos todos, brevemente, morar na rua.



Na foto acima aparecem os deputados Segadas Viana (à esquerda) e Café Filho, que ao lado de outros, como o senhor Dioclécio Duarte, têm mantido no plenário da Câmara uma luta sem tréguas em favor dos inquilinos e contra a ganância de certos proprietários. Os donos de apartamentos têm também os seus defensores, como o deputado Duvivier, que é por sua vez um grande proprietário.



A esquerda: o advogado Agenor de Queiroz Caúla, que nos garantiu: "Não existe, nunca existiu crise de habitação". A direita, o causídico Edgar Pinto Lima, que nos disse: "O Direito atual já não satisfaz a certos fatos atuais. Por isso torna-se necessária a socialização do Direito".



Esses dois velhinhos moram na longínqua rua Ibirapuitam, próxima à estação de Colégio. Pagavam com os seus pequenos salários e o de um filho uma prestação mensal pela compra do terreno onde construíram uma casinha. Como tivessem perdido o recibo inicial, onde se falava na venda, o proprietário quer despejá-los, como se fossem apenas inquilinos... de um terreno.



— Desejam alguma coisa?



— Sou uma simples dona de casa...

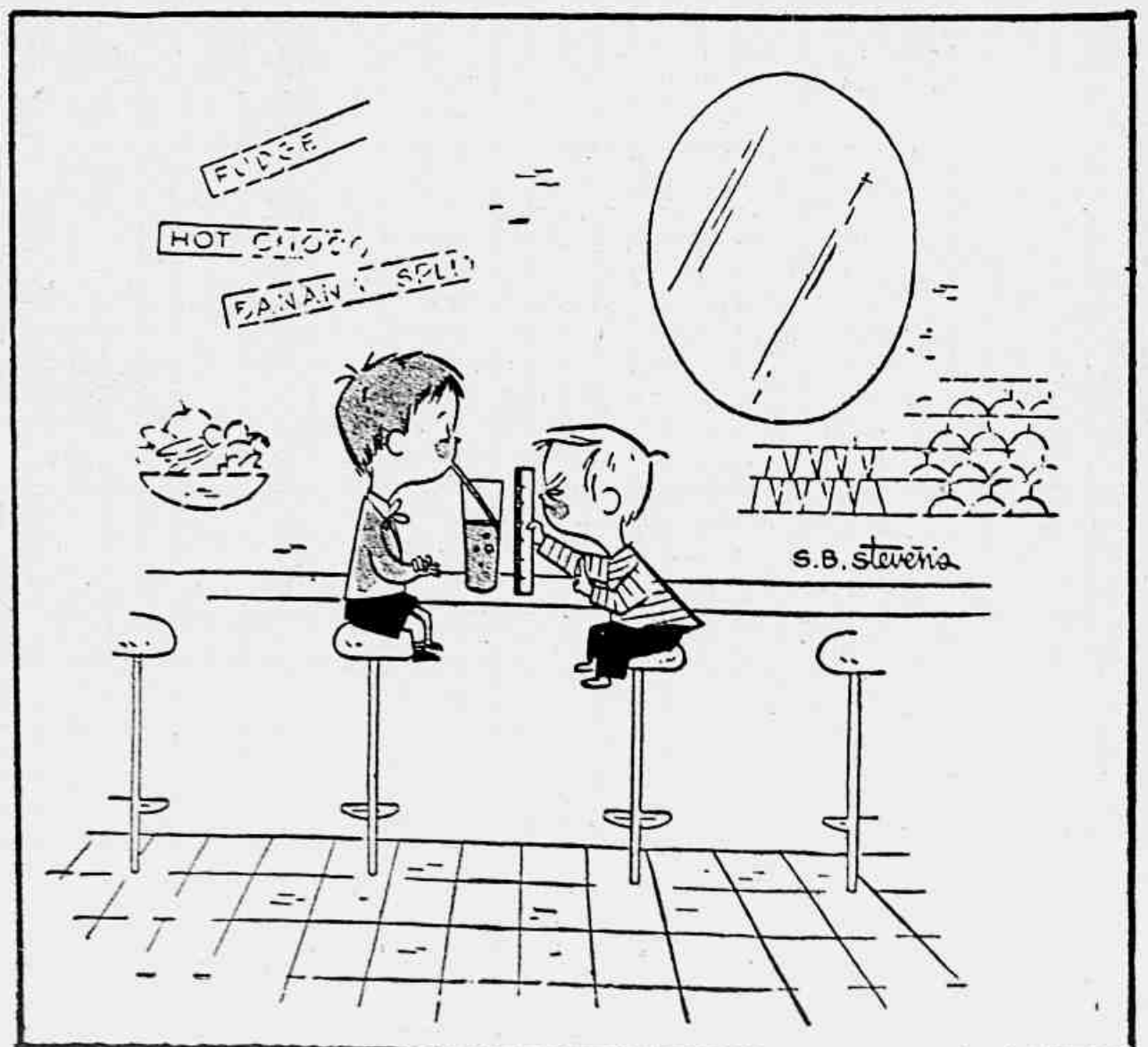


— Mamãe! A senhora andou se chafurdando na lama outra vez!

BOM HUMOR



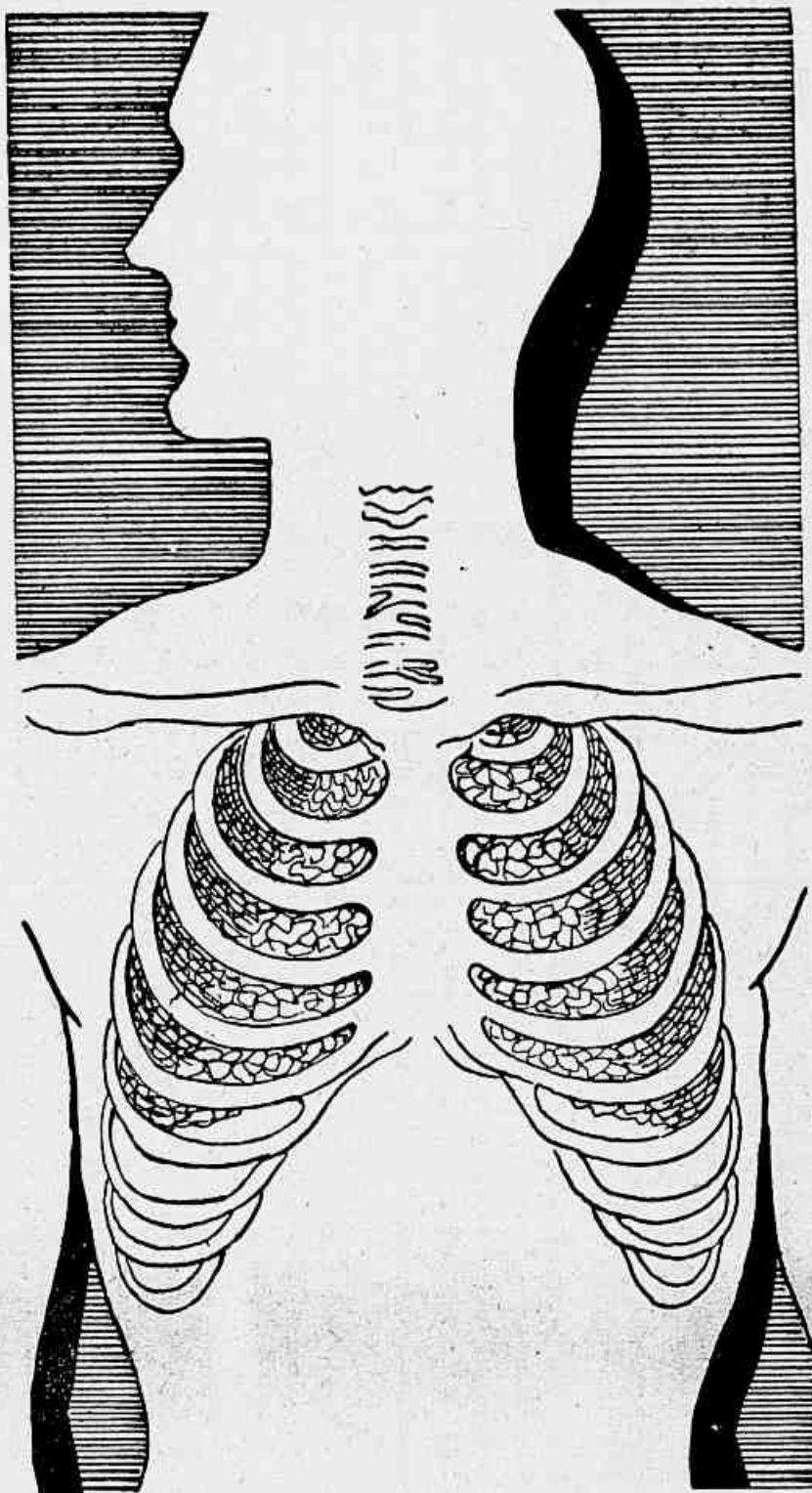
— So tomei uma aula, papai... Depois da décima, estarei tocando com todos os dedos...



A Tuberculose PODE ser dominada!



O diagnóstico precoce da tuberculose, é a melhor arma para combatê-la!



A radiografia dos pulmões pode denunciar prematuramente a tuberculose, antes que outros sintomas a revelem:



Previna sua família contra os que têm tosse crônica.

Eis como em alguns lugares vem sendo levada vitoriosamente a luta contra a tuberculose:

1. Emprêgo de novos métodos para descobrir a doença logo no começo.
2. Educação do povo sobre a disseminação da doença.
3. Isolamento do doente.
4. Prevenção contra o uso de objetos capazes de disseminar os germes... procedentes de lesões abertas, do escarro, do manuseio de alimentos e utensílios domésticos, etc.

Medidas como essas têm diminuído o índice de mortalidade pela tuberculose nos últimos 30 anos em certas zonas. E o índice continua a baixar!

Você estará a salvo se... Se fizer exames médicos regulares, incluindo a radiografia dos pulmões. Lembre-se de que, se descoberta no início, a tuberculose é geralmente curável. Se você, ou pessoas de sua família, têm estado em contato com tuberculosos, é aconselhável procurar logo o seu médico, para tirar uma radiografia dos pulmões. Se ele encontrar indícios de tuberculose, siga rigorosamente as suas instruções. Ele pode ajudá-lo a prevenir-se contra a infecção, permitindo-lhe uma vida produtiva e feliz. Marque a sua consulta ainda hoje. Não facilite.

Cuidado com os "portadores" de tuberculose. Milhares de pessoas se movimentam entre nós com tuberculose crônica, sem o saber! (E isto é mais comum entre pessoas idosas com asma ou bronquite). Como a tuberculose é muito contagiosa, essas pessoas são um perigo para a própria família, para os amigos, para si mesmas. Meninos e meninas — estas especialmente — são particularmente susceptíveis.

Sintomas: cansaço, palpitações, febre vespéral, indigestão, perda de apetite e de peso, suores noturnos, tosse sem causa aparente.

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

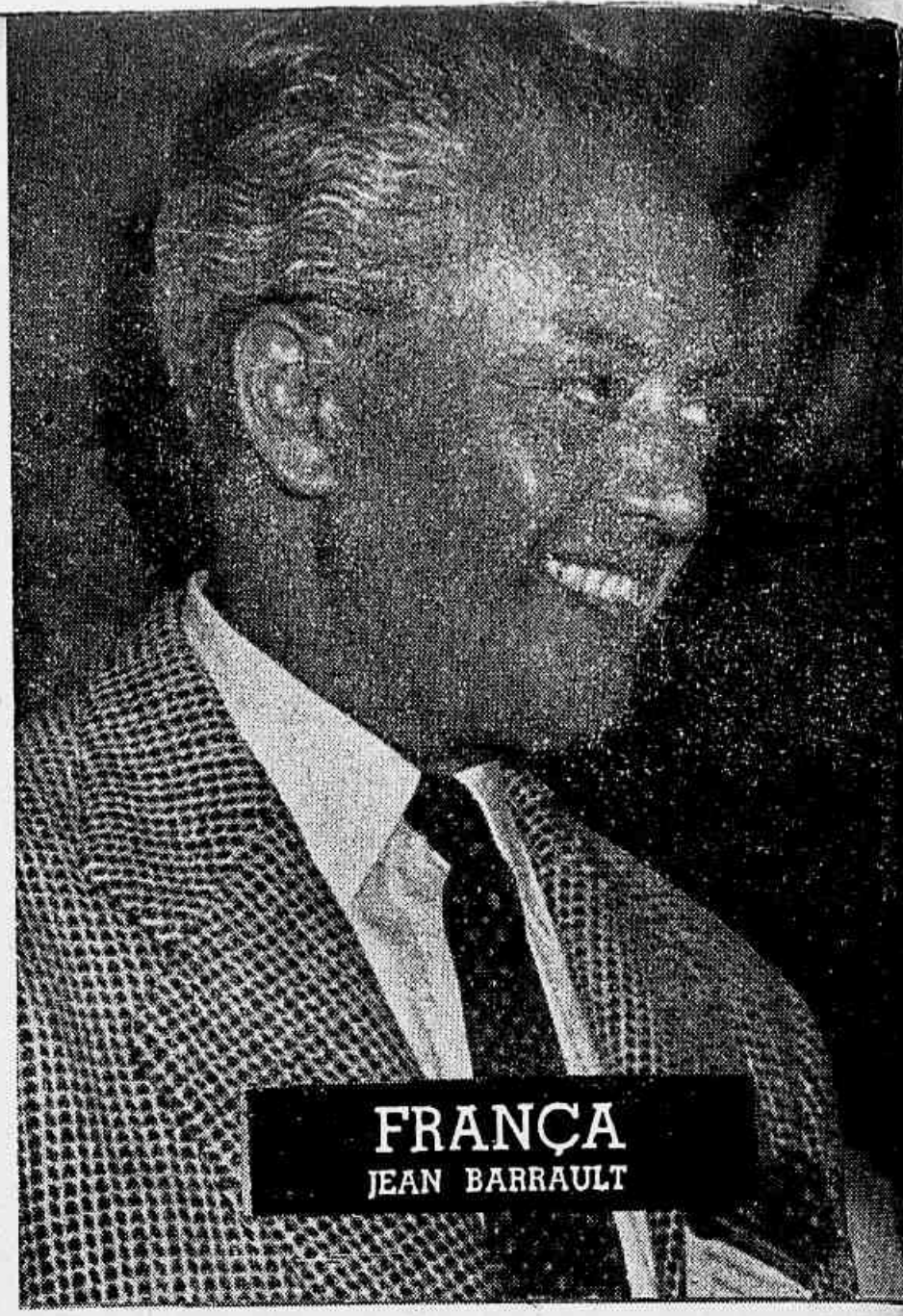
PRODUTOS FARMACÊUTICOS



ESTADOS UNIDOS
LUTHER HODGES



INDIA
JAI BUSARA



FRANCA
JEAN BARRAULT



PORTUGAL
JÚLIO PEREIRA LOURENÇO



CANADA
PERDUE GORDON



MEXICO
RODRIGO MONTES DE OCA



CHILE
GABRIEL BOBADILLA



ARGENTINA
SALVADOR DAMIANI



PERU
FERNANDO CARBAJAL

A INTERNACIONAL ROTARIANA

HOMENS DE RAÇAS E PAÍSES OS MAIS DIVERSOS VIERAM CONFRATERNIZAR NO RIO DE JANEIRO EM TÔRNO DOS MESMOS IDEAIS — O ÊXITO COMERCIAL OBTIDO

Reportagem de
MARCELO TÔRRES

Fotos de
A. VIEIRA

NA reportagem anterior sobre a 39ª Convenção Anual Rotariana falamos do aspecto geral da conferência, da sua contribuição para a preservação da paz mundial, do seu aspecto como incremento de turismo e como estímulo à expansão das relações profissionais entre os rotarianos de diversos países. Em primeiro lugar, talvez, a maior contribuição seja o espírito pacifista e construtivo das suas realizações. É um benefício cujos resultados não se percebe instantaneamente. É semente que fica plantada para frutificar mais tarde. Suas sessões durante os cinco dias de convenção tinham por tema assuntos como estes: "Que pode o Rotary fazer para incentivar a paz mundial?" — "Quais os melhores incentivos para aumentar a produção?" ou "Qual é a minha responsabilidade pessoal em promover a paz mundial?". Um milhão de pessoas filiadas a essa organização acompanhou nos oitenta países do mundo os discursos e os resultados dessas conferências. Governos democratas e fascistas das quatro partes do planeta souberam de como esses representantes profissionais sentem os problemas do mundo e suas idéias para resolvê-los. Outro resultado da visita dos rotarianos, este imediato e visível, foi o incremento turístico de sua estada entre nós. Recebidos como o foram, levados a todos os pontos pitorescos da cidade, convivendo com o que temos de mais representativo do nosso mundo de trabalho, levarão para os trinta e seis países de onde vieram a mais grata das impressões. E esta propaganda é a melhor de todas. Após as convenções do Rotary Internacional realizadas há tempos na cidade do México e em Havana, Cuba, a corrente migratória aumentou instantaneamente para aqueles países. O comércio do Rio sentiu também a sua passagem. O jornalista Spencer Hagen, rotariano muito conhecido de Chicago, garantiu-nos que os mil norte-americanos que aqui estiveram gastaram em viagem, hospedagem, "souvenirs" e outras despesas dois mil dólares por pessoa. Um movimento de dois milhões de dólares, ou sejam quarenta milhões de cruzeiros, aproximadamente, somente com os rotarianos dos Estados Unidos. Insistimos, porém, no aspecto especificamente pacifista e construtivo da Convenção. O Brasil, promovendo a reunião dos delegados de tantos lugares do mundo, criou para si um ambiente de simpatia e fraternidade entre os mesmos e prestou um inestimável auxílio a causa da paz mundial. A Convenção, como se vê, não constou somente de festas, banquetes e bailes. Isso era um interlúdio entremendo o debate dos graves problemas. O ministro Osvaldo Aranha, no seu discurso durante a sessão de encerramento da Convenção, disse que "Rotary é um dos denominadores da paz". Abrigando-os, o Brasil poderá dizer que colabora praticamente na resolução desse grave problema, que é o estabelecimento da paz mundial.

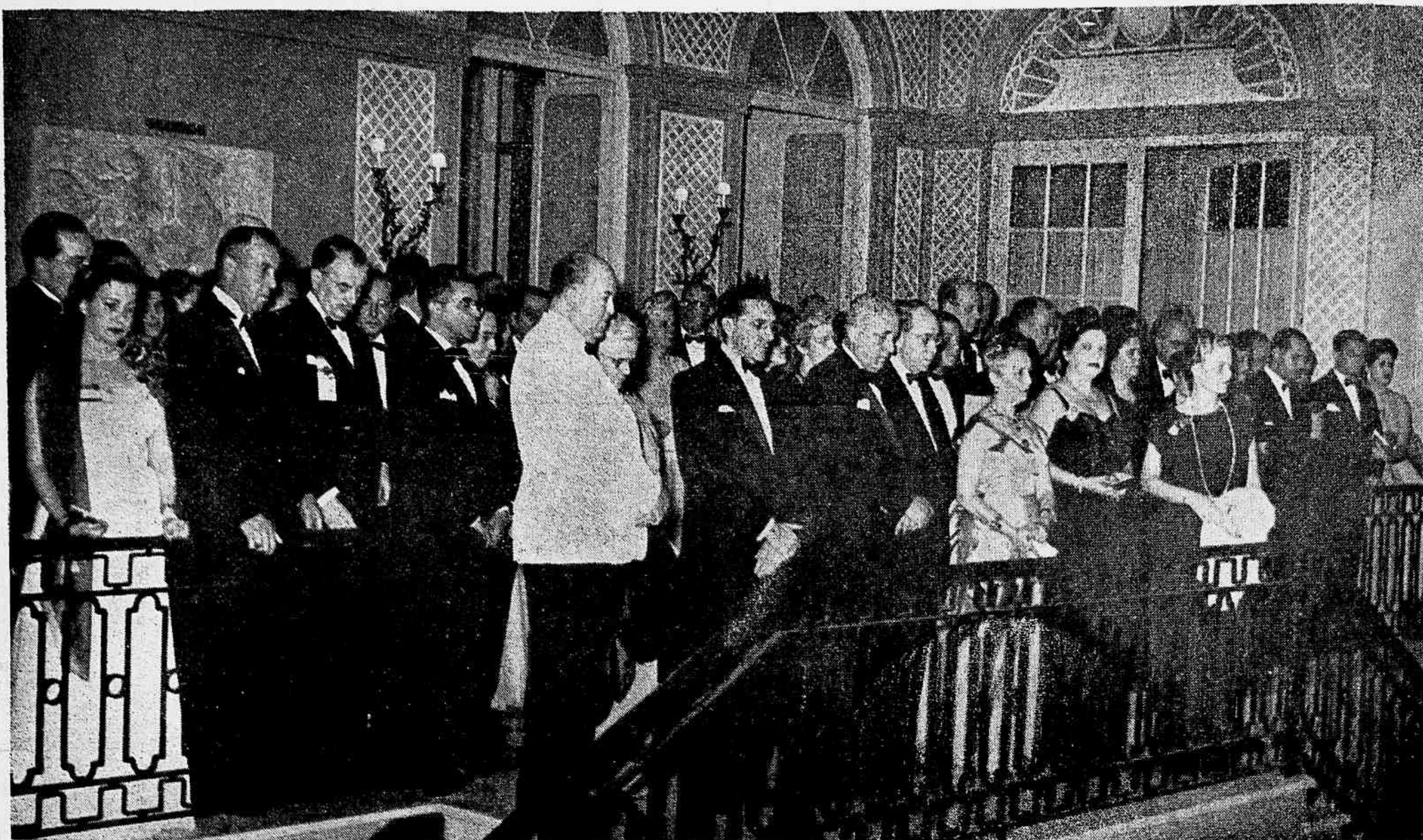
Entre os representantes que nos visitaram, encontravam-se pessoas oriundas dos mais distantes países, tais como Índia, China, Dinamarca, Hawaii, África do Sul, Nova Zelândia, Rodésia, São Salvador, Noruega, etc. Todos conhecendo pela primeira vez os céus e as gentes desse país dos trópicos. Conversamos com um chinês de Hong-Kong, o sr. Hsiung Tsai, que veio acompanhado da mulher e filho. Somente o sr. Tsai fala inglês. A família exprime-se num dos muitos dialetos da China. O sr. Tsai é exportador de seda, principalmente para São Francisco, na América. De passagem pelos Estados Unidos conheceu a seda brasileira e o que mais lhe impressionou no nosso produto foi a beleza das cores. Entrou imediatamente em contacto com industriais brasileiros e começará a importar algodão e óleos vegetais do Brasil. Esta é uma das vantagens da Convenção. O fomento imediato do comércio entre os representantes profissionais que hospedamos e o comércio e indústria locais. Confirmando a diversidade de religião dos agremiados, o sr. Tsai é um dos muitos confucionistas que pertencem ao clube de Paul Harris. Outro tipo curioso, para nós que nunca saímos do Brasil, foi o encontro com o vereador de Bombaim, Índia, dr. Jal Bulsara. O edil indiano estava maravilhado com a cidade, que se parece bastante com Bombaim, quanto à parte geográfica — terra, um pouco de planície e as montanhas ao fundo. Visitará, se possível, todos os nossos serviços municipais, a fim de colher ensinamentos para a sua cidade. — Quero visitar, principalmente, o serviço de colheita e distribuição d'água — disse-nos ele. — O senhor não imagina como Bombaim sofre com a permanente falta d'água.

Um colega que assistia à entrevista comentou: — Papagaio, até nisso as duas cidades são parecidas! Outro tipo bizarro que encontramos, entre os muitos que nos visitaram, foi o mexicano Rodrigo Montes de Oca, fabricante de "sombremos" na cidade de México. — Fabricante e exportador há cinquenta e dois anos — diz-nos com orgulho. Não teve até agora comércio com o Brasil. Vai iniciá-lo agora. Apresentou-nos, naquele momento, o brasileiro José Luis Fernandes Braga, sócio de uma grande fábrica de chapéus do Rio, com o qual entrou em negociações. Outro resultado flagrante do sucesso comercial da 39ª Convenção do Rotary Internacional.

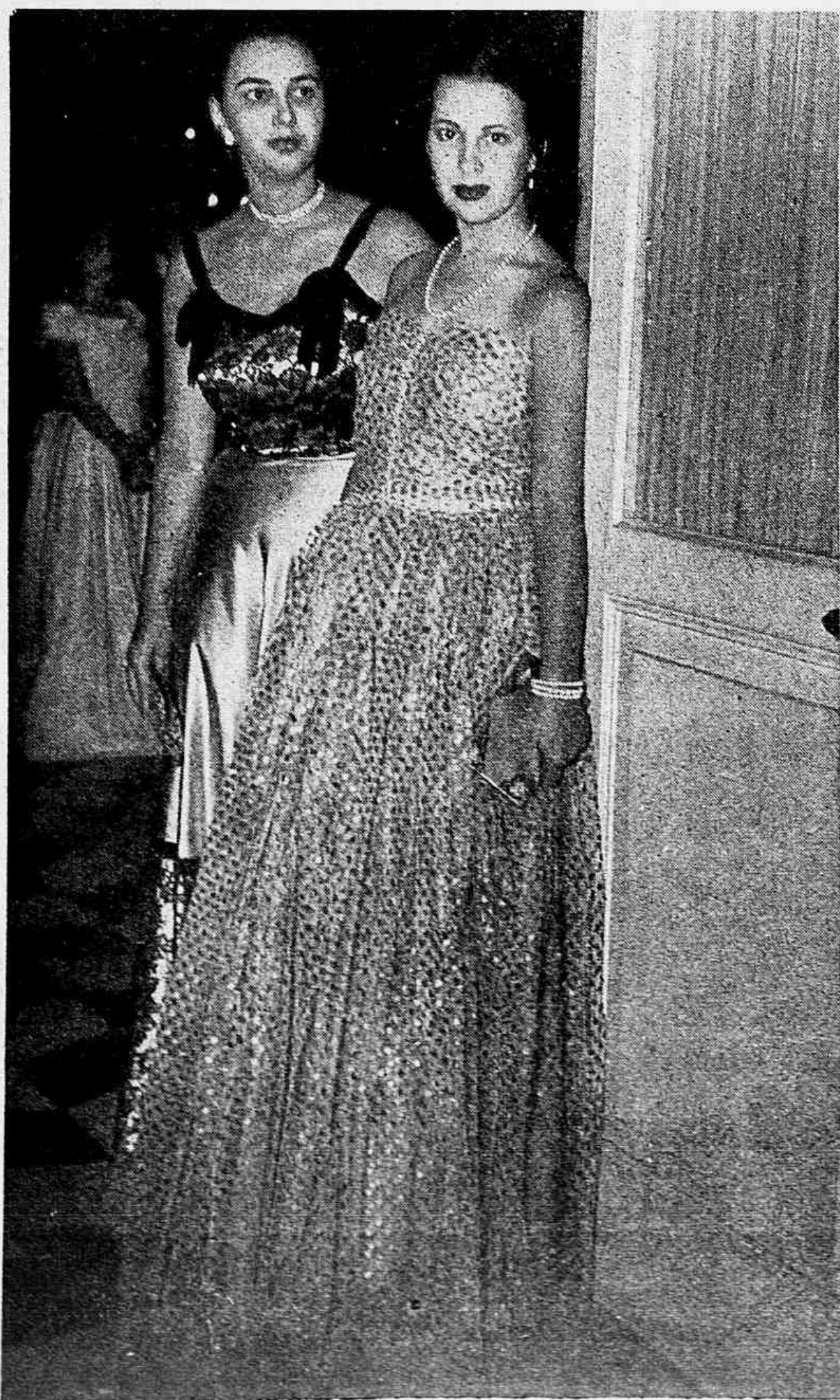


Em cima: Uma família chinesa que veio especialmente de Hong-Kong para a Convenção do Rotary do Rio: o senhor Hsiung Tsai, senhora e filho. O senhor Tsai é exportador de seda e até a sua vinda ao Rio nunca tivera negócios com o Brasil. Tem interesse em trocar seda chinesa por tecidos de algodão nacional. Em baixo, as duas netas rotarianas que se apresentaram na Convenção. À esquerda, aparece a menina Maria Cristina (2 anos), filha dos senhores rotarianos que se apresentaram na Convenção. À direita, a menina Marilza Inglês de Souza (3 anos), filha do doutor do casal Margarida-Delfino Lustosa, do Rio. À esquerda, a menina Marilza Inglês de Souza, de Sorocaba, São Paulo.





Nesta página e na página ao lado apresentamos vários aspectos do Baile de Gala que encerrou brilhantemente o programa mundano da Convenção Rotária. Foi oferecido pelo senhor Prefeito Angelo Mendes de Moraes e senhora e realizou-se nos salões do Palácio Guanabara. O baile reuniu a alta sociedade carioca e ultrapassou em esplendor tôdas as reuniões realizadas até então na cidade, no corrente ano. As senhoras dos rotarianos vindos dos mais distantes lugares (Noruega, Canadá, Holanda, Tchecoslováquia, China, etc.) confraternizaram durante aquela noite de despedida com a mulher brasileira. Trinta e seis países estiveram representados nos salões de baile do Palácio Guanabara. O senhor prefeito soube proporcionar aos hóspedes da Convenção um adeus que deixou saudades em todos eles.





A VIDA DE DANIEL DEFOE

(1661-1731)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

«ESTE homem», observou um contemporâneo de Daniel Defoe, «teve como pais o azougue e o diabo». Realmente, o autor de «Robinson Crusoe» foi um dos homens mais inquietos de sua geração, e sua inquietação nem sempre seguiu propriamente as pegadas dos anjos. Durante toda a vida procurou servir a dois senhores: Deus e o Ouro, e dividindo assim suas homenagens não logrou servir a nenhum deles com suficiente devoção. Educado para o ministério sacro, preferiu dedicar-se aos negócios. Em sua agitada carreira de comerciante, vendeu lãs e meias, vinho e ostras, tijolos e telhas, casas e idéias. Tratou de política, consumiu-se na prisão e esteve no pelourinho. Visitou as casas dos poderosos — geralmente pela porta dos fundos — e andou com rebeldes e párias. Como dissidente, desafiou os príncipes e prestou-lhes serviços como espião. Fez fortuna em diferentes ocasiões e morreu escondido, fugindo dos credores. Escreveu mais de trezentos livros dos quais apenas três — «Robinson Crusoe», «Moll Flanders» e «O diário do ano da peste» — são lidos ainda hoje. Foi, em suma, uma mistura de quase todas as atividades humanas, tanto boas como más — uma paisagem viva de ventos e rochedos, rios, sombras e flores — com o sol do gênio transformando uma colcha de retalhos comum num lavor finíssimo.

Mas observemos mais de perto esta personalidade que faz lembrar uma colcha de retalhos, e que se chamou Daniel Defoe.

II

Quando jovem, era conhecido como Daniel Foe, filho do fabricante de velas James Foe. Somente depois dos quarenta anos foi que começou a assinar-se D. Foe, depois Defoi e finalmente Daniel Defoe. Então, para que sua posição condissesse com o nome, comprou um escudo de armas e inventou uma árvore genealógica fictícia para provar sua nobre ascendência.

Mas seu pai jamais suspeitou que sua família pertencesse à nobreza. Criou os filhos na «salutar tradição da classe-média inglesa». Pertencia à dissidência da Igreja da Inglaterra e transmitiu à família o espírito de descontentamento. Desde a mais tenra infância, Daniel aprendeu a ser um irrequieto vagabundo e um crítico observador da vida.

Mal saíra da infância quando duas grandes tragédias desabaram sobre Londres: a grande peste de 1665 e o grande incêndio de 1666. A família Foe saiu dessas duas tragédias incólume mas apavorada. «A vida é uma fuga constante do perigo».

E um esforço constante por fortificar-se contra o perigo. O perigo da morte e o perigo da pobreza. A peste e o incêndio tinham levado a fome a milhares de lares. Os Foe nunca haviam de permitir que essa tragédia surgisse diante deles: «Meu filho, lute contra a miséria; lute contra ela a vida inteira».

E o próprio James Foe lutou contra ela, saindo-se relativamente bem nessa luta. Trocou o seu comércio de velas por um açougue e achou que era mais lucrativo vender carne do que luz. Não estava em condições de dar uma boa educação a seus filhos. Mandou Daniel para um colégio particular. «Quero que sejas ministro», disse-lhe. «Se não deres para o ministério eclesiástico, serás comerciante. Em qualquer caso, o que quero é que te tornes um homem próspero».

Seguindo o conselho paterno, Daniel decidiu-se pelo comércio. A estrada do triunfo seria muito difícil para um ministro da Igreja Dissidente. E assim, aos vinte anos, encontramo-lo visitando as lojas de Londres como representante de uma fábrica de meias, um jovem enérgico, cheio de idéias mas vazio de dinheiro. Ao lado de sua atividade principal, negociava em «fumo e bebidas, panos e ostras, cachimbos e rapé». Tudo era grão para o moinho de sua ambição financeira.

Era um jovem de vigoroso talento e idéias positivas. Mas raramente praticava as próprias idéias. Aconselhava os outros a não se casarem muito cedo, e casou-se aos vinte e quatro anos. Este ato, contudo, foi antes um passo calculado que um gesto irrefletido, pois sua esposa lhe trouxe um dote de £ 3.700 (cerca de \$ 18.500 dólares).

Depois aconselhou os amigos a absterem-se de política, meteu-se nela. Tomou parte na rebelião de Nonmouth contra a coroa, loucura que quase lhe ia custando a vida.

Durante algum tempo ficou curado de sua rebeldia, mas não de sua temeridade. Aplicou grandes capitais em navios mercantes, comprou duas casas, uma na cidade, outra no campo, meteu-se em toda empresa arrojada de que teve notícia. («Há mais perigo», dizia, «no excesso de negócios que na falta deles».) E aos trinta e poucos anos viu-se falido, montando o seu prejuízo a £ 17.000 (\$ 85.000 dólares).

Sobreveio um período agitado de processos e demandas, acusações de perjúrio, extorsão e fraude e um último e desesperado esforço para compensar suas perdas com sua pena. Começou a mercadejar uma nova mercadoria: o pensamento. Compôs muitas poesias e panfletos mas percebeu que isso era uma fonte de renda insegura para um homem cuja família crescia sempre. Por isso voltou aos negócios. Dirigiu uma loteria oficial, serviu como contador no departamento de rendas e fez-se — estranho emprêgo para um falido — perito conselheiro na reforma do sistema monetário inglês.

Mas sua insofrida ambição achou excessivamente lentos os seus progressos como funcionário do governo. Estava ansioso para recomeçar mais uma vez por conta própria. Conseguindo dos amigos algumas centenas de libras (tinha uma lábia eficaz ao lado de uma pena fácil), abriu uma fábrica de telhas e tijolos que lhe deu resultados superiores à expectativa. Comprou uma carruagem e uma casa nova e dentro de alguns anos pagou a maior parte de suas dívidas.

E, melhor ainda, achou tempo para escrever. Arrastado por si mesmo para a literatura como uma dolorosa vocação, agora voltava-se para ela como uma aprazível distração

Escreveu dezenas de folhetos sobre todos os assuntos, desde a construção de estradas até a emancipação da mulher; diatribes contra as injustas leis inglesas («são todas umas leis «teias de aranhas» nas quais ficam presos os mosquitos e que são rompidas pelos moscões») e um poema satírico, «O inglês bem-nascido», no qual fustiga a crueldade com que os nativos da Grã-Bretanha tratavam os imigrantes estrangeiros, especialmente os holandeses.

Dêsse poema resultou-lhe certa fama e o favor do rei. E' que Guilherme III era holandês. Este «o maior e o melhor dos príncipes» (citamos palavras de Defoe) recompensou-o «além de seus méritos». O filho do fabricante de velas tornara-se, aos quarenta e um anos de idade, o conselheiro do rei.

Defoe estava com razão ufano de seu sucesso. Mas desconhecia os perigos latentes que lhe estavam reservados.

III

Até certo ponto os aborrecimentos de Defoe eram oriundos de uma estranha contradição de sua natureza. Esse dissidente, filho de um comerciante, era um paradoxo de ambição material e integridade moral. Às vezes sua ambição suplantava sua integridade, mas outras vezes esta vencida aquela. Embora nem sempre imune de dobrez com seus sócios comerciais, jamais transigiu em pontos de pureza de suas convicções religiosas.

Essa obstinada fé de puritano levou-o repetidas vezes a fazer a corte ao fracasso quando estava em plena prosperidade. No terreno político ele frequentemente vendeu sua pena, mas no religioso jamais vendeu sua consciência. Ao contrário, esteve sempre em maus lençóis devido à sua corajosa defesa da causa impopular dos dissidentes perante um parlamento hostil. Um dos seus panfletos em defesa dos dissidentes irritou tanto os membros do parlamento reacionário que foi dada ordem para sua prisão. Defoe escondeu-se, sendo então oferecida uma recompensa de £ 50 a quem o encontrasse. «E' homem de meia estatura, de cerca de 40 anos de idade, moreno, de cabelos castanho-escuros, usa chinó, tem o nariz adunco, queixo fino, olhos cinzentos e uma enorme pinta perto da boca».

Foi descoberto e a 9 de julho de 1703 condenado «a ser exposto no pelourinho três vezes, a pagar uma multa de 300 marcos e a permanecer encarcerado enquanto aprovesse à rainha Ana». O rei protetor de Defoe estava morto, vitimado por uma queda do seu cavalo.

A exibição pública no pelourinho, destinada a ser uma humilhação para Defoe, resultou em triunfo, pois a população, em vez de atirar-lhe — como era costume — ovos podres e peixe estragado, aclamou-o com vivas. Estava ali um homem que tivera a coragem de dizer o que sentia. O trajeto desde o pelourinho até a prisão foi como a marcha de um triunfador.

Quando, porém, as portas da prisão se fecharam à sua passagem, seus admiradores depressa se esqueceram de sua existência. Durante vários meses permaneceu trancado em sua cela «enquanto aprovesse à rainha Ana», — alta dignitária da Igreja, que odiava os dissidentes, — enquanto sua fábrica de tijolos se arruinava e sua família

estava a ponto de passar fome. E poderia ficar encarcerado o resto da vida se não fosse a astúcia do novo secretário de Estado, Robert Harley. Este estadista político, discordando embora dos princípios religiosos de Defoe, foi bastante hábil para tirar partido dos princípios políticos de Defoe, ou, para ser mais exato, da falta de princípios políticos de Defoe. Notara que a pena dêsse fluente panfletário era extremamente maleável versando assuntos políticos. Ora elogiava os whigs, ora os tories. Sendo um tóri, Harley estava ansioso por ganhar a simpatia dos whigs mais moderados. Propôs então a Defoe um negócio: ofereceu-lhe a liberdade em troca dos seus serviços literários.

Defoe aceitou a oferta e tornou-se o porta-voz do governo. Com a ajuda financeira de seu patrono, pôs em circulação um semanário intitulado «The Review». Defoe insistia em que o jornal era «independente de preconceitos ou partidos», mas os leitores sabiam a verdade. As palavras de «The Review» eram de Defoe, porém a voz era de Harley.

E, para dizer a verdade, Defoe não achou difícil imitar a voz de Harley, pois este era um tóri liberal, e aquele um whigs liberal. E o liberalismo, fosse qual fosse o nome com que se apresentava e em qualquer campo que se manifestava, tinha sempre a mesma cor. Defoe teve para si, e talvez não erradamente, que estava servindo a causa do seu país em seu esforço para levar os elementos mais moderados dos dois partidos a um terreno comum de mútua compreensão.

Isso tudo significava trabalho árduo, muita invectiva e pouca paga. Defoe escrevia todos os números de «The Review» do princípio ao fim, porquanto Harley não ousava confiar a mais ninguém uma tarefa tão delicada. Contudo, apesar de sua branda finca, Defoe mantinha constantemente em antagonismo os elementos

exaltados dos dois partidos. Sua vida como redator foi uma contínua batalha contra invectivas, acusações e ameaças. E contra a pobreza também Harley era um homem que pagava mais com promessas abstratas do que com metal sonante. Repetidas vezes obrigou Defoe à humilhação («Agora preciso alimentar uma família de sete filhos») de implorar o dinheiro que de há muito lhe era devido. Era do interesse de Harley conservar seu escravo sempre leal, deixando-o na constante incerteza do futuro.

Como este propósito em vista, Harley continuou a emaranhar Defoe cada vez mais na teia das maquinacões secretas do governo. Para dizer tudo, transformou-o num espião, num agente confidencial, consoante sua designação eufemística. Nessa qualidade, Defoe viajava pelo país com o nome suposto de Alexander Goldsmith, conversando com o povo, farejando-lhe o negócio e procurando sondar o que pensavam da rainha e de seu adversário de Estado.

(Cont. no próx. número)



DANIEL DEFOE, AUTOR DE «ROBINSON CRUSOE»

AINDA hoje, quando se escuta na calada das noites claras de lua ou negras de tempestade, vindo das estradas solitárias do alto sertão, um grito prolongado e agudo, ninguém pensa em Caapora ou Curupira, por que todo o mundo sabe que grito assim é grito de Maria Malazarte, cuja alma anda penando p'los êrmos das florestas perdidas do nordeste...

★

Um dia achou que estava sobrando em Ipixuna, sua cidade natal. Arrumou a canastra, pediu a bênção à velha Bitu, sua avó, e ganhou mundo largo. Tinha qualquer coisa lhe formigando na sola dos pés, que pedía longas distâncias, lugares novos e novas caras, que cara de gente de Ipixuna ela já estava farta de ver. E além disso, nascer e morrer num só lugar é muito monótono. Desde que ouvira falar que havia para outras bandas, terras diferentes, onde um vasto lençol branco e azul, este tão largo e tão azul como o céu, chamado "mar", dava gosto de ver, o sangue de sua mãe que era cigana e boêmia, começou a fervilhar nas suas veias. E aqui a história de mar grande e azul era, na verdade, uma tentação.

Ao sair de Ipixuna, Maria nem sabia para onde se botar. Seu instinto aventureiro a impelia a seguir para a frente, em direção ao nascente, onde deviam estar os compridos lençóis branco e azul do litoral. Assim fez.

Era uma bela manhã. A mata toda sorria, num sorriso envolvente, quase implorando a Maria que não fôsse. Nas palmas lascivas dos buritizais, o orvalho formava um manto de diamantes que chegava até a ofuscar a vista. Do alto de uma carnaúba tra um sabiá vadio, cantando, parecia pedir:

— Fica Maria... Fica Maria...

Contudo, Maria não ficou. Crrrou ouvido àquela beleza toda e abriu as porteirolas do mundo.

★

— Era uma vez... Era uma vez uma princesa muito bonita que se sentia muito infeliz do palácio do rei, seu pai. Então, disfarçou-se em pastora e saiu prá correr terra...

Era uma vez... Assim começavam todas as histórias que avó Bitu contava quando ela era pequena. Era uma vez, uma pequena muito desinquietada, chamada Maria Malazarte. Desde menina dera um trabalhão danado à avó, pois só vivia fugindo de casa. Não havia Saci-pererê ou Mula sem cabeça que lhe metesse medo, que Maria Malazarte sempre foi destemida e dentro do mato nada a assustava, pois no mato nasceu o no mato se criou.

Era uma vez...

O sol descambou num redemoinho de sangue por trás de um imenso pau-darco pejado de flores amarelas. Maria Malazarte acampou. Tirou a rede da canastra, armou-a debaixo de um jatobá. Tirou da saca a faca de ponta — que ela sempre andou armada — as traúras moqueadas e a farinha d'água para a ceia. Perto corria um riacho de águas claras e barulhentas. De seu braço apanhar água e deu com uma onça bebendo na beirada. Com o susto que levou, soltou um grito, que ecoou na mata e a onça e ambas dispararam, Maria Malazarte com medo da onça e a onça com medo de Maria Malazarte. Daí por diante, ela jurou nunca mais ter medo de onça.

A brisa desmanchava com delicadezas sutis a cabedra verde da floresta e a lua — gata borraheira da noite — executava no salão azul do céu, um luminoso bailado, arrastando as estrelas.

Era uma vez...

E foi essa a grande noite de Maria Malazarte. A primeira e grande noite de aventura e liberdade, que o seu temperamento de cigana sempre reclamou. O grande momento onde ela, a natureza e o profundo mistério, o delicioso e profundo mistério do porvir, fizeram um pacto que haveria de ser eterno. Grande e maravilhosa noite de liberdade de Maria Malazarte.

★

— Fogo apagou. Fogo apagou.

Rolinha "fogo apagou" anunciou o dia que nasce. As derradeiras lamparinas se apagam nos casebres de palha, erguidos aqui e ali, ao longo da praia de Aracagi. No vasto lençol de areia se estendem as tarrafas de pescaria. Um e outro pescador volta do "curral" com o côfo farto de peixe. Chico Manoel, o coqueiro mais afamado da redondeza, mulato forte e espadaúdo, vem com o seu côfo à costa, cantarolando uma canção praleira:

Quanta laranja miúda
Quanta florinha no chão
Quanto sangue derramado
Por causa desta paixão.

Seus grandes pés achatam na areia fôfa e macia



PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"

olhos gigantes. Arranca uma flor do cajueiro que se levanta à beira da palhoça, cheira-a, morde-a com os dentes alvos e guarda-a nas mãos fortes. Entra e arreia no jiráu que fica nos fundos o fardo precioso.

— Ei néga, onde tu está?

— Um bocado.

— Tou aqui mesmo mulato. Muito peixe hoje?

Arredando a esteira que serve de porta, Maria Malazarte, mais forte e mais mu'her, aparece. Chico Manoel se aproxima, cheira-lhe os cabelos negros, colocando neles a florzinha de caju. Um lampião de felicidade fulgura nos olhos de Maria. Serve o café com beiju para o seu homem e os dois tomam a primeira refeição sob o clarão matinal e contemplando, ao longe, o branco lençol de areia, manchado de quando em quando, pela sombra verde de um cajueiro em flor ou pela coma desnastrada de um coqueiro pensativo.

Parece que foi ontem que ela desertou de Ipixuna, em busca de outros horizontes, do outro lado da terra

onde existia um grande lençol, tão alvo e tão azul, de perder de vista. No entanto, dez anos já se tinham passado e dentro desses dez anos muita coisa imprevista aconteceu. O delicioso mistério do porvir, a secreta e deliciosa emoção do Desconhecido perduravam ainda no seu sangue boêmio, embora que o amor — esse sentimento que ela nem sonhava existir antes de conhecer Chico Manoel — a tivesse cativa na sua teia mágica e fizesse adormecer em seu coração esse ímpeto selvagem.

Agora, que possuía o mar sem fim — tão grande e tão azul — e o amor de seu homem, ela sentia, por vezes um formigamento no sangue, um desejo incontrolado de partir, nem ela mesma sabia para onde. Uma voz misteriosa a chamava para uma grande aventura nas perdidas regiões da mata virgem, sempre nova, desconhecida e tentadora como um canto de serela. Mas, o amor de Chico Manoel era bem maior e ela ia ficando, ia ficando, até que um dia...

(Cont. na pág. 56)

CONTO DE NOELINI SOUZA
ILUST. DE ANA ZAGORSKA

O Velho

CONTO DE GUY DE MAUPASSANT

UM tépido sol de outono caía no pátio da herdade, por cima das grandes faixas do valado. Sob a relva tesada pelas vacas, a terra, impregnada de chuva recente, estava encharcada e afundava-se debaixo dos pés com um ruído de água, as macieiras carregadas de maçãs, semeavam os frutos de um verde pálido, no verde mais escuro da ervagem.

Quatro bezerrinhas pastavam, presas em fileira, e mugiam a espaços, olhando para a casa; a criação punha um movimento colorido na estrumeira, diante do curral, e raspava, mexia, cacarejava, enquanto os dois galos cantavam sem descanso à procura de vermes para as suas galinhas, que chamavam com um cacarejo vivo.

A cancela de madeira abriu-se; entrou um homem, de quarenta anos, talvez, mas que parecia ter sessenta, enrugado, torcido, caminhando a grandes passadas lentas, que o peso dos grandes sacos cheios de palha tornava mais difíceis. Os braços muito compridos pendiam dos dois lados do corpo.

Quando se aproximou da herdade, um cachorro amarelo, preso ao tronco de uma enorme pereira ao lado de um barril que lhe servia de casota, agitou a cauda e pôs-se a latir em sinal de alegria. O homem gritou-lhe:

— Chó Finot!

O cão calou-se.

Uma camponesa saiu da casa. O corpo ossudo, largo e chato desenhava-se sob um corpete de lã, que apertava a cintura. Uma saia cinzenta, muito curta, descia até o meio das pernas escondidas em meias azuis, e trazia também tamancos cheios de palha. Uma touca branca, que se tinha feito amarela, cobria alguns cabelos colados ao crânio, e a sua cara trigueira, magra, feia e desdentada, mostrava essa fisionomia selvagem e bruta, que têm frequentemente os rostos dos camponeses.

O homem perguntou:

— Como é que ele vai?

A mulher respondeu:

— O senhor cura diz que está nas últimas; que não passará desta noite. E entraram ambos em casa.

Depois de atravessarem a cozinha, entraram no quarto, baixo, negro, iluminado apenas por um postigo, diante do qual caía um farrapo de chita normanda. As grandes traves do teto, escuras pelo tempo, negras e fumadas, atravessavam o compartimento de lado a lado, su-

portando o delgado sobrado do celeiro onde corriam, noite e dia, rebanhos de ratos.

O chão térreo, amolgado, úmido, parecia engordurado, e no fundo quarto a cama punha u'a mancha esbranquiçada.

Um ruído regular, rouco, uma respiração dura, cheia de ralas, sibilante como um gargarejo de água, semelhante ao de uma bomba quebrada, partia da cama obscurecida, onde agonizava um velho, pai da camponesa.

O homem e a mulher aproximaram-se e olharam o moribundo com um olhar calmo e resignado:

O genro disse:

— Desta vez, acaba-se; nem irá até a noite.

A mulher replicou:

— Desde o meio-dia que gorgoleja assim.

Depois calaram-se. O pai tinha os olhos fechados, a cara cõr de terra, tão seca que parecia de pau. A boca entreaberta deixava passar um sopro marulhoso e duro; e o lençol de pano cinzento levantava-se no peito a cada aspiração.

O genro, depois de um longo silêncio, pronunciou:

— E' deixá-lo acabar. Não podemos fazer nada. Inda assim é o diacho para a colza: o tempo vai bem e era preciso transplantar amanhã.

A mulher pareceu inquieta com esta idéia. Refletiu um momento, depois declarou:

— Já que está a passar, não o enterrarão antes de sábado; terás o teu dia de amanhã para a colza.

O camponês meditava; disse:

— Sim, mas amanhã é que é preciso convidar p'ra mortalha, e tenho bem p'ra cinco ou seis horas, p'ra ir de Tourville a Manetot a casa de toda a gente.

A mulher depois de ter meditado dois ou três minutos, pronunciou:

— E amanhã só lá p'las três horas poderás começar o giro e só à noite estarás de volta de Tourville. Vai longe. Podes bem dizer que ele já esfaeceu, pois nem deita ao sol pôsto.

O homem ficou alguns instantes perplexo, pesando as consequências e as vantagens da idéia. Por fim declarou:

— Pois vou-me lá.

La sair; voltou e depois de uma hesitação:

— Não tens que fazer agora; apanha maçãs para cozer e faz quatro dúzias de bolos de fruta p'ro povo que vier à mortalha, p'ras gentes se confortarem.

ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO PACHECO



Acende o forno, com a lenha miúda que está debaixo do alpendre do lagar. Está seca.

E saiu do quarto, entrou na cozinha, abriu o armário, pegou num pão de seis libras, cortou cuidadosamente uma fatia, apanhou no côncavo da mão as migalhas caídas na mezinha e atirou-as para a boca para não se perder nada. Depois tirou com a ponta da faca um bocadinho de manteiga salgada, do fundo de um pote de barro preto, e estendeu-o no pão, que se pôs a comer lentamente, como tudo o que fazia.

Tornou a atravessar o pátio, acalmou o cão que voltara a latir, saiu para o caminho que ladeava o fôssco e afastou-se na direção de Tourville.

Assim que ficou só, a mulher pôs-se ao trabalho. Descobriu a maceira da farinha e preparou a massa para os pastéis. Amassou-a durante muito tempo, virando-a e revirando-a, manejando-a, esmagando-a, partindo-a. Depois fez uma grande bola de um branco amarelado que deixou a um canto da mesa.

Então foi buscar as maçãs e, para não ferir a árvore com o varejão, trepou a ela, servindo-se de um mocho. Escolhia os frutos com cuidado, para só apanhar os mais maduros, e amontoava-os no avental.

Uma voz chamou-a do caminho:

— Eh! tia Chicot!

Ela voltou-se. Era um vizinho, o tio Osime Favet, o regedor, que ia estrumar as terras, sentado, de pernas pendentes na carroça do estrume. Ela voltou-se e respondeu.

— Em que posso servir o tio Osime?

— Então o pai, como vai êle? Ela gritou.

— Quase passado. A mortalha é no sábado às 7 horas, por via da cclza.

O vizinho replicou:

— Bem, bem. Boa sorte. Passe bem.

Ela respondeu à delicadeza.

— Obrigada e vocemecê também.

Depois voltou a colher as maçãs. Assim que entrou foi ver o pai, esperando encontrá-lo morto. Mas logo da porta distinguuiu o seu estertor ruidoso e monótono, e julgando inútil aproximar-se do leito, para não perder tempo, começou a preparar os bolos. Envolvia os frutos, um a um, numa delgada folha de massa, e alinhava-os depois na borda da mesa. Quando fez quarenta e oito, dispostos às dúzias, uma diante da outra, pensou em preparar a ceia, e pôs a panela ao lume para fazer cozer as batatas, porque pensou que era inútil acender o forno nesse mesmo dia, visto ter ainda todo o dia seguinte para terminar os preparativos. O homem entrou pelas cinco horas. Mal passou a soleira da porta, perguntou:

— Acabou?

Ela respondeu:

— Inda não; inda gorgoleja.

(Continua na pág. 52)



Uma aventura em estrada de ferro



A cena se passa em um compartimento da composição do Expresso de Fiume que encontra o navio de Abbazia. Manhã clara e fresca de verão. O trem acaba de sair duma estação intermediária; e um homem entrou no compartimento e cumprimentou sua ocupante solitária, uma bonita mulher de trinta e cinco anos.

ELA — Que bom encontrá-lo aqui! O senhor também vai para Abbazia?

ELE — Vou.

ELA — Então temos tempo para uma longa conversa. Eu tinha mesmo muita vontade de ter uma conversa com o senhor. Embora faça apenas duas semanas que meu marido nos apresentou, parece-me que o conheço há mil anos. É uma banalidade dizer isto, não é? Porém é uma coisa que eu digo com toda a sinceridade.

ELE — (cumprimenta sorridente).

ELA — Sabe? estive lendo seu romance. Não sei dizer-lhe como gostei das profundas sutilezas psicológicas que há nele. Acontece mesmo que ele transformou virtualmente meu modo de pen-

sar... seu belo e grave romance dos tempos passados...

ELE (suplicante) — Oh!

ELA — Sim... e eu havia resolvido, se ainda nos encontrássemos um dia, a pagar-lhe, contando-lhe uma linda história minha...

ELE — Seria um prazer.

ELA — Aconteceu há muito tempo — talvez há dez anos, e no entanto o caso está nítido, singularmente nítido na minha memória.

(O trem começa a andar).

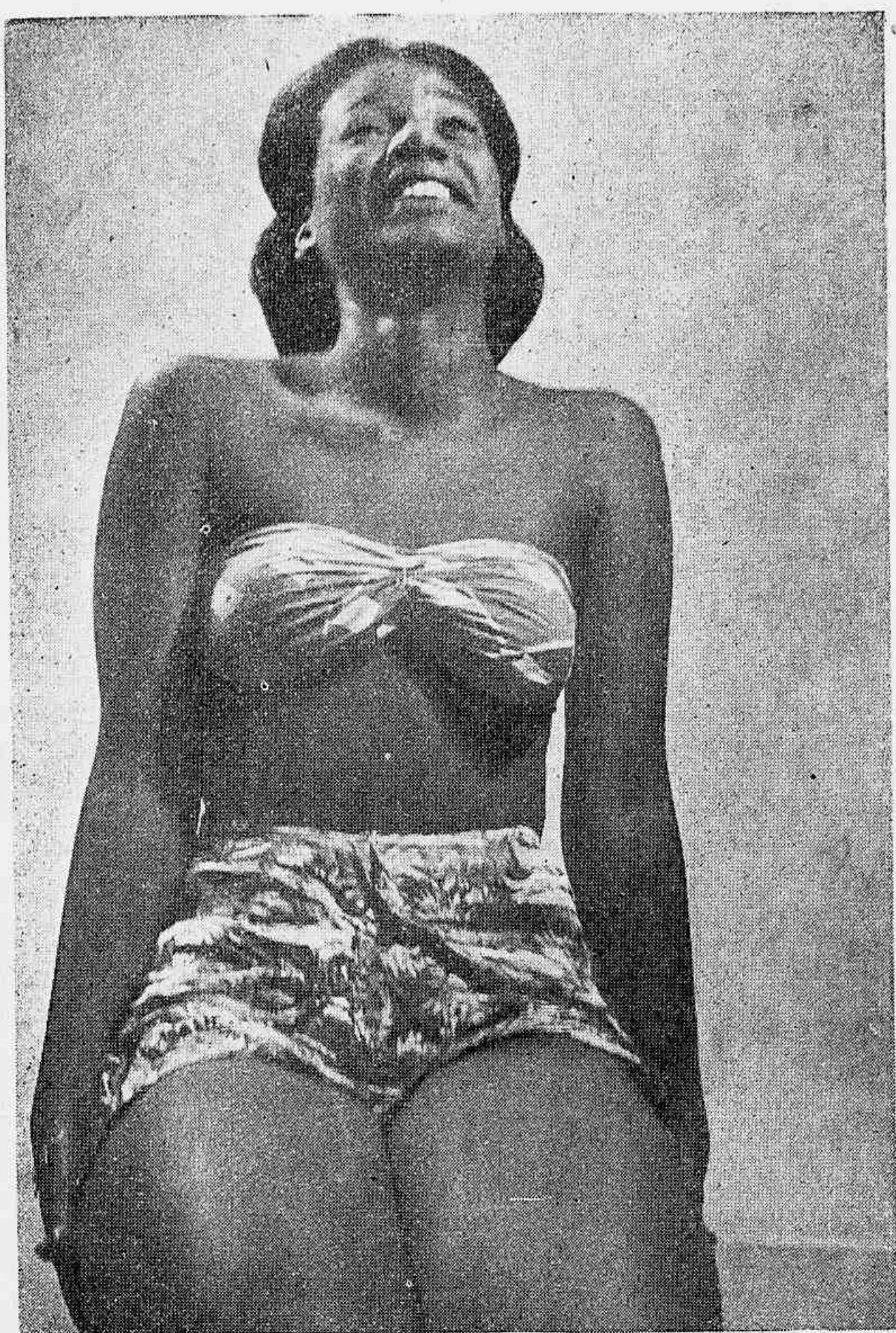
ELE — Conte-me.

ELA — Como disse, foi há dez anos. Eu estava em Fiume esperando meu marido, que tinha prometido vir me en-

(Cont. na pág. 53)

Conto dialogado de
FERENC MOLNAR (Famoso escritor húngaro)

Ilustração de
O. MATTOS



Em cima: duas atitudes da estudante Maria Thereza, aluna de um dos nossos Institutos secundários, eleita rainha no Baile da Boneca de Pixe, realizado no Botafogo.

A 13 de Maio, por iniciativa do Teatro Experimental do Negro e em benefício da Orquestra Afro-Brasileira, realizou-se o Baile da Boneca de Pixe, sendo então eleita uma rainha de beleza negra, que não é outra senão a estudante Maria Thereza, que atualmente cursa um dos nossos institutos secundários. Por ocasião dessa festa, que se rea-

lizou nos salões do Botafogo, gentilmente cedidos ao Teatro Experimental do Negro, os vereadores Osório Borba, do Partido Socialista Brasileiro, e Ary Barroso, da União Democrática Nacional, usaram da palavra, salientando a significação da data e realçando o valor da colaboração do elemento negro em nosso progresso e em nossa civilização.

BELEZA NEGRA

A ELEIÇÃO DE UMA RAINHA
NO DIA DA ABOLIÇÃO

Em baixo, à esquerda: a rainha eleita, Maria Thereza, no seu vestido de baile; ao centro: os vereadores Osório Borba e Ary Barroso, representantes respectivamente do Partido Socialista Brasileiro e da União Democrática Nacional, ao microfone; à direita: Antonleta Silva, colocada em segundo lugar na eleição.





UMA EMBAIXATRIZ DA MODA FRANCESA

MADAME GRÈS E SUA VISITA AO BRASIL — UMA "TOURNÉE" DE ARTE E DE ELEGÂNCIA

Por J. MARTINS

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

PARIS, maio — A 10 de junho deverá estar no Rio de Janeiro Madame Grès, uma autêntica embaixatriz da moda francesa, que vai fazer, na América do Sul, a apresentação de suas criações. Vai ela acompanhada pelo jornalista parisiense Lucien François, uma autoridade em matéria de elegância feminina, e que, no curso das apresentações, fará uma série de conferências sobre "L'Art d'Être Belle". Além disso, também levará ele a linda "vedette" francesa Mlle. Muni, que dirá poemas consagrados à beleza, e ao dizer cada um deles apresentará um vestido executado especialmente para ela. Como complemento desse programa, será feita, juntamente com

as conferências e recitais poéticos, a apresentação do filme documentário de Jean Masson, intitulado "Paris des quatre saisons".

Entre os costureiros de Paris, ela tem hoje em dia um dos grandes nomes. Ela continua na esteira dos grandes criadores de modelos que se fizeram responsáveis pela evolução da moda: Worth, costureiro da imperatriz Eugênia; Poiret, o fantasista, e Madeleine Vionnet, que foi a primeira a trabalhar em "biais". Antes da guerra, seu nome era internacionalmente conhecido, mas esse nome não era o de Grès, mas o de Alix. Seus vestidos drapeados se tornaram célebres. Durante a guerra, ela mudou de estado civil e adotou

Em cima: Muni, a elegante "vedette" francesa, provando um vestido com Madame Grès, ex-Mlle. Alix. Em baixo: Muni, que tem participado de várias companhias teatrais e movimentos artísticos de vanguarda na França, tomará parte em recitais poéticos, declamando versos que consagram a beleza e a elegância.





Modelos da ex-Melle. Alix, hoje Madame Grès, numa sugestiva apresentação de modas realizada pela grande costureira nas escadarias maravilhosas de Versailles. Em baixo, Madame Grès estudando o efeito de um tecido em um dos seus manequins. A presença de Madame Grès no Rio vai constituir, por certo, um acontecimento sensacional em nosso meio elegante.

o nome de seu marido. Passou a ser Madame Grès, — nome com o qual são familiares todas as elegantes de Paris.

GRÈS E O TEATRO

Desde o início de sua carreira, Madame Grès veste as mais famosas peças de teatro de Paris. Ninguém se esquece de que era ela quem vestia a famosa dançarina Argentina. Seus costumes para a peça de Jean Giraudoux, "La guerre de Troie n'aura pas lieu", representada pela primeira vez em 1935 por Louis Jouvet, decidiram logo todas as parisienses a se vestir como Cassandras, Andrômacas e Helenas. Num folhetim que se tornou famoso, a grande romancista Colette falou da "evocadora estilização desses vestidos feitos para flutuar aos quatro ventos do espírito". Foi ela quem vestiu a adaptação que Georges Neveu fez do "Sonho de uma noite de verão", de Shakespeare, levada à cena por Jacques Axil em Paris. Mais uma

sião, fez criações maravilhosas para Maria Casarès, Muni, Gérard Philippe e outros. Foi quem vestiu Jean Marais em "Renaud et Armide", de Jean Cocteau.

GRÈS E A ELEGÂNCIA

Grès goza, em Paris, a fama de ser uma mulher de espírito. Da ex-Mademoiselle Alix, contam-se inúmeras anedotas e ditos de espírito, que mereceriam figurar nas antologias do gênero. Sendo displicente em sua maneira de vestir, uma vez respondeu a um cliente que a censurava:

— Como posso ser elegante, madame? Como, se gasto todo o meu tempo cuidando da vossa?

Definindo a verdadeira missão de uma grande costureira, ela fez esta observação magnífica:

— A elegância é como a cortesia... Ela se compõe de verdades que convém afirmar e de outras verdades que é melhor deixar ignoradas.





Cena do segundo ato de "Carlota Joaquina", entre Heloisa Helena, no papel da rainha, e Arlindo Costa, no do seu amante, Fernando Carneiro Leão.

A REVELAÇÃO DE UMA NOVA ATRIZ

"CARLOTA JOAQUINA" DEU A HELOISA HELENA A GRANDE OPORTUNIDADE DE CONQUISTAR OS APLAUSOS DA CRÍTICA E DO PÚBLICO ★ A JOVEM ATRIZ DÁ UM PASSO GIGANTESCO EM SUA CARREIRA ARTÍSTICA

Por DEMÓSTENES VARELA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

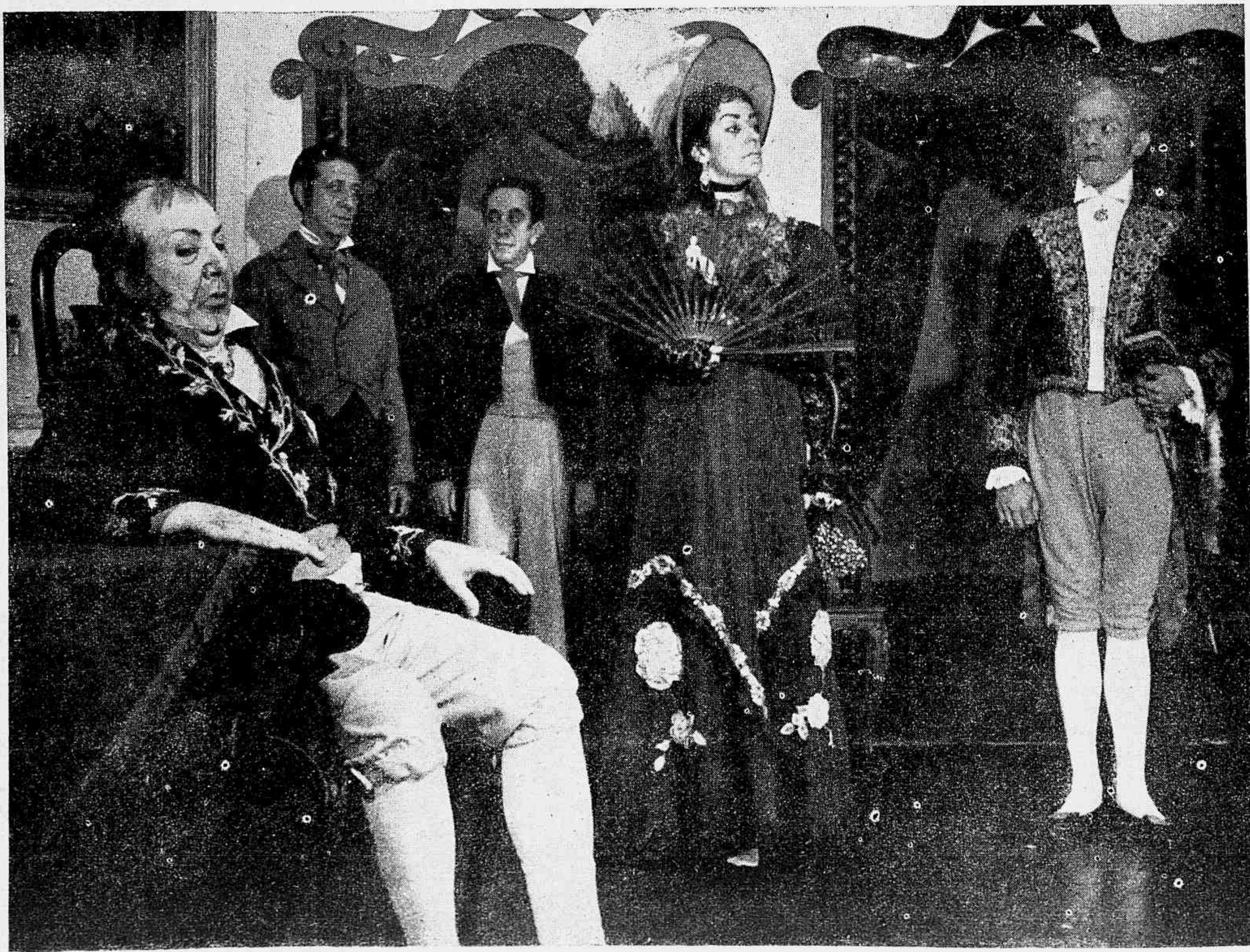
O que representou "A Juriy" para Procópio Ferreira, o que representou "Amor..." para Dulcina, acaba de representar agora, para Heloisa Helena, a comédia histórica de R. Magalhães Junior, "Carlota Joaquina", famosa em todo o Brasil e consagrada pelos aplausos da crítica e das grandes figuras da nossa intelectualidade. O êxito que Heloisa Helena conquistou no papel central de "Carlota Joaquina", foi de tal modo, imprevisto e fulminante que, a esse respeito, se multiplicaram os comentários da crítica e dos próprios espectadores. É que a jovem atriz, representando sempre em companhias dominadas por outras figuras que ficavam com os melhores quinhões artísticos, não tivera ainda um papel de grande intensidade e vibração, capaz de dar-lhe uma oportunidade para revelar toda a força de seu talento. Representando com Eva Todor, com Raul Roulien ou com Jayme Costa, em peças do repertório de sabor mais popular desse artista, dava ela a impressão de marcar

passo, de não progredir, de não se sentir capaz de altos vãos. Por isso mesmo, vivendo o papel complexo e difícil de "Carlota Joaquina", Heloisa Helena surpreendeu a toda gente e arrebatou os que assistiram sua estréia, como protagonista da famosa comédia histórica.

★

Foi de tal natureza a impressão que Heloisa Helena causou nesse papel que comentários especiais, fora das seções de teatro, começaram a surgir a seu respeito. Um desses comentários é o da ilustre escritora Rachel de Queiroz, a laureada romancista de "O Quinze", "João Miguel", "As Três Marias" e "Caminho de Pedras". Em artigo publicado sobre "Carlota Joaquina" no suplemento literário do "Diário de Notícias", sob o título de "Notas de um espectador de matinê", escreveu Rachel de Queiroz as seguintes palavras sobre a interpretação de Heloisa Helena:

"Passando-se ao papel-título, verifica-



Cena do primeiro ato de "Carlota Joaquina", vendo-se Heloisa Helena, no papel central, ladeada por Paulo Drummond, no papel de Lord Strangford, e Jayme Costa, no papel de João VI. Ao fundo, Aristóteles Penna e Darcy Gazarré, como os fâmulos Lobato e Chalça.



Em cima: Heloisa Helena, como a rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon e Bragança, entre Edson D'Ávila, no papel do cabeleireiro francês "Maitre" Catilina, e de Graça Moraes, no da atriz Eugênia Gomes.



Em cima: uma das cenas mais violentas de "Carlota Joaquina", jogada no terceiro ato, entre a atriz Heloisa Helena, que faz o papel da rainha, e Jayme Costa, que faz o de D. João VI.



Na página à direita: os protagonistas de "Carlota Joaquina", — Heloisa Helena, a grande revelação do momento, — e Jayme Costa, o magistral D. João VI, no quadro final do terceiro ato da obra histórica de R. Magalhães Júnior.

se que um bom papel é na verdade a prova definitiva de uma vocação artística — e é o que sucede à sra. Heloisa Helena na interpretação de "Carlota Joaquina". Até agora era a sra. Heloisa Helena apenas mais uma das moças bonitas dos nossos palcos — dura, inexpressiva e parada com os seus olhos de boneca. O papel de Carlota transformou-a. Em primeiro lugar ousou a atriz sacrificar inteiramente a sua indiscutível beleza, e nos apresentou a princesa espanhola na sua fealdade tradicional — sem d'smandos de maquiagem, realisticamente feia, com aquele sutil aspecto masculino que, segundo a crônica, era uma das feições características da esposa de D. João VI. E a vivacidade, as cambiantes do humor e signal da princesa, os rompanes de apaixonada, as violências e os palavrões famosos, nada deixou de merecer da intérprete um cuidado rigoroso. Não sei se hoje exagero no emprego do sotaque de espanhola utilizado pela sra. Heloisa Helena e que, segundo me dizem, não foi usado pelas anteriores intérpretes do papel: pois a princesa Carlota teria chegado ainda muito criança em Portugal para não aprender a falar o português como nativa. Mas, real ou não, o sotaque me pareceu uma *trouvaille*, feito sem exagero, e deu uma ênfase peculiar ao desenho do personagem".

★

Essas palavras representam verdadeira consagração à atriz que assumiu, no Glória, o papel da nossa primeira soberana, a rainha ambiciosa e vulgar, que, segundo Oliveira Lima, enxovava a um só tempo a coroa e o tálamo conjugal. E isto porque partem de uma escritura do mais alto merecimento, que não foi ao Glória a convite, mas pagando o seu ingresso e escrevendo espontânea e desinteressadamente esse depoimento. Críticos como Aldo Calvet, em "Folha Carioca", Plínio Bueno, em "A Noite"; João de Deus Falcão, em "O Radical"; Baldomero Carqueja, no "Jornal do Comércio"; Z., em "A Notícia", além de vários outros, realçaram, igualmente, o esplêndido trabalho de Heloisa Helena em "Carlota Joaquina". Essa interpretação representa, assim, um momento alto e expressivo, no panorama do nosso teatro.

★

Em breve palestra com Heloisa Helena, enquanto Arnaldo Vieira ia batendo as fotografias desta reportagem, ouvimos a jovem atriz dizer do seu entusiasmo pelo papel que ora vem representando:

— Há longo tempo acariciava a ideia de interpretar "Carlota Joaquina", inevitavelmente uma peça que representa um marco decisivo na renovação do nosso teatro. Nas excursões que fiz, com a Companhia Jayme Costa, pude sentir, por toda parte, o grande interesse do público por essa obra nacional. Todos os dias, Jayme Costa e seus artistas eram interpelados, no teatro, no hotel e até nas ruas, por gente que queria saber "quando iria "Carlota Joaquina" à cena". Já no ano passado, tendo sido mais insistentes do que nunca esses pedidos, em Belo Horizonte, começamos a ensaiar a peça de R. Magalhães Júnior, mas não chegou a se apresentar a oportunidade para a sua apresentação. Os cenários e o guarda-roupa estavam de tal modo gastos que era preciso refazê-los e isso só seria possível no Rio, — e com tempo. Por essa razão, deixei de representar em Minas o papel

(Cont. na pág. 52)

A esquerda, — um momento do final de "Carlota Joaquina", quando D. João VI se despede de D. Pedro, deixando-o como regente do trôno. Como D. Pedro, aparece o ator Milton Santos, e como D. Leopoldina, aparece a atriz Margarida

Ysa.



A UNIVERSIDADE DA BATOTA

MONACO, O PRINCIPADO DO JÔGO E CAPITAL DA CORRUPÇÃO, MANTEM EM MONTE CARLO UMA ESCOLA DOS "CROUPIERS" EM CARÁTER PERMANENTE

Por PIERRE SOUDRA

(Direitos adquiridos à France Presse com exclusividade para todo o Brasil)



A esquerda: Os "croupiers" do Cassino de Monte Carlo, são os melhores da França. Ao alto, à esquerda: Tendo satisfeito o exame médico, os jogadores são admitidos ao jogo. No centro: Sr. Joseph Ferre, diretor do pessoal (no centro); sr. Pierre Simon, diretor do jogo. À direita: O manuseio das fichas. Para pagar um jogador que ganhou, o "croupier" deve empilhar

— Senhores, façam seus jogos!
— Faites vos jeux! Les jeux sont faits...

No "brouhaha" das conversas, do barulho das fichas que se entrecrocavam, a voz do "croupier" se ouve, fria e impassível, evocando o azar, o destino...

— Feito!

O cilindro vira. Partiu a bola. Agitados, tensos, nervosos, os jogadores esperam a proclamação do número ganhador. A única pessoa impassível, imperturbável, é o "croupier".

— Nove, vermelho, ímpar e "man-que".

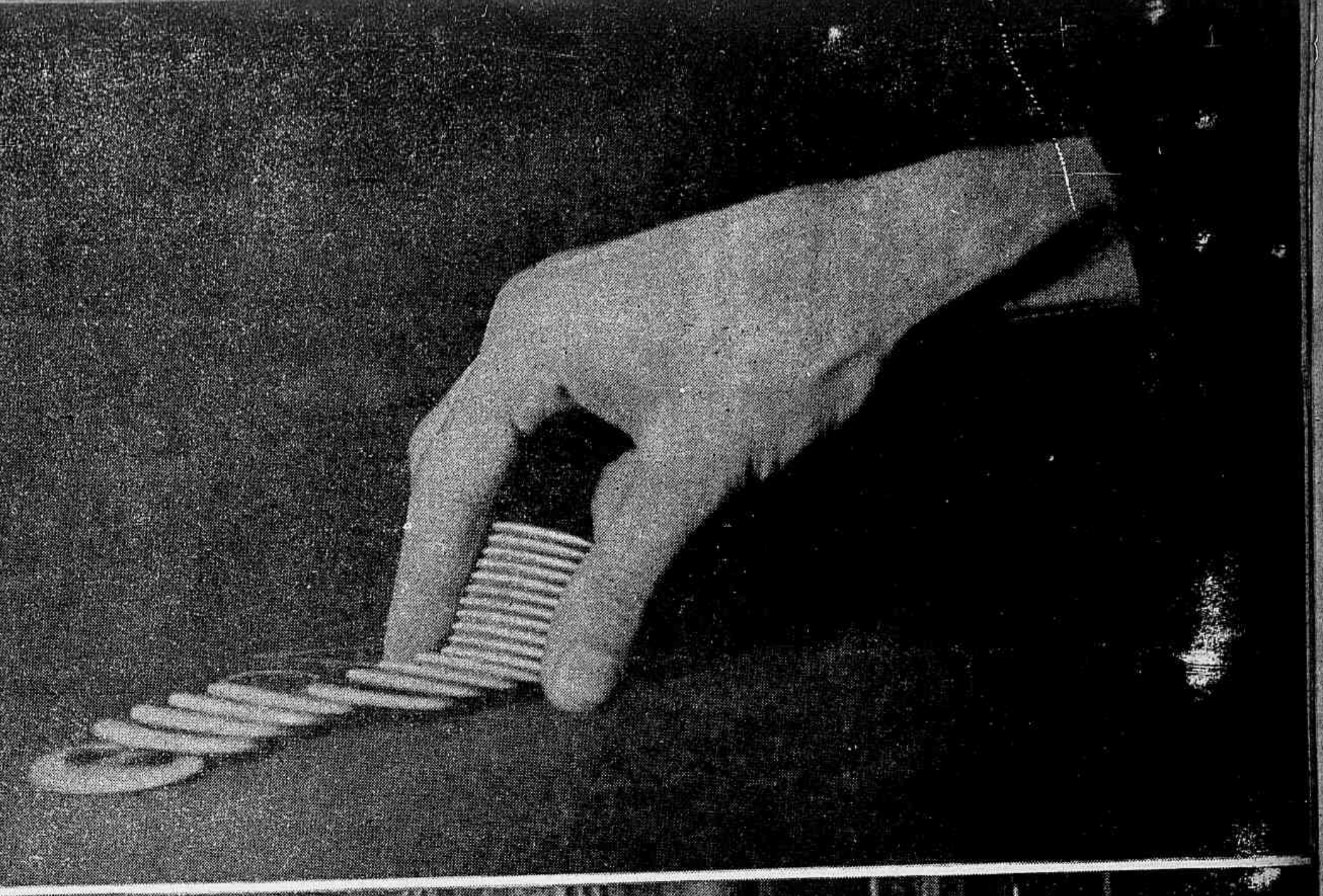
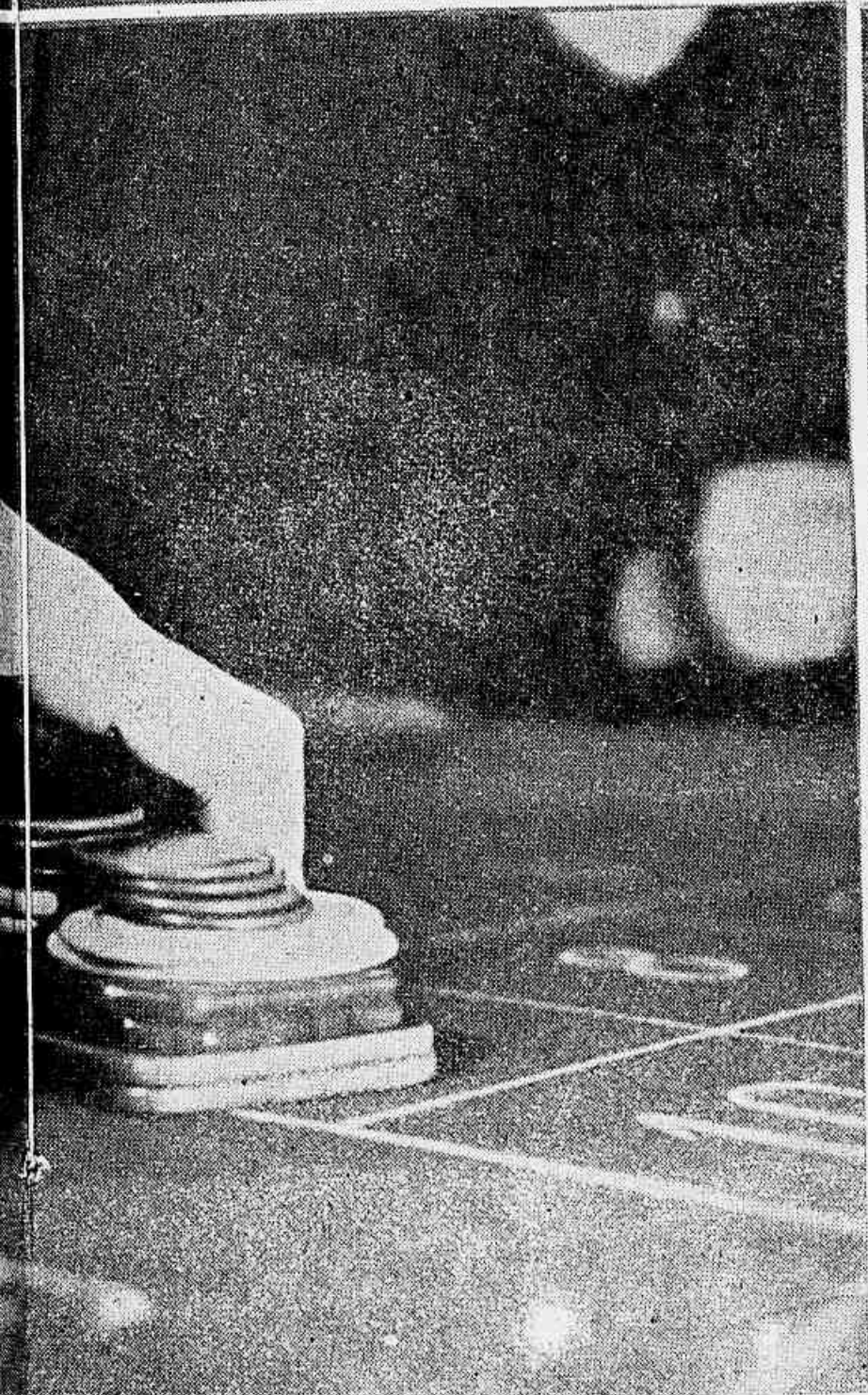
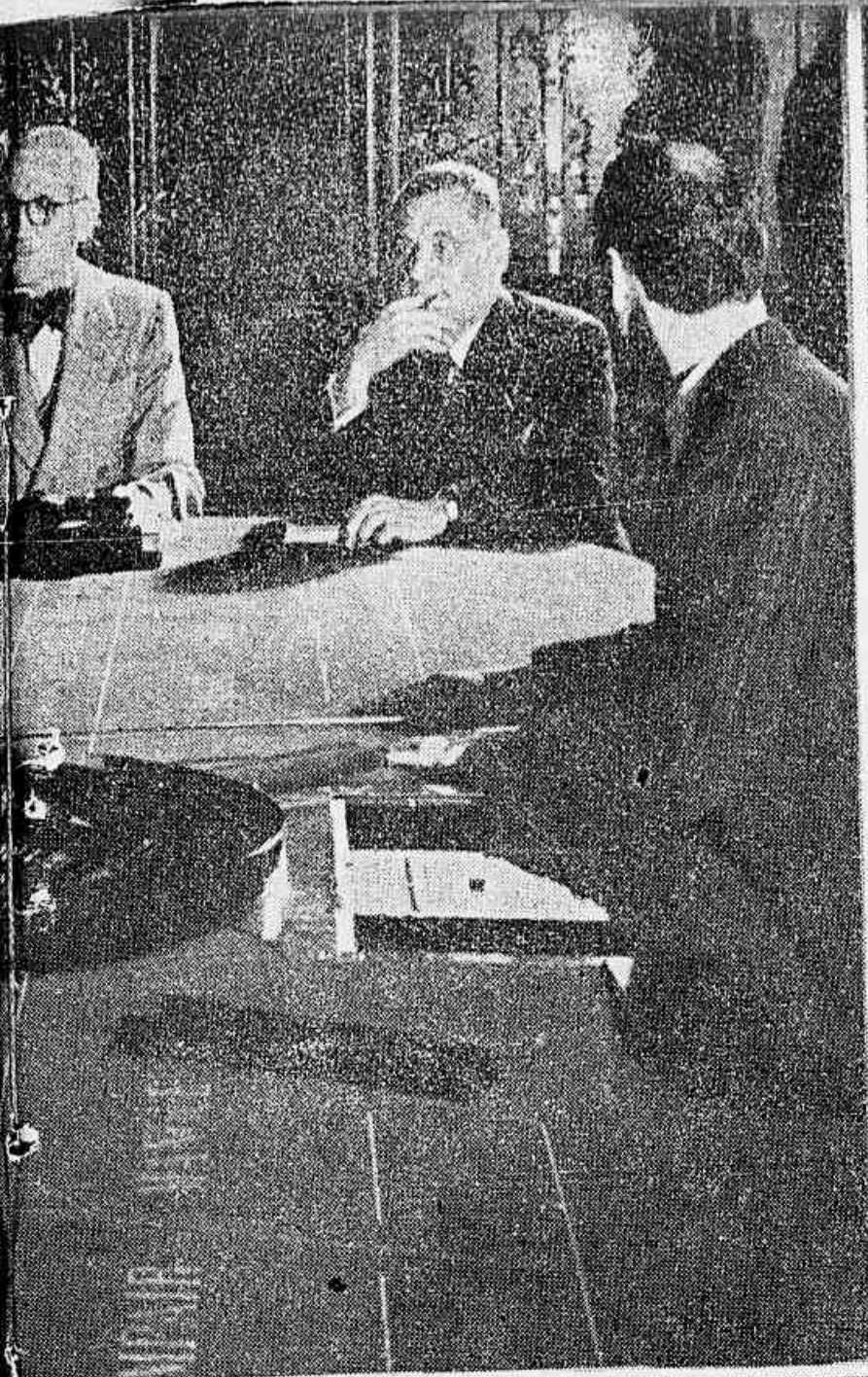
Calmamente, com elegância, o "croupier" maneja o longo "rateau" ou "rodo" que lhe serve para a "colheita". Com precisão, empurra para diante dos ganhadores a "massa" de seus ganhos, calculada sem hesitação, quase automaticamente.

O "croupier" de Monte Carlo tem um salário fixo, muito elevado. Tem tam-

bém percentagem sobre o "canhoto", que os jogadores crismaram "o número do mês", de hábito que o número "cheio" paga igual à sua parada, mas seja um gesto de benevolência obrigatório. Quando um jogador se aposenta, aos 60 ou 65 anos, recebe uma "pensão", "pro rata" de seus ganhos durante o período de aposentadoria. Não são, porém, só os ganhos materiais que atraem os jogadores à profissão.

O "croupier" é o chefe de qualquer jogo de cartas, na base de qualquer jogo que lança a bola, na base de qualquer jogo de cartas, no "trinta e quatro", no "pontão do bacará" ou "Vigia" e fiscaliza as fichas perdidas, paga as fichas ganhas.

Surja uma divergência entre o chefe da partida e



elhores do mundo e essa situação é considerada como posto de
os candidatos, são interrogados por um Conselho Diretorial.
on, secretário geral; e sr. André Laure, sub-diretor dos Jogos,
ichis impõe treinamento de vários meses. Em baixo, à esquer-
ha, as fichas com muito jeito e impelir o "monte" com um

re as gorgetas, a
ogadores de roleta
ro 37". E', com
quem ganha um
e a canhota soma
muito embora isto
bevolência, não
um "croupier" se
65 anos, tem di-
que lhe é paga
rejeitamentos du-
ati-lade.

elemento essencial,
ógoséio, o homem
na bieta, corta as
quarenta", conta o
"Cemin de Fer".
partias, recolhe as
as ganhadores.
ência uma questão,
(antigo "croupier")

a resolve com uma autoridade, uma im-
parcialidade indiscutíveis. Seu prestí-
gio pessoal, sua situação mora, são con-
sideráveis e explicam como o mister de
"croupier" suscita tão numerosas "oca-
ções".

Pensa-se geralmente que todos os
"croupiers" são obrigatoriamente recru-
tados entre os cidadãos de Monaco. E'
um erro; os "monegascos", na realida-
de, têm prioridade sobre os outros, mas
há entre os "croupiers", franceses, bel-
gas e italianos. Na média, o Cassino de
Monte Carlo conta mais de 600 "crou-
piers", número esse que ultrapassa o de
camaradas que preenchem todas as con-
dições exigidas para o cargo...

A profissão de "croupier" impõe, com
efeito, memória perfeita, elocução fá-
cil, dedos ágeis e uma inteligência aci-
ma da média. Além disso, precisa o
"croupier" dispor de saúde robusta, ner-
vos de aço, resistência à toda prova
para suportar, sem enfraquecimento, o

rápido golpe do "rateau". A direita: Lição de manipulação das fichas. O professor Roger Abel mostra a um principiante a arte
de manejar as fichas. O sr. Abel é "croupier" há vinte e sete anos. Seu pai ocupou o mesmo posto durante perto de 40 anos.
Roger Abel é muito conhecido também fora das salas de jogo, pelos seus numerosos êxitos nos Campeonatos Mundiais de Tiro.
Participou dos Jogos Olímpicos e dos campeonatos mundiais de Milão, Lucerne, etc.

trabalho, horas e horas, em uma at-
mosfera carregada de fumaça e de per-
fumes, em salões superlotados, especial-
mente porque as altas janelas, no in-
verno, apesar da temperatura clemente
de Monte Carlo, ficam implacavelmen-
te fechadas, para evitar o que os "con-
tinentais" recelam acima de tudo — a
"corrente de ar".

A vida de "croupier" em Monte Carlo
deve obrigatoriamente, ser irrepreensi-
vel, assim como a de toda sua família.
Deve ter certa educação a serviço de
uma boa dose de filosofia, a fim de per-
manecer impassível e sempre cortez
mesmo diante de provocações de joga-
dores enervados. Um "croupier" traba-
lha seis horas por dia, em horários per-
celados de 2 e 4 horas, com dois des-
cansos, de respectivamente, 15 e 25 mi-
nutos.

A duração média da carreira de um
"croupier" é de 27 ou 28 anos, canfor-

me a situação que ocupa na hierarquia
do Serviço dos Jogos.

Em Monaco, terra que vive do vício
e da togatina, um homem se torna
"croupier" como se torna médico ou ba-
charel em direito: seguindo cursos, indo
à escola, pois há a Escola dos Croupiers.

Monte Carlo, o Paraíso dos Jogado-
res, o Cassino por excelência, devia, na-
turalmente, chamar a si os melhores
"croupier" do mundo. Por isto é que,
no Principado de Monaco, existe a úni-
ca Escola Oficial de Croupiers de todo
o mundo. Os candidatos já devem exer-
cer profissão definida. São geralmente
empregados no serviço de salvamento de
banhistas.

Acontece, em certas famílias, que a
profissão passa de pai para filho. Mas,
ao contrário do que se poderia pensar,
não representa isto uma tradição. Os
candidatos à profissão aceitam, assim,
entrar para o serviço público de Mona-
co, em qualquer posto ou categoria: co-

missário-ciclista, por exemplo, ou, o que
é mais comum, guardas de jardins ou
bombeiros. Deve ter o candidato mais
de 23 anos e menos de 40. Deve ter boa
saúde, e é obrigado a uma série de exa-
mes severíssimos. Além do exame mé-
dico, há um exame "físico", isto é, os
postulantes são submetidos a provas de
agilidades de gesto, delicadeza de mãos.
Os que têm dedos longos e macios são
preferidos. Devem também fazer prova
de suas aptidões intelectuais, notada-
mente facilidade de calcular depressa
mentalmente, e, si possível, do conhe-
cimento dos idiomas estrangeiros. Por
fim, têm que passar no "exame básico",
que consiste de um ditado e um pro-
blema, que não são de dificuldade ex-
trema. Se o candidato consegue ser
aprovado em todos os exames, isto é,
se obtém o total de pontos mínimos
exigidos, é admitido à Escola. Nesta,
o futuro "croupier", recebe lições de
professores escolhidos entre os melho-



Ao alto: O lançamento da "bola" exige longa aprendizagem. O professor coloca os dedos do aluno no "cilindro" da roleta, para lhe ensinar a posição da mão.. Em baixo. O aluno terminou as aulas da Escola dos Croupiers e submeteu-se com êxito aos últimos exames. Está sentado à mesa da roleta, cercado de uma multidão de jogadores atentos. Uma simples confusão ou atrapalhação momentânea, a mínima "mancada" pode causar complicações incríveis. O novo "croupier" deve pôr em prática todos seus dons de habilidade e sangue-frio...





Os "croupiers" e os alunos se encontram nas horas de folga e praticam seu desporto favorito: o jogo da bola. Sempre a bola, mas desta vez o acaso cede lugar à habilidade...

res "croupiers". Tem, primeiro, que se familiarizar com a terminologia particular da profissão. A roleta propriamente, por exemplo, se chama de "cilindro". As "proclamações" se fazem, indiferentemente, em francos ou luizes; a tradição quer que as feitas em luizes sejam as mais "honradas" muito embora o luiz de ouro, que vale 16 shillings ou 4 dólares ouro, já tenha sido pôsto fora de circulação há trinta anos. Certas frases, que o "croupier" deve pronunciar centenas de vezes durante o dia, devem ser para ele familiares, e, assim têm que aprender a dizê-las com certa elegância, até mesmo "distinção". Por exemplo: "Senhores, façam seu jogo..." "Feito" (que significa que o jogo está fechado e a bola vai ser posta a correr) e outras... O aluno acaba adquirindo uma voz ideal e uma expressão solene, para todas as proclamações.

Um detalhe que o "croupier" não pode ignorar: é que toda "proclamação" deve ser precedida do termo "Senhores", mesmo que haja Senhoras em torno da mesa, o que acontece frequentemente. Mas o "croupier" não é obrigado a fazer diferença. A palavra data dos tempos em que era deselegante as mulheres jogarem em público. Os tempos mudaram, mas Monte Carlo conserva a tradição.

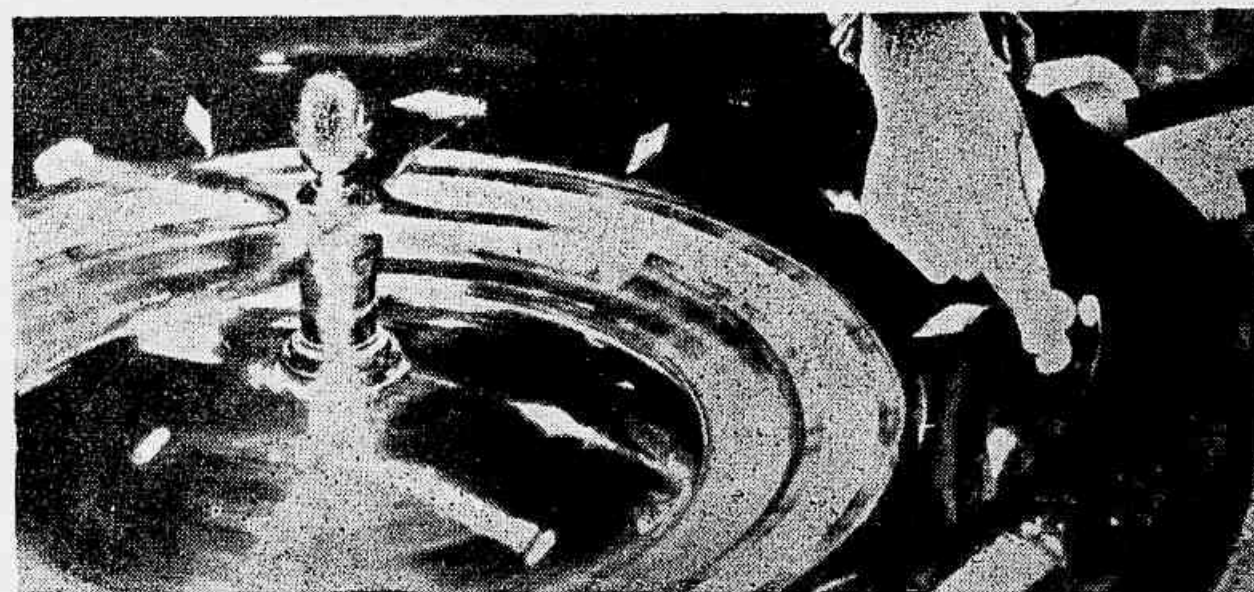
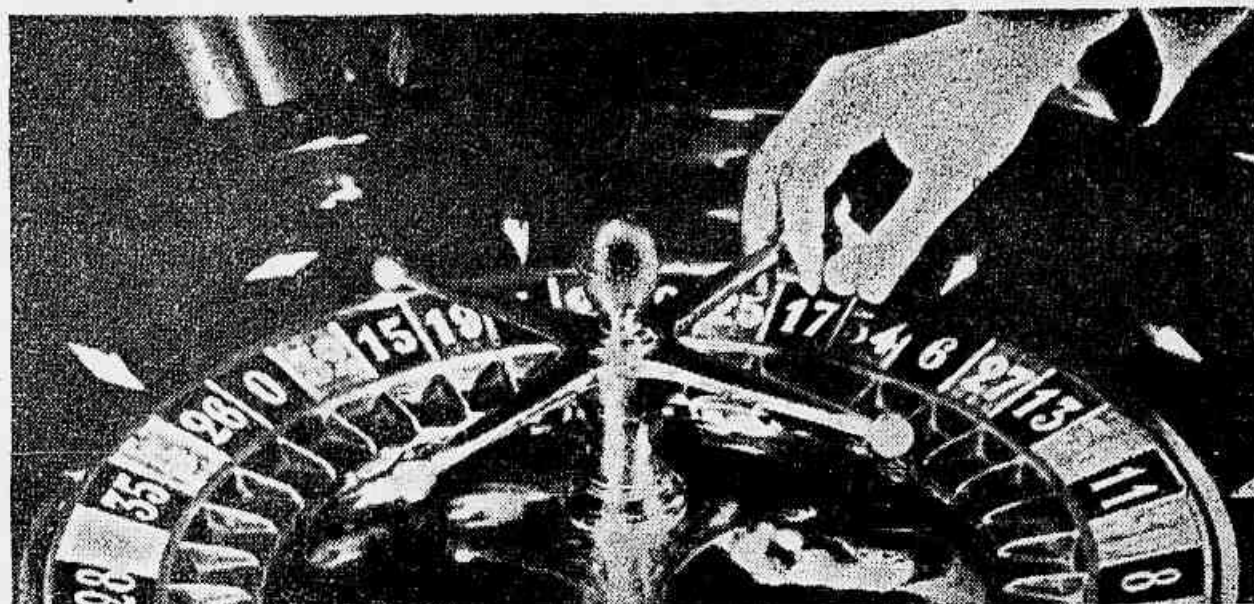
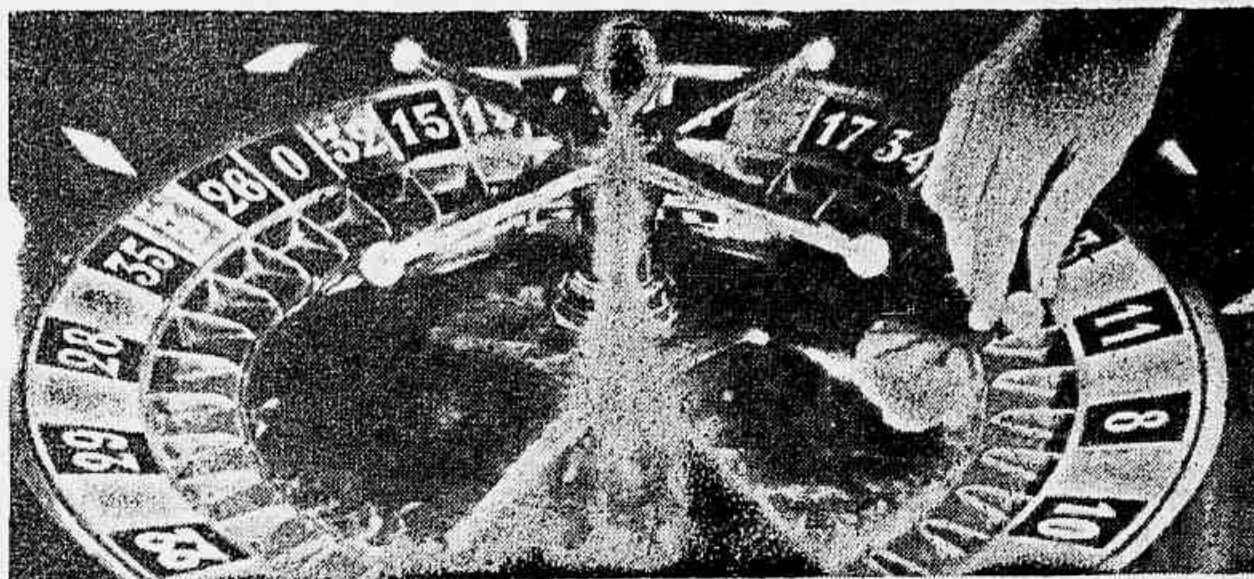
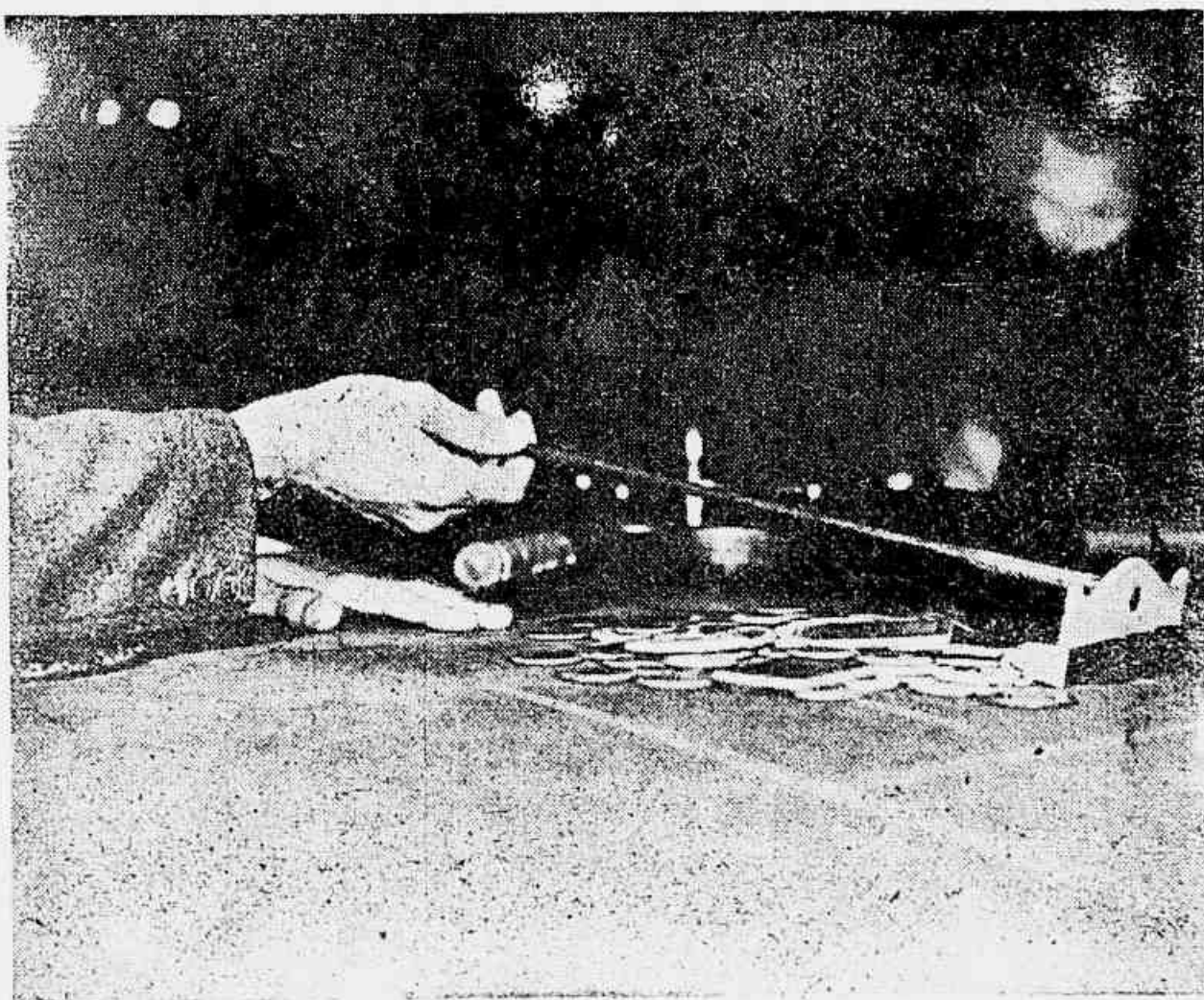
Os cursos duram de 6 a 8 meses e se dão durante as horas de folga que tem os alunos de seus lugares provisórios de

bombeiros, comissários, datilógrafos ou escriturários... Os aprendizes de "croupier" treinam em empilhar fichas em montes iguais, em colocar as fichas nos lugares competentes, em fazer a "vasourada" das mesmas e em fazer rodar o "cilindro". Todos os meses, os professores submetem os alunos a um "exame parcial" rigoroso. Quando terminam os cursos, há uma série de "ensaios" e experiências e um segundo exame médico. Si passam, logo uma mesa lhes é destinada num cantinho tranquilo dos salões de jogo, onde "treinam" sob a direção de colegas mais velhos e mais práticos e de inspetores experimentados. Esse é o período das "práticas", que vai permitir julgar-se da resistência física e mental do aluno.

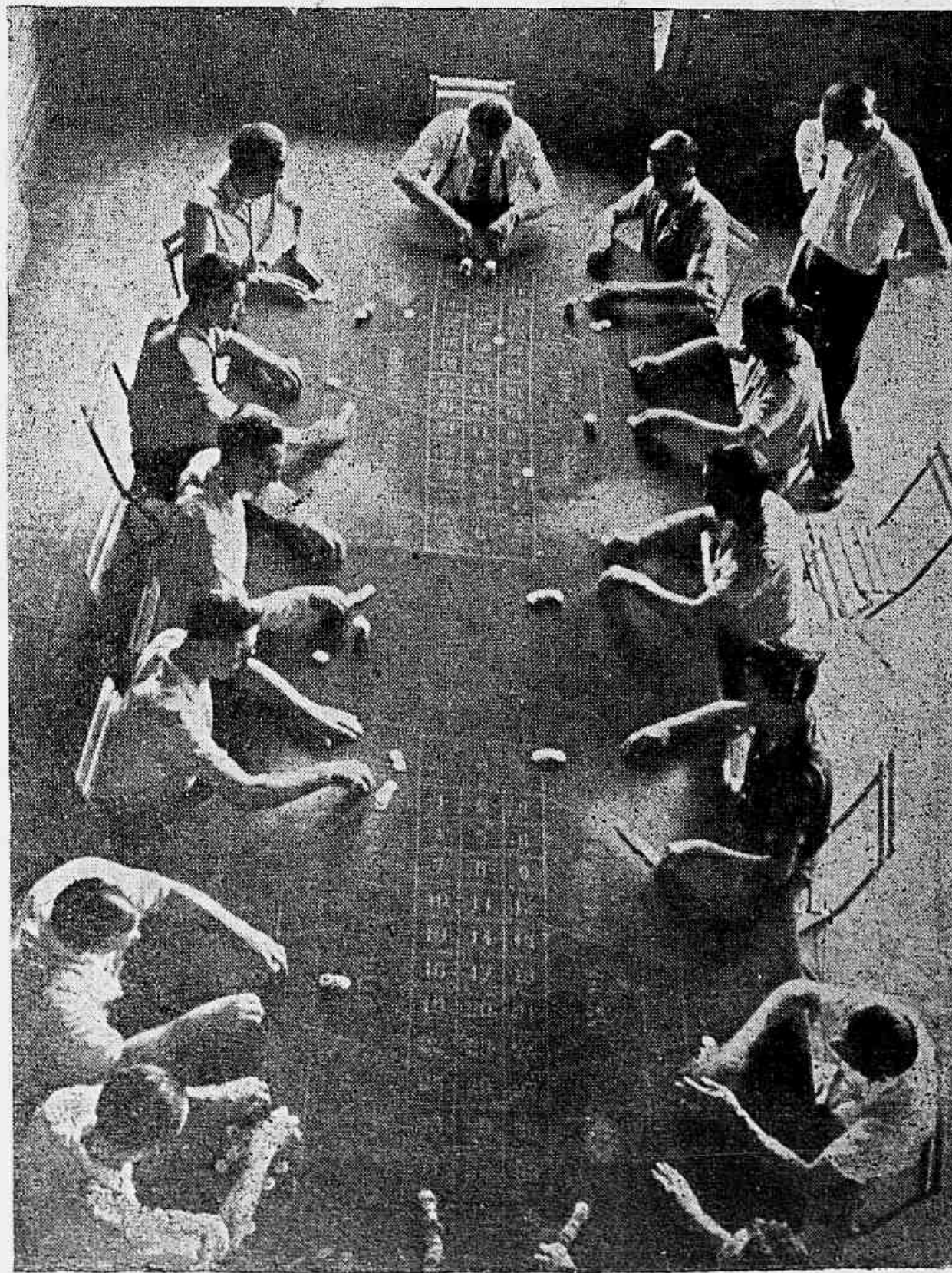
O inimigo número um do aspirante a "croupier" surge então: o medo... sim o "medo", o mesmo que ataca o ator e o conferencista. Todos os "croupiers", confessam, depois, que a primeira vez em que enfrentaram o público tiveram suores frios... Houve até um (pouco antes da guerra) que teve um desmaio na mesa do jogo.

Mas... enfim, depois de um período de "observações" diversas e de diferentes mesas de ensaio, os que vencem todas as provas se tornam "croupiers" de verdade e começam, então, com toda a liberdade, e já agora sem o olhar curioso dos inspetores, o exercício de sua profissão.

A arte de "ratear". O "rateau" ou "rodo" deve ser mantido entre o polegar e o index. O aluno pratica longamente em "ratear" as fichas que perdera ou a "impelir" as que ganharam.



Ao alto: Primeiras aulas práticas. De pé, o professor Roger Abel, um dos mais habéis "croupiers" de Monte Carlo. Em baixo: Detalhes das diversas posições da mão para o lançamento da bola. A operação se faz com uma só das mãos, em três fases, e para ela é preciso ter o "croupier" grande habilidade, o que não se adquire sinão após longo treino.



CINE

REVISTA

Este ator não havia aparecido até hoje no cinema, pelo menos que saibamos. Chama-se Marius Goring e fez o papel de um aristocrata francês, guilhotinado, no filme inglês "Neste mundo e... no outro". (Stairway to heaven). Abafou. Ficou popular. Não se falou em David Niven, em Kim Hunter, em Roger Livesey, sem Raymond Massey, — aliás todos ótimos. Falou-se nele. Quando os fãs o verão de novo?



NOTÍCIAS DE FRANK CAPRA

Um novo filme de Frank Capra, "State of the Union", com Spencer Tracy, Katherine Hepburn, Van Johnson, Angela Lansbury, Adolphe Menjou e Lewis Stone, acaba de ser estreado em Nova York, no Radio City Music Hall, com grande sucesso. No momento, Frank Capra está indeciso sobre qual será sua próxima película, na Liberty Films. E está indeciso entre duas histórias que lhe parecem igualmente boas: "The Friendly Persuasion", romance de Jessamyn West, sobre os "quakers" irlandeses, e "The Flying Yorkshireman", sendo que Bing Crosby, contratado por Capra, optou pelo primeiro.

UM HOMEM DIFERENTE

O "New York Times" publicou há dias o seguinte tópico:

"Usualmente, quando os produtores cinematográficos vêm a Nova York, procurar converter o local de sua temporária residência em completo segredo, afim de evitar amolações de pessoas que querem entrar para o cinema. Não, porém, Irving Brecher, que vai filmar o "show" radiofônico "Life of Riley" para a

Universal. Ele quer que todos saibam que estará hospedado no Sherry-Netherlands de terça-feira em diante. Ele próprio disse:

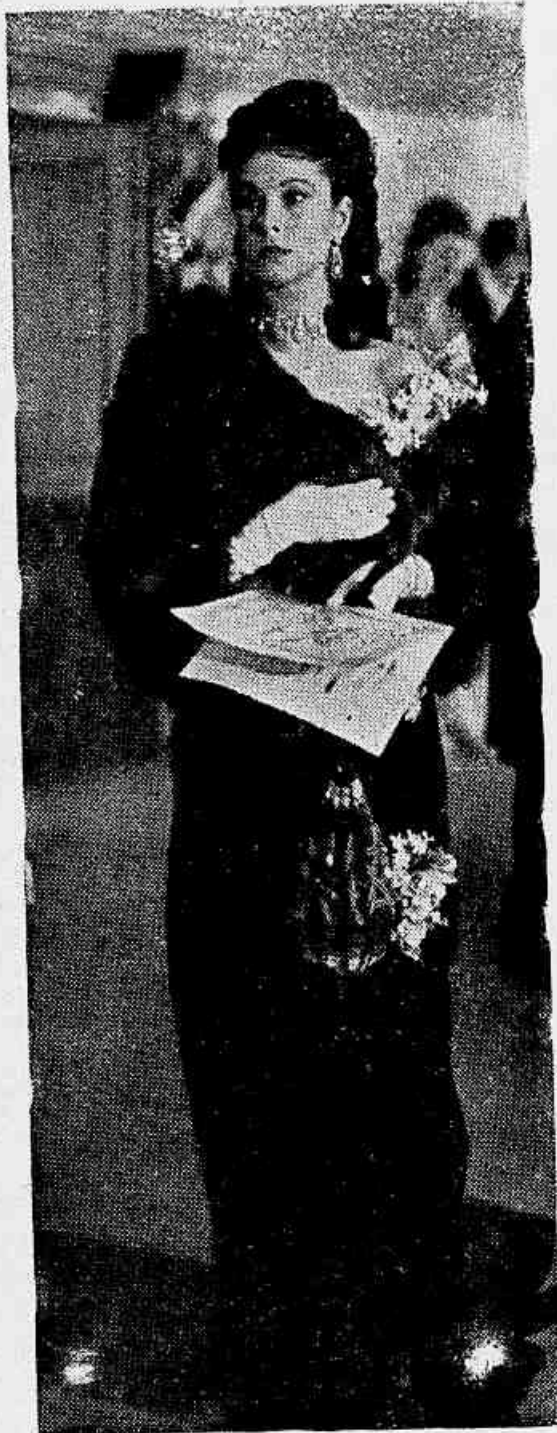
— Quero ser amolado por pessoas que têm ambições cinematográficas. E' preciso ver gente com e sem talento, para descobrir os que o tem... Apostamos que a telefonista vai andar bastante ocupada..."

NOVATO QUE COMEÇA BEM...

Louis Jourdan é um jovem ator francês que está fazendo sensação, em Hollywood. Na França, ninguém o levará a sério. Fez vários filmes, — mas eram filmes financiados por seu próprio pai, um milionário. Fez-se ídolo das "midinettes", mas sempre foi detestado pelo público de elite e pela crítica. Contudo acabou em Hollywood. Estreou no cinema americano com Alida Valli, em "The Paradine Case". Em seguida, filmou com Joan Fontaine o filme dramático "Letter from an unknown woman", da Universal, baseado em uma história de Stefan Zweig e dirigido por Max Opuls. E já ganhou um "slogan", que é o seguinte: "The Romantic New French Star"...



Aqui está Vivien Leigh, a "estrela" de "Anna Karenina", direção de Julien Duvivier, cenário de Jean Anouilh, música de Georges Auric (três franceses), com o irlandês Kieran Moore, o italiano Gino Cervi, produzido pelo húngaro Alexander Korda, segundo o romance do russo Leão Tolstói. "Anna Karenina" já foi exibida em Nova York e em Buenos Aires. Quando o Rio verá essa produção? Em 1952?



VOCÊ SABIA QUE...

... com os filmes da Atlântida, mau grado os seus defeitos técnicos, o cartaz de Oscarito subiu tanto em São Paulo que o empresário Walter Pinto está fazendo receitas de quase dois milhões de cruzeiros por mês, no Teatro Santana, da capital bandeirante?
... que Paulo Gracindo está ganhando o mais alto salário até hoje pago em nosso cinema para filmar um dos papéis do filme "Estrêla da Manhã", argumento que Jorge Amado escreveu especialmente para a Pró-Arte, antes de embarcar para a Europa?
... que o filme "Deus lhe pague", extraído da peça de Joracy Camargo pôs um estúdio argentino, com Arturo de Córdova e Zully Moreno, está batendo "records" de bilheteria há mais de onze semanas no Cine Iguazu, de Buenos Aires?
... que ninguém compreende a absurda demora no lançamento no Brasil de grandes filmes ingleses, como "Colonel Blimp", "Uma mulher do outro mundo", "Um marido ideal", "Anna Karenina" e outros já vistos na Argentina? Será que Hollywood está enciumada?
... que com mais quatro ou cinco filmes como "Viver em paz", o cinema italiano terá conquistado uma posição do mais sólido relêvo em nosso mercado?
... que há mais de setenta filmes em technicolor nas salas de corte e em produção nos Estados Unidos e na Inglaterra?
... que um consórcio de produtores argentinos, apoiados também por capitalistas brasileiros, vai iniciar a construção de uma cadeia de cinemas superiores dos Metros no Rio, São Paulo e outras capitais, para assegurar em nossos países mercado para as produções portenhas?
... que Oduvaldo Vianna, o realizador de "Bonequinha de seda" está voltando ao cinema, em São Paulo, com "Quase no céu", filme que tem Campos de Jordão como cenário?

OUTRA VEZ O "TEAM" CLARK GABLE-LANA TURNER

Em "Home coming", filme da Metro em cujo elenco também figuravam Ray Collins, Gladys Cooper e Carleton Mitchell, estão reunidos mais uma vez o truo lento Clark Gable e a loura amanteigada Lana Turner.

Um publicista da Metro achou que seria genial anunciar o filme com este mau trocadilho: "The team that generales steam"... Se fôssemos traduzir, obteríamos isto: "Atores que geram vapores". Ainda bem... Porque, às vezes, o que encontramos são "atores que geram justificados pavores"... Trocadilho por trocadilho, ainda cremos que o nosso é o pior...

HOLLYWOOD SE ARREPENDE DO PAPEL-CARTÃO

Hollywood está recebendo uma grande lição neste momento. Os magnatas do cinema americano, dominados pela sede de lucro, pelo comercialismo mais desbragado, não viam o fim da guerra senão como a perspectiva de uma reabertura de mercados sequiosos pelo "sarong" de Dorothy Lamour e pelas burrices de Bud Abbott e Lou Costello. Trataram de copiar filmes, de sobrepor legendas, de realizar dublagens. Mas, finda a guerra, verificaram, estarecidos que o mundo tinha pontos de vista mais adultos, de mais maturidade do que os seus. A velha história de Cinderela Jones, o eterno "boy meets girl", estava seródio, intolerável. Com o cinema americano sozinho em campo era impossível reagir. Mas, no regime da concorrência, quem foi que disse? Com mentalidade mais sadia, mais livre, menos preconcebida, o cinema europeu, embora com menos recursos materiais, alçou vôo... Tinha mais independência e mais inteligência. Que vemos, hoje? Apenas isto, enquanto Hollywood nos envia respeitáveis abacaxis com grandes nomes, — como "Mercador de ilusões", com Clark Gable e Deborah Kerr, — o cinema europeu nos surpreende com autênticas realizações artísticas. Quais os filmes marcantes dos últimos meses? "Roma, cidade aberta" e "Viver em paz", duas obras italianas; "Neste mundo... e no outro", e "Na solidão da noite", filmes ingleses. O cinema francês, — a par de muito lixo recolhido pelos importadores de alcaides, — ameaça mandar-nos duas obras de grande repercussão, — "Le silence est d'or" e "Le diable au corps". Os êxitos alheios, — e especialmente a noção de realismo propagada pelos italianos, — estão fazendo com que Hollywood se arrependa do papel-cartão, do convencionalismo que a tem dominado. Há ensaios de reação, — uma procura do realismo dos velhos tempos de "Ouro e maldição" e de "Paixão e sangue", Mark Hellinger, o produtor há pouco desaparecido, mais audacioso do que os outros, preferiu a Nova York da realidade à Nova York do papel-cartão. E foi para lá, filmar as cenas exteriores de sua película, "The Naked City", que, aliás, fez grande sucesso. O mesmo procedimento foi usado no filme de Franchot Tone e Jean Wallace, "The time is now", e no filme da Universal, "You gotta stay happy", com Joan Fontaine, James Stewart (agora em Nova York filmando a peça "Harvey") e Eddie Albert. Há uma nova tendência em Hollywood. Será que os velhinhos do celuloide vão crisar juízo?

MICKY



Charles Boyer beija um "brotinho"... Sim, perto dele, Ann Blyth, que é pouco mais de uma adolescente, é um tenro brôto perto de um galho já bem pouco enfolhado... (Boyer é careca, — não sei se vocês sabiam...). Pois é, O D. Juan francês, cinquentão (estamos sendo generosos...), pode se dar a esse luxo, porque é quem produz seus próprios filmes. O título da película: "Vingança de mulher". O autor da história: o sofisticado Aldous Huxley.

FILME POLÍTICO COM MÚSICA APOLÍTICA

A Twentieth Century Fox está realizando presentemente um filme político, de violenta campanha anti-russa. Esse filme se chama "The Iron Curtain" (A Cortina de Ferro). Como foi anunciado que, nessa película, haveria números musicais de autores russos, alguns dos mais eminentes compositores contemporâneos, como Shostakovich, Prokofiev,

Khatchaturian e Minkowsky, fizeram publicar, em Moscou, um protesto contra essa "profanação". Os dirigentes da T. C. Fox encolheram os ombros e declararam que usaram as músicas russas por dois motivos: primeiro, porque são de domínio público; segundo, por que são apolíticas...

O FILME DA SEMANA

EXTASE DE AMOR

(DAISY KENYON)

Daisy Kenyon, JOAN CRAWFORD; Dan O'Mara, DANA ANDREWS; Peter, HENRY FONDA; Lucile O'Mara, RUTH WARRICK; Mary Angelus, MARTHA STEWART; Rosamund, PEGGY ANN GARNER; Marie, CONNIE MARSHALL; Coverly, NICHOLAS JOY; Advogado de Lucile, ART BAKER; Mervin, JOHN DAVIDSON; Marsha, VICTORIA HORNE; Juiz, CHARLES MEREDITH; Advogado de Dan, ROY ROBERTS; Thompson, GRIFF BARNETT; e Dino, TITO VUOIO. Filme da Twentieth Century-Fox. Direção de Otto Preminger. Argumento de David Hertz, baseado no romance de Elizabeth Janeway.

★

UMA vez mais, quando se abriu a porta de entrada do bar Savarin, Daisy Kenyon ergueu os olhos da revista que estava folheando e perscrutou os novos recém-chegados. Dan O'Mara não estava entre eles. Atirando um olhar desesperado ao relógio, baixou novamente os olhos para a página da revista.

Apesar de toda a sua aparente concentração na leitura, era em verdade grande a sua tensão nervosa. Seu corpo esbelto vibrava de nervosismo, e em seu rosto, de planos dramáticos e sobranceiras arqueadas, refletia-se a sua agitação íntima.

As imagens que se formavam por trás das suas formosas pálpebras nada tinham que ver com o seu simulado interesse pela leitura. Relacionavam-se com Daisy Kenyon e Dan O'Mara. Daisy Kenyon e Dan O'Mara... e o amor que os unira.

Outrora, esse amor parecera tão ousado que nem mesmo o conhecimento de que Lucile, a esposa de Dan, e Rosamund e Marie, suas duas filhas, deviam ocupar o primeiro lugar na vida dele parecera preço demasiado.

Mas isso já não era verdade. A desesperadora e acalbrante certeza não tinha, porém, uma causa. Se tivesse, teria sido muito menos doloroso do que saber que cessara a magia. Menos doloroso que a série de humilhações que a haviam levado à conclusão de que, agora, o único passo decente era a separação.

Mas não era fácil. Podia dizer as palavras a si mesma, defendendo-se em vão dos golpes que elas lhe causavam. Mas, quando queria dizê-las a ele, ele a derrotava, irremediavelmente, com a força de sua personalidade indomável, recusando-se obstinadamente a crer no que ela dizia.

Como na tarde da semana passada, em que ele chegou ao apartamento de Washington Square exaltadamente quando ela acabava uma das suas ilustrações para revistas, que lhe rendiam o bastante para uma vida regalada. Ele subira os dois lances da escada íngreme com a energia nervosa característica de todos os seus atos, cumprimentara Mary Angelus, o modelo profissional que se tornara amiga dela, com um «Olá, favo de mel!». Praticamente, a todo mundo ele chamava «favo de mel», até mesmo a garções. Depois, sorria para Daisy: — Como vai, beleza?

— Eu disse a você que tinha um encontro para o jantar — respondeu ela, com segurança.

Com jovialidade, ele fingiu não notar a irritação dela; a combativa confiança em si mesmo que o caracterizava parecia não admitir que obstáculo algum se lhe interpusesse no caminho. Mary estava pondo o casaco, e Daisy disse a Dan, categoricamente: — Eu já devia estar-me preparando para o jantar.

Também isso ele fingiu não ouvir, e tampouco deu importância aos sinais de tormenta que havia nos olhos

dela. Quando Mary saiu, tomou-a nos braços e beijou-lhe a boca rebelde. — O seu telefone estava ocupado. Eu queria dizer-lhe que não poderei vir no sábado...

Ela bateu o cigarro com uma compostura enganadora. — Sabe que esta é a terceira vez que marcamos encontro com os Latimers, e que você falta?

— Marque para a semana que vem, sem ser a próxima, e eu não faltarei, nem que tenha de morrer — Olhou para as janelas onde a chuva escorria. — Vou a Washington. Lá, já é difícil conseguir taxis quando não está chovendo...

— Que coisa, hein? — murmurou ela, a voz cortante de sarcasmo. Ao que ele retrucou, calmamente: — E' tolice você enfurecer-se, e você sabe muito bem. Eu nunca faltei a encontro marcado com você, salvo por motivo muito importante. E nós podemos encontrar-nos com os Latimers na semana que vem.

A calma dele enfureceu-a mais ainda, e ela disse, com desgosto: — Sabe que durante todo esse tempo, desde quando eles nos apresentaram, não fizemos uma só amizade?

Mas o espírito impaciente dele já havia tomado outro rumo. — Estas suas escadas estão acabando comigo! Por que você não vive num lugar mais civilizado? Há aquele apartamento na rua 63...

O braseiro dos olhos dela fez-se então chamas. — O apartamento é meu, e continuarei morando nele!

— Eu ando desconfiado de que você teima em viver neste cortiço só para me castigar. E outra coisa...

— Creio, — disse ela, medindo as palavras, — creio que não temos tempo para mais nada. Acho que não nos devemos ver mais, Dan. Acho que... já estou farta de tudo isso.

Os olhos dele conservaram-se fitos nos dela por um longo momento, como a sondá-los. — Quer que recomecemos tudo outra vez?



Joan Crawford-Dana Andrews

— Não precisamos recomeçar coisa alguma! — exclamou ela, pondo-se a remexer as brasas do fogão e fazendo-as desprenderem um chuveiro de fagulhas revoltas.

Dan apertou-lhe os ombros tensos entre as mãos, mas ela nem se aliviou ao contacto nem o repeliu.

— A minha vida está embaraçada com a sua, para onde quer que eu me volte — disse, a voz trêmula — Eu já tentei... você já tentou... mas isto só não adianta. Você a tem... tem as suas filhas... e o seu trabalho... conseguiu uma posição invejável em Washington. Eu tenho apenas o meu trabalho, e até isso você atrapalha.

As palavras que ela proferiu em seguida soaram como se algo lhe apertasse doridamente a garganta. — Você nunca se casará comigo, porque nunca se divorciará, apesar de tudo o que diz. E porque não quer! Não... — interrompeu o protesto dele — não estou com pena de mim mesma. Eu sabia que seria assim. — Com as mãos, fez um gesto de infeliz resolução. — Estou cansada, eis tudo! Ela... ela...

Disse ele então, com toda a calma: — Eu detesto cenas. Vou-me embora, e não voltarei mais... se você quiser. — Deixou que a pausa tensa se acumulasse, e, de súbito, sorrindo confiante e cativadamente para ela, exclamou: — Querida!

Ela chorava. — Será que você nunca acreditará no que eu digo? — Mas sua voz dizia que ela já capitulara. Mais uma vez.

— Você é a maior parte da minha vida — disse ele. — A parte que tem mais valor para mim. Não podemos parar



Joan Crawford

— Já tentei — disse ela, num desânimo. — Mas hei de conseguir, um dia.

— Pois seja — disse ele, tranquilizando-a. — Consiga. Na próxima semana. No ano que vem. Mas agora, não.

— Será esta semana mesmo. — Duas emoções contrárias a empolgavam. O alívio, como se houvessem suspenso a sua execução. E a certeza de que a suspensão era apenas temporária; que teria de tornar a dizer tudo o que dissera, e que teria de cumprir o que elas exprimiam. Ergueu o rosto para receber o beijo dele e, quando ele a soltou, olhou para o relógio. — Está na hora do meu encontro.

— Divirta-se. — Ele tinha grande confiança nela para ser ciumento. Beijou-a de novo. — Boa noite, amor. — Depois se retirou.

★

Ela não se afastara de onde ficara, a contemplar, abstrata, o fogo, quando Peter Lapham, a pessoa com quem ia encontrar-se, subiu as escadas. Era um jovem moreno, fardado, de rosto magro e olhos melancólicos. — Olá, srta. Kenyon. Estou adiantado?

— Não. — E com um gesto apontou o vestido caseiro que ainda tinha no corpo. — Veio visitar-me um amigo, e não pude mudar de roupa.

Ele sorriu. — Não faz mal. Ainda tenho uma semana para ficar aqui. Portanto, não se apresse.

Tendo-lhe servido uma bebida, ela trancou-se no dormitório, donde saiu pouco depois, já preparada e sedutora. Seu olhar pousou no uniforme dele, e ela perguntou, franzindo os cantos da boca num leve sorriso: — Onde estão as suas fitas?

Ele deu de ombros. — Devo tê-las deixado na engomadeira.

De uma caixa de prata que estava sobre a prateleira do fogão, ela tirou um monte de fitas coloridas. — Você ficou pior do que imagina, a noite passada. Não se lembra de que me deu isto para guardar?

Ele sacudiu a cabeça. — Eu sempre as dou, quando encontro quem me dê ouvidos.

Com delicadeza, ela pregou-lhe as fitas na túnica, enquanto ele lhe perscrutava o rosto, como a querer descobrir algo que não se atrevia a esperar encontrar. Curiosa, ela perguntou: — Por que você me perguntou, quatrocentas vezes, a noite passada, se eu era de carne e osso?

Ele sorveu um gole demorado. — Por que não haveria de perguntar? Aqui não há nada real. Quando eu voltei pela primeira vez da Europa, depois do Dia da Vitória, não foi como se estivesse de volta a Nova York... não me pareceu estar de volta à pátria. Por isso tornei à Alemanha, com as forças de ocupação.

— Na Alemanha, — retrucou ela, em tom de mófa, — com certeza nada mudou! Pretende ficar no exército a vida inteira? — perguntou.

— Pretendia, — respondeu ele, encarando-a por cima do copo, — até quando a conheci.

Ele era um rapaz difícil de classificar. A leviandade meio zombeteira dos seus modos contrastava estranha-

(Cont. na pág. 56)



Joan Crawford-Henry Fonda



HEBE Campelo Guimarães, nasceu num dos bairros granfinos do Distrito Federal, a três de abril de 1923. Ainda cursando o ginasial, sentiu-se atraída pelo microfone, o que a levou a tentar a carreira radiofônica. Escolheu a música popular brasileira para seu gênero, no que andou acertada. Mas, ao em vez de estreiar numa emissora, veio a fazer-lo numa das grandes "boites" cariocas, como intérprete de sambas e marchas. Bonita estampa, voz agradável, a par de muita bossa, facilitaram-lhe o triunfo. Logo uma das muitas estações do Rio interessou-se pelo seu concurso. Hebe passou a exclusiva da Rádio Globo, vindo a participar dos seus programas de estúdio, além de animar as audições de "Rhapsódia Carioca". Gostando muito de cantar, alimenta, contudo, a esperança de se tornar rádio-atriz, vivendo papéis dramáticos. Também está interessada no cinema brasileiro, participando das filmagens de uma película em preparo. E, ainda, artista do Copacabana. Vivendo exclusivamente de sua arte, procura prender a atenção do público para suas interpretações, uma vez que deste é que depende o sucesso de sua carreira. Sua distração predileta é o cinema, frequentando-o assiduamente. Desconhece o que se a superstição, pois confia na sua "força de vontade". Hebe não se dedica aos esportes, nem tampouco desperdiça o tempo com futilidades.

JORGE Azevedo é um nome conhecido do público ouvinte carioca. Surgindo no "broadcasting" por volta de 1940, através do microfone PRG-3, seu nome está ligado a diversas iniciativas culturais. Da emissora associada transferiu-se para a Nacional, aquiescendo a gentil convite de Saint Clair Lopes. Por fim, radicando em território mineiro, não tardou a aparecer como orientador e responsável pela boa marcha de "Vitrine Literária", programa que se impôs ao agrado popular pelo muito de instrutivo que possui. Porém, sua passagem pela Rádio Mineira teve curta duração. A "Inconfidência", interessada no seu concurso, conseguiu arrebatá-lo a sua co-irmã. Lá se foi Jorge Azevedo para a PRI-3, carregando o sempre interessante "Vitrine Literária". A par de sua atividade no setor radiofônico, está a profissão jornalística. Colaborou no "Fon-Fon", escreveu para o "Correio da Manhã", publicou trabalhos em "O Malho" e hoje secretaria "Alterosa". Também publicou "Adolescência", livro de versos. A seguir, escreveu "O Diário" e "Histórias Banais", dois volumes de contos. Ao ingressar no rádio foi alvo das mais calorosas manifestações de apreço, uma vez que procurou fazer trabalho sólido, capaz de interessar ao grande público, sem cair no terreno das coisas banais. Exclusivo da Inconfidência, Jorge Azevedo honra a estação que o tem como contratado.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

LUIS Mendes é um dos mais recentes valores do rádio carioca. A PRE-3 deu-lhe a oportunidade necessária quando, pouco tempo atrás aqui chegou, vindo do Rio Grande do Sul, pois Mendes é gaúcho de Palmeira. Sua vida radiofônica iniciou-se na Rádio Missionária de Santo Angelo em 1942. Triunfou inicialmente, dados os seus dotes comprovados, como locutor e redator de programas. A capital do Estado atraiu-o e, pouco depois já se encontrava em Porto Alegre, atuando nas emissoras associadas, Difusora Portolegrense e Farroupilha. Desta última teve oportunidade de lançar alguns programas de êxito e de atuar como locutor esportivo, o que aliás está agora também fazendo na Globo, fazendo evidenciar seu grande futuro entre os que melhor desempenham essas funções. Nas suas férias, quando no seu Estado natal, procurava sempre motivos de atração para o seu público e daí, constantemente procurar as capitais vizinhas, Buenos Aires e Montevideu, onde teve oportunidade de fazer sólidas amizades. Por um triz esteve para ir sob contrato para a República Argentina, mas o Rio fascinava-o e Luis Mendes decidiu-se pela Cidade Maravilhosa. Na qualidade de locutor-chefe do Departamento Esportivo da Rádio Globo, visitou o Uruguai, irradiando os jogos da Copa Rio Branco. Conta duas fortes emoções em sua vida artística, uma em Porto Alegre e outra no Rio. Há um fato curioso na sua lembrança. Certa vez, foi enviado para descrever um jogo de "football" no Rio Grande e, procurando dar conta da mesma, viu-se obrigado a trabalhar debaixo de forte nevasca.

EM dezembro do ano passado, estreava na PRE-8, uma cantora que desde logo chamou a atenção, dada a graça especial com que interpretava boleros e foxes. Elda Mayda passou a despertar curiosidade. Quem era essa intérprete tão interessante de que ninguém ouvia falar? E tudo se explicou. Elda Mayda nasceu nos Estados Unidos. Conhece vários países que já tiveram ocasião de aplaudi-la. Na Itália, estudou ballados clássicos. Na Argentina, em Buenos Aires, estreou na Companhia Italiana de Operetas em 1939. Daí por diante sua vida foi uma sequência de sucessos, viajando, estudando e cantando, sempre elogiada pela crítica e aplaudida pelo público que via em sua figurinha gentil, uma das mais criteriosas intérpretes populares dos ritmos latino-americanos. Voltou então aos Estados Unidos e vários contratos lhe foram oferecidos. Elda Mayda conquistou então aos próprios americanos. O Cassino Parque Balneario Hotel Monte-Americano, de Nova York, estava sempre repleto de admiradores entusiasmados de Elda Mayda quando de nossa terra lhe chegaram propostas tentadoras. Elda Mayda sempre ambicionara conhecer o mundo artístico nacional e não hesitou. Veio e venceu. A Nacional lançou-a com excepcional agrado e Elda Mayda é hoje uma das suas "estrelas" mais festejadas. Também as "boites" não prescindiram do seu concurso e a artista da PRE-8 continua no Copacabana, onde todas as noites, um público seletos, expressa-lhe em calorosas manifestações de carinho, todo o agrado que a sua voz bem timbrada a seu repertório escolhido conseguem.





O acadêmico Roberto Simonsen, vitimado a 25 do corrente, por um insulto cerebral, em pleno salão do Petit Trianon.

A morte do acadêmico Roberto Simonsen

No dia 25 do corrente, quando pronunciava um discurso na Academia Brasileira, saudando o antigo primeiro ministro da Bélgica Paul Van Zeeland, tombou morto, fulminado por uma hemorragia cerebral o acadêmico Roberto Simonsen.

O fato causou a maior consternação, sobretudo pela circunstância imprevista de que se revestiu.

Roberto Simonsen, cuja personalidade tinha grande projeção no mundo das finanças e que ocupava igualmente uma cadeira no Senado Federal, era um grande estudioso de problemas brasileiros, tendo publicado uma "História Econômica do Brasil" em dois volumes, obra modelar no gênero. Sua morte se deu precisamente em meio do discurso que proferia, tendo sido inúteis os socorros prestados pelos médicos membros da Academia que se achavam presentes. Pela primeira vez, abriu-se uma vaga na casa de Machado de Assis por um decesso verificado no próprio salão nobre onde são recebedos.

★ A REEDIÇÃO DA "A FAMILIA" — De Nina Fedorova.

Grande foi o êxito obtido por este romance há uns seis anos atrás. Acresce que estávamos em plena guerra e o livro focalizava acontecimentos que precederam a segunda conflagração mundial. Mas isso, só aparentemente poderia dar maior atualidade a um romance que é, antes de tudo, uma imagem trágica da vida, com personagens humanos e uma amarga filosofia. Em qualquer época uma obra assim poderá ser lida com o mesmo interesse e despertar a mesma emoção.

"A Família", publicada primeiramente com o título "Isto é um pedaço da Inglaterra", não deixa, entretanto, de ser um triste e eloquente documento do nosso tempo. Sua ação desenrola-se na China, e, é nesse ambiente convulso, sob a ameaça constante das metralhadoras japonesas, que assistimos a luta heróica de um pequeno grupo humano — de uma "família" — para manter-se unido, resistindo a avalanche com esse poderio magnífico do coração que acaba por superar todas as vesânicas e todas as desgraças. Apesar de sua filosofia amarga, o romance termina assim com um vago clarão de esperança. Na família dispersa pelas contingências inexoráveis de um destino atroz, alguma coisa ficou ligando todos os componentes, como um elo invisível, que será talvez a permanência do princípio afetivo capaz de reconstruir o mundo e garantir a continuidade humana.

Esse romance tão comovente, tão cheio de peripécias, tão trágico por vezes, foi traduzido

admiravelmente pelo escritor Magalhães Junior.

★ "SAPATO FLORIDO" — De Mario Quintana.

Mario Quintana, o poeta gaúcho, tão apreciado pelo seu humor lírico, acaba de publicar agora um livro de pequenos poemas em prosa, sob o título de "Sapato Florido". Não erraremos em afirmar que esta será uma de suas obras mais interessantes e comunicativas pelo misto de ingenuidade e malícia que ele nela soube verter.

Não podemos furtar-nos à tentação de oferecer ao leitor algumas mostras da arte tão pessoal e expressiva de Mario Quintana. Eis-las:

"TRISTE ÉPOCA"

"Em nossa triste época de igualitarismo e vulgaridade, as únicas criaturas que mereciam entrar numa história de fadas são os mestres-cucas, com seus invejáveis gorros brancos, e os porteiros dos grandes hotéis, com seus alamares e seus ademanos, a sua indiscutida majestade".

E agora estas frases que valem, cada qual, um verso:

— "A mentira é a verdade que se esqueceu de acontecer".

— "As folhas enchem de f as vogais do vento".

— "E a ruazinha que tosse, tosse engasgada com o homem de muleto".

Parece-nos que esses riquíssimos exemplos, já darão uma idéia do que seja o livro de Mario Quintana (Ed. Globo, um primor de bom gosto e arte gráfica).

NOTICIÁRIO

A GUERRA JÁ NÃO É UM GRANDE ASSUNTO

★ A guerra já não é um assunto de atualidade. Segundo notícias recebidas dos Estados Unidos, os livros que, sob qualquer aspecto a focalizam não vêm registrando apreciável índice de venda. "A Galeria", de John Horr, apontado como o melhor romance de guerra publicado no ano passado, ficou além das esperanças do editor. A obra apareceu em junho de 1947 e até abril deste ano não se venderam mais do que 15 mil exemplares, o que constitui um índice baixíssimo com relação às tiragens norte-americanas.

AS MEMÓRIAS DE ADOLPHE MENJOU

★ Quem não se lembra de Adolphe Menjou, uma das figuras mais populares do tempo do cinema mudo? Menjou, homem já maduro, sem nenhum dos predicados apolíneos de Ramon Novarro ou de Rodolfo Va-

lentino, mas de uma grande simpatia e de uma absoluta distinção de maneiras. Pois acaba ele de publicar sua auto-biografia, em que aparecerão, de certo, muitos nomes famosos da cinematografia de cinquenta anos atrás e será, naturalmente, leitura muito pitoresca e interessante.

Ao mesmo tempo, Menjou prepara uma longa "tournée" pelos Estados Unidos, afim de autografar o livro para os seus fãs.

A SOCIOLOGIA COMPETE COM O ROMANCE

★ Segundo se infere da nota de um editor norte-americano sobre o novo livro de Arnold J. Toynbee "Civilization on Trial", do qual foram tirados cinquenta mil exemplares o mercado para as obras de sociologia é, atualmente, pelo menos tão vasto quanto para um romance mediano.

JÁ NÃO FALTA PAPEL PARA OS EDITORES AMERICANOS

★ Já não há escassez de papel para os editores norte-americanos. Tem, no entanto, contribuído para isso uma circunstância nada agradável: a diminuição da venda de livros, o que já constitui, pelo menos, um prenúncio de crise naquele país.

UM PARADOXO DE MICHAEL SADLEIR

★ No seu livro "Forlorn Sunset", Michael Sadleir faz essa sutil e paradoxal advertência aos romancistas novos: "As coincidências são muito mais comuns na vida real do que na ficção. Portanto, os romancistas devem evitá-las, a fim de que suas histórias percam a atração da impossibilidade e pareçam fatos."

A ORIGEM DA "PIMPINELA ESCARLATE"

★ Não teve quase nenhuma repercussão o falecimento, em novembro do ano passado, da popularíssima romancista Baronesa Orczy. Dos quarenta e nove romances e das quatro peças de teatro que publicou, será ela, provavelmente, mais lembrada pela sua famosa história de "Pimpinela Escarlate".

Numa autobiografia, ultimamente publicada, a Baronesa conta haver encontrado a "Pimpinela", pela primeira vez, numa estação subterrânea, em Londres. "Via-a metida em suas roupas esquisitas — diz a romancista — ouvi-lhe a fala preguiçosa e arrastada, seu riso curioso". E depois disso, dirigindo-se para

livro a calhças da mão. São criaturas que vão ali para distrair-se, por que não têm aonde ir. Pedem uma obra recreativa qualquer — uma coleção de revista, um romance brejeiro — e põem-se a folheá-la com discrição até que o sono chega e não há nada melhor do que entregar-se a Morfeu naquelas poltronas. Essa e outras modalidades semelhantes de consulentes concorrem para o desgaste dos livros, — pois não há gente que mais os danifique do que o leitor ocioso — para o desvio de muitos volumes e o embaraço do serviço, distraindo funcionários para atendê-los numa casa, onde estes já são em número tão reduzido.

O sr. Josué Montelo não se declara, entretanto, contra os direitos de tais leitores. Para eles, o Governo deve dar também livros e poltronas, mas num outro local, numa biblioteca pública, onde se reünam, de preferência obras recreativas, cujo desgaste e consumo não afete o patrimônio da Biblioteca Nacional. Esta deve ser para outra espécie de consulentes. Assim acontece em todas as instituições similares do mundo.

Em muitas delas, como a Biblioteca Nacional de Paris é preciso até o consulente provar a sua condição de estudioso e a necessidade de manusear as obras ali guardadas para desafiar o tempo. — B. B.



O poeta e romancista Jorge de Lima, apontado como um dos possíveis candidatos à cadeira n.º 3 da Academia Brasileira de Letras, atualmente vaga.

sua residência, em Kensington, em Londres, a Baronesa escreveu seu famoso romance em cinco semanas.

ERSKINE CALDWELL NO TEATRO, EM PORTUGUÊS

★ Erskine Caldwell, um romancista famoso, — e famoso quase que apenas com um único romance, "Tobacco Road", — conheceu as glórias do palco através de uma adaptação teatral desse livro, executada pelo ator e autor Jack Kirkland. Levada à cena em Nova York, primeiro com James Barton e depois com Will Geer no papel central, o de Jeeter Lester, permaneceu oito anos na Broadway, sendo a segunda peça mais representada dos Estados Unidos, pois a primeira é "Life with father", de Clemence Day Junior. Howard Lindsay e Russell Crouse. No Brasil, já conhecíamos o livro de Erskine Caldwell, editado há cinco ou seis anos por uma casa editora de São Paulo. Agora, conhecemos a peça dele extraída e que é agora apresentada com Saddy Cabral, Itália Fausta e Maria Della Costa, em tradução de R. Magalhães Junior, sob a direção de Ruggero Jacobbi e com cenários de Laszlo Meitner. A excelência do espetáculo com certeza reavivará o interesse do público leitor pelo livro de Erskine Caldwell.

EMIL LUDWIG CONTRA FREUD

As obras que já existem traduzidas em nosso idioma, vem juntar-se agora uma de Emil Ludwig, traduzida por Almir de Andrade, sob o título de "Freud desinascarado". Trata-se de uma análise séria da doutrina do mestre vienense, que vai naturalmente suscitar

muitos debates em nosso ambiente, onde, como em toda parte, Freud teve adeptos fanáticos e contraditores também apaixonados.



Emil Ludwig, de quem José Olympio vai lançar um livro sobre Freud, em tradução de Almir de Andrade.

LIVROS NOVOS

O PATRÍCIO E A CORTESIA

ROMANCE HISTÓRICO
DE EDUARDO CORRÊA

Pongetti - R. de Janeiro
— 1948 —

Nas modernas letras da língua portuguesa tem sido raros os romances históricos; e hoje em dia quase ninguém se lembra de cultivar semelhante gênero. O livro do sr. Eduardo Corrêa vem, pois, constituir uma exceção. E' alguma coisa de diferente. E de superior também. A época dos Césares, que inspirou Quo vadis a Sienkiewicz, Rome a Jean Lombard e a José de Souza Monteiro o opulento e engalanado poema em prosa Os amores de Júlia, é agora pelo escritor brasileiro tratada com a desenvoltura, o movimento, a vivacidade de uma obra que visasse, depois do êxito do romance, a consagração do teatro e do cinema. E' a ação que sobretudo desperta e domina o interesse do leitor. As figuras são apresentadas e definidas pelo que fazem e dizem, na sucessão dos episódios impetuosos, no jogo dos diálogos animados. Os próprios cenários se compõem, deduzidos do viver e falar do povo como dos personagens que dele se destacam. Os amores, os ódios, os heroísmos, os sacrifícios passam nas palavras que em verdade nos obrigam a "ouvir". O timbre das vozes e os seus acentos nos estimulam a imaginação que passa a trabalhar também... executando o resto. Como, no teatro, pelas inflexões e o acionado dos artistas compreendemos o que, a rigor, não foi escrito na peça, assim, nestas páginas, deduzimos o que elas não expõem à letra: emprestamos aos interlocutores fisionomias "nossas"; atribuímos-lhes atitudes e gestos; tornamo-los, para nós, completos e definitivos. Assim é que assistimos às cenas amorosas entre o patricio Publius Domitius e a cortesã Glaucia; aos excessos cruéis e aos planos ora temerários ora hipócritas de Ancus Valerius; às sessões magníficas ou tumultuosas do Senado; às campanhas políticas, às festas suntuosas e aos banquetes orgiásticos, aos combates de circo entre os homens e as feras, a todas as grandes e todas as misérias, todos os crimes, todas as paixões. O fraseado dos "artistas" é intenso e minucioso. E tudo o mais, digamo-lo outra vez, seremos nós que o vamos "criando".

Numa nota de fim do volume confessa o autor ter-se afastado, em alguns pontos ou situações, da exatidão histórica. Era porém, dispensável tal declaração. As inverdades que o texto comporta — e pelas quais, realmente, bem pouca gente daria — em nada prejudicam o valor da obra. E a qualificação de romance bastaria para as justificar.

OS MILAGRES DA FÉ

(A VIDA E A OBRA DO
PADRE ANTONIO RIBEIRO PINTO)

Por Alvaro Gonçalves
— Pongetti
Rio de Janeiro
— 1948 —

"Permiti, leitor, que vos dê a mão e vos conduza até os umbrais do maravilhoso reinado dos Milagres". Assim se nos dirige o autor no primeiro capítulo. Antes, porém, de nos levar à presença do sacerdote e à evidência dos prodígios que, por sua intervenção, se hão de operar, de algum modo o repórter faz obra de historiador. Reconstitui, conforme a conheceu de outro livro ou opúsculo, a figura de Catarina Labouré, "escolhida por Maria Imaculada para a revelação da Medalha Milagrosa". Vem depois o culto de Nossa Senhora das Graças que o padre Antônio, tornado célebre pelo simples prenome, propagou com a sua eloquência singela e comunicativa a ponto de chegar a todas as almas. Começou já a tarefa do jornalista. E, mais algumas páginas depois, chega o cortejo patético dos que foram a Ucrânia cheios de sofrimento mas levando a verdadeira fé no coração. O espetáculo que os jornais trouxeram, fragmentado e por vezes incerto ou incoerente, aqui o vemos desenvolver-se, unido e tanto mais impressionante quanto mais vamos notando não ter havido o propósito de o exaltar com os recursos do estilo, com as imagens e as frases de efeito. São os cégos por moléstia que recuperaram a vista e os de nascença que vieram a conhecer, pelos olhos, aquilo que não haviam imaginado; os surdos, que receberam a graça dos sons e os mudos que puderam exprimir pela palavra tudo quanto pensavam e sentiam; os estropeados que se apuraram, escoreitos; os aleijados das pernas, que depuseram as muletas tornadas desnecessárias; as criancinhas paráliticas que entraram a saltar e traquinar; os meio loucos que principiaram a falar com serenidade e discernimento; os desgraçados até sem saber por que e agora reconciliados com a vida, animados de esperança para sempre...

E tudo isso o obtivera de Nossa Senhora, de Deus, um padre que não cessava de se declarar "um homem como outro qualquer."

Completem o volume, que vai a mais de duzentas páginas em vasto formato e fartamente ilustradas, notícias da imprensa e respostas de prelados, médicos e outras autoridades acerca do espetáculo de alto fervor religioso que teve por teatro a modesta localidade mineira. Grande foi, em verdade, o trabalho do sr. Alvaro Gonçalves; mas, diante do seu livro, e com toda a razão, ele se sentirá recompensado.

POETAS DE MINHA TERRA

BIOGRAFIAS POR CHILQUINHA NEVES LOBO

São Paulo
— 1947 —

A sra. Chiquinha Neves Lobo é uma escritora sobremaneira generosa e entusiasta. Como a bem poucos do ofício das letras lhe aprazem os ensejos de admirar e louvar. Por isso as suas obras começam por inspirar a mais franca simpatia. Depois das Glórias brasileiras em dois volumes, Vida dos grandes músicos, primeira série, e Vultos célebres, nos dá a sra. Neves Lobo o presente livro, tão digno de atenção como os anteriores, cujas edições, conforme agora se nos diz, rapidamente se esgotaram. Nestas páginas se sucedem os poetas sem obedecer a ordem ou regra costumada. A lista principia com Gonçalves Dias; passa a Fagundes Varela; salta a Martins Fontes; depois de mais três nomes, recua a Alvares de Azevedo e Casimiro de Abreu; inclui em seguida Alberto de Oliveira e Olavo Bilac; retrocede a Castro Alves; e em vigésimo quarto lugar, penúltimo da relação, vem Gregório de Mattos. Como se vê, não foi observada a condição cronológica nem a alfabética ou qualquer outra que, pelo menos à primeira vista, se note. A autora foi talvez compondo a série à mercê dos dados que, nas suas pesquisas, se completavam ou lhe pareciam suficientes. Usou assim de uma liberdade que lhe permitia trabalhar depressa. A sua ardorosa atividade exigia certa precipitação. E daí, sem dúvida, é que resultaram algumas impropriedades mais ou menos evidentes. Assim, a autora, tratando de Castro Alves, conta que "ele pertenceu à Academia Brasileira de Letras", fundada um quarto de século após a morte do poeta; e, a páginas 37, recordando os vultos célebres que tiveram por berço o Maranhão, qualifica, por exemplo, Humberto de Campos de "maravilhoso escritor" e de Raimundo Corrêa apenas diz: "O conhecido poeta das Pombas". Está claro que não examinamos detidamente, no volume, cada data e cada conceito; não caberia semelhante tarefa no espaço distribuído por estas notícias; não haverá, porém, temeridade em supor que mais algum senão se encontre na obra, embora sem grandemente a prejudicar.

A sra. Chiquinha Neves Lobo entregou-se a uma bela missão, que vai esforçadamente cumprindo. E o serviço que presta aos leitores em geral é de veras meritório.

Pequena História da Aviação

★
POR MATIAS ARRUDÃO

★
Livraria Martins Editora - São Paulo
— 1948 —

Pequena, por que? O livro vai a mais de trezentas páginas; nele se encontra, parece-nos, tudo quanto, sobre o assunto, a gente tenha necessidade ou simples vontade de saber; e qualquer leitor jurará que se trata de uma obra completa. O sr. Matias Arrudão foi às origens, às primeiras aspirações da arte de viajar pelos ares. O estudo da questão da prioridade vitoriosa nas idealizações e empreendimentos do nosso tempo duplamente o apaixonou, por ser, ele próprio, piloto do ar e por ser compatriota de Santos Dumont. No entanto, sempre às suas averiguações, como às suas apreciações, imprimiu a feição da perfeita imparcialidade. Não cedeu aos impulsos do patriotismo exaltado que, tantas vezes, para se fazer admirar ou seguir, chega a iludir-se a si mesmo e não dá pelas injustiças que comete. O autor da Pequena história da Aviação realizou duas tarefas qual delas mais meritórias, apurando a verdade dos acontecimentos e cuidando de dar a estes a mais fiel interpretação. Para isso, naturalmente precisava de consultar os autores que, antes dele, se houvessem assinalado. Leu, examinou, confrontou, deduziu, concluiu. A relação bibliográfica do fim do volume vai a mais de oitenta obras consideráveis, além dos artigos, crônicas e entrevistas de jornal. E, por se haver assim informado e orientado, é que o sr. Arrudão vem de formar um juízo próprio e no-lo transmitir claramente.

A meio do livro, principia a narração profusamente documentada dos trabalhos e experiências de Santos Dumont. A figura do inventor desde logo se define em toda a sua superioridade. Nas páginas do livro vamos, daqui por diante, recordando as notícias dos jornais raríssimos da época, que incluem, não só as esperanças e os triunfos, mas também as dificuldades e os revêses que a tantos outros homens, corajosos embora, fariam desanimar. Santos Dumont era verdadeiramente um inspirado. Como não hesitava, diante das vultosas despesas exigidas pela construção dos sucessivos aparelhos, em sacrificar a fortuna, pouco lhe importava ter, em cada nova experiência, de arriscar a vida. Sabia iniludivelmente que havia de vencer ou, em último caso, o seu aeroplano venceria. E, quanto à espécie de rivalidade criada entre aquele a quem a França chamou le père de l'aviation e os norte-americanos Irmãos Wright, definitivamente concluiu o autor deste livro:

"Foi ele, em suma, o criador principal do ambiente propício ao desenvolvimento da aeronáutica, sem o qual nada seria possível fazer-se. A ele, pois, e a ninguém mais, ainda, que não fosse o primeiro a voar, a Alberto Santos Dumont, a glória das asas!"

Ilustram o volume numerosas gravuras entre as quais figuram desenhos originais do sr. Paulo Amaral.

ARRUAR

★
HISTÓRIA PITORESCA DO RECIFE ANTIGO

★
Edição da Casa do Estudante do Brasil
Rio de Janeiro
— 1948 —

Toda a gente sabe da predileção do sr. Mario Sette pelas coisas e aspectos do passado. Tantos livros atestam essa preferência do espírito e do sentimento e tanto dela se tem falado em jornais e revistas, que ao nome do escritor pernambucano, onde quer que apareça, se liga imediatamente a idéia de tipos e costumes do tempo antigo, seja do Brasil Colônia, seja do Brasil Império. Nestas mesmas colunas foram louvados os livros Palanquim dourado, Mambombas e Maracatús, Anquinhas e bernardas — além de Senhor de engenho, cujas edições se tem rapidamente sucedido e que, pela popularidade, vem a representar, na bagagem do autor, alguma coisa semelhante ao Mal secreto de Raimundo ou o Ouvir estrelas de Bilac. O próprio estilo do prosador, estilo de linhas bem medidas e bem contadas, cuidadoso de si mesmo, sem nenhum dos descasos ou arbitrariedades hoje tão correntes, parece, vindo das épocas que o sr. Mario Sette evoca familiarmente e como se delas conservasse uma crescente saudade. Tem-se a impressão de que este novelista, este cronista conhece melhor a sua terra natal como era há cem ou duzentos anos do que como hoje os habitantes a prezam e todos os forasteiros a admiram. Se, na rua, se confunde entre os outros cidadãos e, nas suas relações pessoais, cultiva simpatias e afeições que se parecem com as do comum da gente educada, uma vez refugiado na sala de trabalho de onde a sua individualidade se irradia, especialmente lhe apraz esquecer quanto lá por fora andou vendo e tudo trocar pelos lugares descritos no seu livro onde os avós passaram. E' nesses velhos lugares, entre os moradores de antanho, que o sr. Mario Sette se deve sentir bem no seu meio, respirando o ar de veras apropriado à sua alma. Aquilo que nos parece um sonho representa para ele a realidade mais pura. Aquela ilusão é a sua verdade.

O verbo "arruar" é aqui empregado, não no sentido de aferir ou alinhar as ruas, mas no de andar por elas e mais propriamente passear. As "cadeirinhas de arruar" eram ao mesmo tempo veículos de utilidade, trastes de luxo e pretextos para exibição "através da móvel moldura do postigo". Levavam às visitas de cerimônia ou de afeto, às obrigações devotas, a compras, às companhias, de comédia e ao teatro de ópera. Às festas de praça ou de arrabalde, a encontros mais ou menos desejados e combinados... Davam elegância, com os seus estofos, as suas decorações, a sua parolha de belos escravos com as libras garridas que os jornais anunciavam como "novidade de Paris". E, assim ostentosas, espaventosas, também se sabiam ocultar e sabiam guardar segredos...

O livro é um contínuo passeio através da cidade que, tanto se modificando através dos lustres e dos decênios, alguma coisa guarda, inconfundivelmente, da antiga fisionomia. Em companhia do autor, caminhamos vagarosamente, para tudo ver e examinar com a necessária nitidez. "As páginas deste livro — diz-nos ele — não pretendem ser mais do que um arruar de outrora. A nossa cadeirinha imaginária comporta bem à larga com a mais suave comodidade, duas pessoas amigas. Por isso, nunca a sua lentidão chegará a impacientar-nos, e não haverá no trajeto particularidade ou minúcia que nos pareça demasiada. De vez em quando, uma comparação inevitável nos faz "voltar" à atualidade, aos jornais recentes, aos casos políticos, ao automóvel. E também a moderna capital de Pernambuco nos surge pela frente, com toda a sua opulência e todos os seus progressos. Bem depressa, porém, as velhas imagens reassumem o seu prestígio envolvente e encantador. Chegamos, enfim, ao capítulo Letras, letreiros e livreiros, onde encontramos prosadores e poetas de hoje, cada qual, com os seus trabalhos consagrados ou os seus alegres improvisos, mais generoso em nos acolher. Temos que deixar definitivamente a cadeirinha. Mas as impressões recebidas no percurso nos ficam, não só no espírito, também no coração.

Enriquecem o livro, que vai a quatrocentas páginas de amplo formato, desenhos de Luís Jardim e Percy Law, além de numerosas fotografias.

JOÃO LUSO

Recebemos:

Constituição da República Italiana, tradução de Mario Notarbartolo di Sciara e Edmundo Nantês Nascimento. São Paulo, 1948.

Poesia e fraternidade, discurso de posse proferido na Sociedade de Homens de Letras do Brasil, pelo sr. Raimundo Maranhão Ayres. — Guiratinga, Mato Grosso, 1948.

Páginas da Roça, e outros opúsculos de Gelmires Reis — Luziânia — Goiás — 1948.

Prometeu, "revista ilustrada de cultura" que se publica no Porto, sob a direção do sr. Kol d'Alvarenga.



ELEANOR PARKER, da Warner Bros

NUNCA se registrou uma tão brusca mudança na moda feminina. Passamos, pode-se dizer, de um polo a outro; das saias curtas e justas, das combinações sumárias, dos sapatos «Anabela», das bolsas a tiracolo, das linhas retas e dos or-bros quadrados; da noite para o dia, às saias compridas e amplas, às anquinhas; às «saias de baixo», em tafetá ou moiré, — condenando à morte a combinação, — aos sapatos de saltos muito altos e de ponta alongada; aos ombros arredondados e cintura fina, parecendo, a.s.m., pretender a mulher recuperar num só instante toda a graça e feminilidade que a moda passada teimava em ocultar. Esse retorno à feminilidade não é, no entanto, um acontecimento formado simplesmente por interesses industriais e comerciais como muitos querem dizer; éle significa como de psicológica, talvez até razão tanto tem de financeira do que possa parecer. Esse retorno seja mesmo mais psicológica do que o seu grande desejo de renovação, significa, para a mulher, o seu grande desejo de renovação, de regresso a uma época mais romântica e menos materialista; a recuperação do seu prestígio verdadeiramente feminino, de tudo aquilo enfim que po.sa não só realçar a sua beleza, a sua graça e a sua elegância, como também que lhe dê a chance de reconquistar a atenção, o respeito e admiração do homem. E' por essa razão que a moda atual não possui apenas esse aspecto exterior; não está apenas no alongamento das saias e pronunciamento dos quadris, nem tampouco no arredondamento dos ombros; os que a lançaram, insistem em que a própria mulher ao adotá-la, adote também a «nova linha» interna, que consiste na moderação de gestos e atitude, na delicadeza de sentimentos, no respeito a si própria, na dedicação ao lar e à família, na distinção das maneiras e na finura de espírito. Em resumo, es.a figura exteriormente graciosa e feminina deve-lo-á ser também interiormente. — Kitty.





CHAPÉUS DE HOLLYWOOD

O chapéu é sempre o indispensável complemento à uma "toilette" elegante. Guarnecido de flores, de fitas ou de véus, ele dá uma nota mais alegre ao traje e realça, ainda, a beleza do rosto. Alguns dos mais recentes modelos usados pelas "estrelas" de Hollywood, são aqui apresentados. Na página ao lado: a lindíssima Jean Fontaine, "estrela" de "Carta à uma desconhecida", sugere este encantador modelo em feltro rosa, aba formando ponta na frente, copa toda coberta de flores e véu. Ao alto: Agora é Dorothy Hart, com um "breton"

em feltro cinza com "amôres-perfeitos", sob a aba. Em baixo: Virginia Field, com um encantador modelo em feltro e renda. Ao alto, de cima para baixo: "Toque" de flores de diversos tamanhos e cores, caindo sobre um lado. Sugestão de Deborah Kerr. Novamente Miss Fontaine, "estrela" da Universal-International, usa um elegante modelo em veludo negro com véu cinza claro, passando sobre o rosto e terminando atrás de grande laço. Um modelo de Dorothy Hart, desta vez é um modelo rendado com rosas e fitas de tafetá sobre a copa.





AGASALHOS PARA O

O MES de Junho aí está e com ele os primeiros dias de frio. Já é tempo, portanto, de pensar nos novos agasalhos e, nesse terreno, as peles sempre levam vantagem, pois enfeitam muito a figura feminina. Só devem ser escolhidos modelos e peles especiais para cada fim, como-o que sugerem algumas das mais interessantes "estrelas de Hollywood. A esquerda: Janet Leigh, da MGM, com elegantíssimo casaco em "astrakan" negro. Ao alto: em pele de leopardo e o casaco, também de Janet Leigh, e que se presta para trajes também mais ligeiros. As mangas são largas, estreitando nos punhos. Outro lindo modelo, apresentado por Miss Leigh, desta vez em pêlo de carneiro branco. Na página ao lado, ao alto: para os trajes mais esportivos Ava Gardner, da MGM, dá preferência a este casaco de carneiro da Índia, que, com o seu talhe reto e longa lapela, torna ainda mais esguia a figura da bela Ava. Em casaco que se presta tanto para vestidos simples como para outros mais "habillés". A sugestão é ainda de Janet Leigh. Em baixo: a lontra é sempre bem recebida, pois apresta-se também para diversas ocasiões. Este casaco de Ava Gardner em lontra, é muito amplo, com mangas também noites de gala, nada mais elegante do que o arminho. Um casaco comprido, de largas mangas, sobre um vestido de noite, é simplesmente maravilhoso.





O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

FRANQUEZA

Ninon de Lenclos estava passando por uma crise financeira medonha. Lembrou-se, entretanto, de que possuía um velho amigo banqueiro e sem mais tardar, recorreu a ele. Não falhou. Dentro de poucas horas Ninon recebia um envelope com mil francos e um amável bilhete onde o banqueiro lhe enviava mil francos e "dez mil cumprimentos". Ninon agradeceu deste jeito: "Muito obrigada, mas ficaria mais contente se me tivesse mandado dez mil francos e mil cumprimentos apenas".

★

EXPERIÊNCIA

Depois da morte da rainha Hortênsia, encontraram entre seus pertences um livro no qual havia anotado alguns conselhos que pretendia enviar a seus filhos. Entre outras observações, havia esta, verdadeiramente preciosa: "Na França, sempre que se deseja ganhar uma discussão, é preciso invocar a História. Ninguém sabe nada a respeito, mas todos acreditam no que se diz".

★

FÁCIL DE ESCOLHER

Um poeta pouco inspirado, foi ter com Georges Sand a fim de lhe mostrar dois poemas que havia terminado. Queria que a escritora lhe dissesse qual dos dois deveria publicar. Mal terminou a leitura do primeiro, Georges Sand sentenciou: — Publique o outro!

★

DUELO

Falavam junto de Mistinguette, a célebre canconetista francesa, sobre o duelo de Gambetta e Clemenceau, que haviam trocado balas, sem nenhum dos dois sair ferido.

— Eram do mesmo calibre? — perguntou Mistinguette.
— Sim.
— Do mesmo metal?
— Sim.
— Mesmo peso?
— Sim.
— Então que diabo de idéia foi essa de quererem trocar?

★

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

Marta Abba chegava de uma viagem a Paris. Seus amigos de Roma pediam-lhe notícias. Que tinha visto? Teatro, naturalmente. A célebre intérprete de Pirandello tinha visto tudo. Um deles perguntou:

— Foste ao Casino?
— Sim.
— Que tal Mistinguette?
— Ah, aquela mulher não muda nunca. Sempre velha!

★

O ECO

A rainha Cristina, da Suécia, odiava os adulares. Certa ocasião em que palestrava com um nobre da corte, este se mostrava tão vil na sua bajulação, que não fazia mais que concordar em tudo que a rainha dissesse. Subitamente, esta se irritou:

— Faça o favor de me contradizer uma vez ou outra, para eu ter a impressão de que estou falando com alguém!

★

CRÍTICA CINEMATOGRAFICA

Danielle Darrieux, a famosa atriz francesa, dizia um dia que o seu maior receio era agradar a todos os críticos. Mas alguém lhe perguntou por que. E ela respondeu:

— Porque quando os críticos gostam muito do nosso trabalho geralmente se limitam a um simples adjetivo. Mas, quando não gostam, geralmente descobrem em nós uma boa qualidade, como compensação para as restrições que nos vão fazer...

— Como assim?
— Veja... Aqui estão duas críticas. A do meu primeiro filme e a do último... No do primeiro, lê-se isto: "Mademoiselle Darrieux, maravilhosamente linda e jovem, infelizmente não tem o talento necessário para um papel tão forte..." Na do segundo, lê-se isto: "Mademoiselle Darrieux, embora dona de um extraordinário talento dramático, não tem a juventude exigida pelo papel". Ai está...

E, dobrando os recortes, acrescentou:
— O mais curioso é que ambas me satisfizeram... E, ainda mais singular, é o fato de terem sido escritas pelo mesmo crítico...

(Seleção de L. B., especialmente para REVISTA DA SEMANA)



"tailleur"



Os novos **tailleurs** pouco têm dos que foram usados na estação passada. A linha é acentuadamente feminina, realçando os quadris e arredondando os ombros. Paris recomenda para a manhã tecidos clássicos; o marinho de listras brancas, o cinza de listras brancas; para durante o dia o **pied-de-poule** e os quadriculados pequenos; para a tarde as lãs finas

Para os vestidos de dia, o estampado está muito em voga. Em sêda, lã ou algodão, em desenhos e arabescos ou em simples pois eles aumentam a graça dos modelos juvenis



Nesta página apresentamos três recentíssimas sugestões que Paris nos envia para a próxima temporada. Modelos de grande elegância e originalidade, são estas as últimas criações dos notáveis costureiros franceses



A PERSONALIDADE da Semana

UMA ESCULTORA

Expôs, pela primeira vez, aqui no Rio, no Museu Nacional de Belas Artes, em São Paulo, na Galeria Prestes Maia que, antes nunca se havia aberto para uma exposição individual. De sua arte, todos os nossos críticos — mesmo os mais exigentes, e principalmente esses — têm dito o que raramente se diz no Brasil — em relação



a um artista nacional. E Pola tem, sem favor nenhum, todas as qualidades que definem a presença do gênio e riscam as latitudes e os meridianos do mapa-mundi. Aqui, em Nova York ou em Paris, é ternura mesmo aquele halo que se desprende da fronte e das mãos de suas noivas e de suas enamoradas; é desespero, em todas as línguas, e calada revolta, o gesto dos desvalidos das crianças e dos mendigos que nascem de sua espádua, protestando contra a injustiça dos sofrimentos sem beleza.

Entretanto, não é a glória dos louvores da grande crítica que mais emociona Pola. Sua maior lembrança, a que enche de um brilho úmido os seus olhos escuros, é esta:

— “Ao sair da Galeria Prestes Maia, um casal de pretos parou humildemente perto de meu marido. O homem tirou do bolso, com seus dedos roscados de operário, uma moeda de cruzado: — Nós somos muito pobres; não podemos comprar uma estátua. Mas queremos ajudar essa moça que nos compreende tão bem. É muito pouco o que podemos dar. Mas se todos derem...”

Pola conta isso com os olhos úmidos: — “Era o dinheiro do bonde, do cafézinho no balcão da esquina. Mas era a grande moeda, a moeda generosa da compreensão popular.”

Outro fato: Na exposição da Galeria Prestes Maia, figurava a estátua de um mendigo, o côncavo das mãos voltado para o céu, a tristeza sem remédio e sem revolta impressa na fronte curvada para a terra. Pois todas as manhãs, Pola recolhia algumas moedas, deixadas pelos visitantes nessa mão estendida. Guardou-as todas para fazer uma pulseira:

— Será o meu amuleto. E me ajudará a ser sempre sincera na minha arte; a não me afastar nunca do povo que é a grande fonte de inspiração e de verdade.

Nasceu na Rússia a grande escultora; mas veio para o Brasil ainda adolescente, aqui se casou e construiu sua vida, naturalizando-se brasileira. E pouca gente nascida aqui, tem um amor tão generoso e tão sincero pela nossa terra e pelas nossas coisas. Foi há quatro anos que começou a esculpir e a pintar. De repente, sem nunca ter aprendido, como se tivesse trazido de outras vidas, esquecidas jornadas do espírito, o conhecimento da forma e do volume, essa caacidade prodigiosa de impregnar de tanta ternura e tanto desespero, os gestos e as expressões dos seus mármore e dos seus bronzes.

Tem um culto quase místico: Rodin. Entretanto, não o imita, como não imita ninguém. É sincera e espontânea demais para copiar:

— Seria mentir a mim mesma e ao público.

Na pintura, põe Van Gogh acima de todos os outros, não só pela arte que ele criou, mas pela vida que ele viveu, consumido pela angústia da sinceridade em choque com um mundo hipócrita.

Não gosta de romances. Mas devora livros sobre arte, história, biografias de escritores e artistas. Adora a Música. E acha que Beethoven ainda é o cimo não ultrapassado por nenhum outro gênio de todas as épocas.

— Projetos?

— Esculpir sempre. Dando cada vez mais de mim mesma através da Arte.

E nesse sonho se insere a gratidão humilde de Pola pelo estímulo da crítica.

— Tenho de corresponder ao que esperam de mim.

Ela não se julga credora de todos nós pelo muito que já nos deu de beleza e de emoção.

SARAH MARQUES

Muro das LAMENTAÇÕES

Conversa com Natália Libia

MINHA cara amiga: não lhe parece que seu problema nasceu da imaginação e vive agora da ociosidade?

O dilema em que você julga estar colocada, na verdade não existe: o que existe é desejo de complicar as coisas para entretenimento de seu Ego desocupado.

Nenhuma criatura sensata poderá hesitar entre os dois pretendentes. O primeiro gosta de você, e você confessa gostar dele: "Quando estou a sós comigo, recordo-o, ainda impregnada daquela mesma doçura que me encanta e faz com que a seu lado eu veja a vida bela e boa".

Pelo segundo, depois de um breve romance, você declara sentir ódio, mas ao mesmo tempo indaga: "Será que sentimento tão negro possa esconder em si alguma parcela de amor?"

Não, Natália, de modo algum pense que se trata de amor. Quando alguém não nos quer mais, e o mesmo não acontece do nosso lado, afora momentos de revolta e de explosão o que sentimos é uma terrível mágoa pela injustiça do abandono. Podemos fazer queixas, acusar, rogar pragas, maltratar a pessoa, até; porém, dentro de nós mesmos, não há dúvida: sabemos perfeitamente que se trata de amor. E verificamos essa situação perguntando a nós mesmos e respondendo depois com inteira honestidade. "Se ele (ou ela) quisesse voltar, eu o receberia?"

Quando a resposta é sim, trata-se de amor, e do bom. Você, porém, já parece ter feito a si mesma essa pergunta, e a resposta foi negativa. E foi porque não é precisamente o rapaz em jogo que mantém esse resto de interesse de sua parte, mesmo sendo interesse de ódio; é a posição que ele tomou em relação a você. Hostilizando-a, ele feriu o seu orgulho e tentou sobrepor-se à sua personalidade. Trata-se apenas disso: amor próprio machucado, e luta de duas personalidades.

Você não está presa a ele pelo que ele é, mas pela luta que você deseja prosseguir para ver se o vence, afinal. Começam assim, aliás, muitos falsos amores. Inconscientemente, ou conscientemente, um rapaz trata com pouco caso certa moça. Isso faz com que nela surja um desejo de vingar-se, suprimindo o pouco caso. Ele, por seu lado, deseja resistir a essa tentativa, na qual começam a empregar-se todas as armadilhas da atração, da ternura, etc. No 8.º round, os lutadores se retiram do campo, ambos decepcionados; ela, após ter obtido uma pequena vitória, segura nas mãos uma criatura que em nada a interessa; e ele obteve uma satisfação bastante efêmera e melancólica para a mesquinha vaidade...

Aceite nosso conselho: retire-se da luta antes desse emocionante 8.º round. Considere-se vencedora antecipadamente, e demonstre sua íntima superação do problema ao rapaz. Verá como isso provocará, nele, um súbito respeito, e, em você mesma, o alívio de quem encontra um espantalho no lugar em que imaginara ter visto uma autêntica alma do outro mundo...

CONFIDENTE

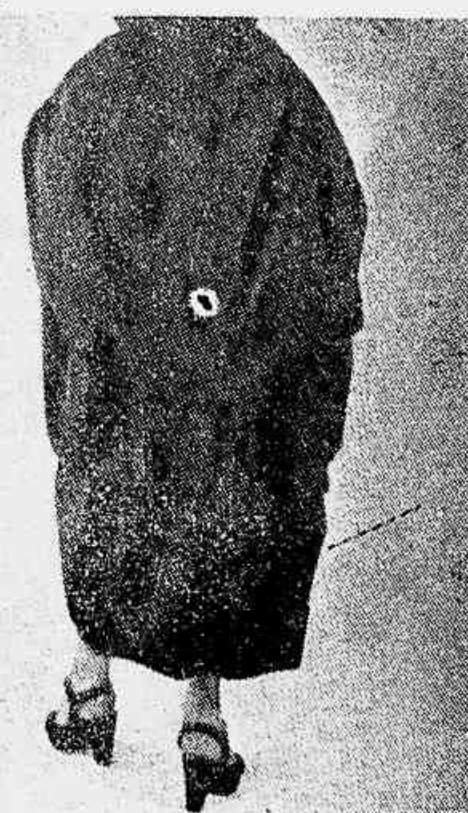
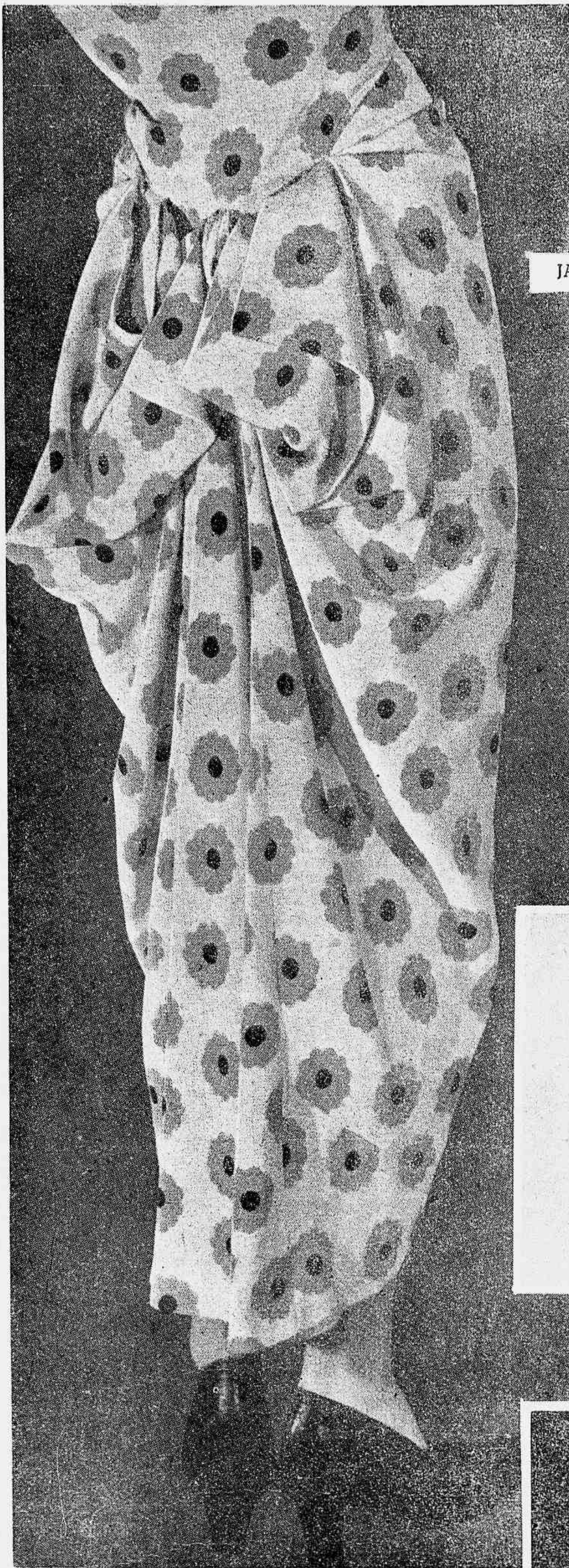
★

CORRESPONDENCIA

As pessoas que desejarem consultar-nos podem escrever-nos aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

AS SAIAS

JACQUES FATH



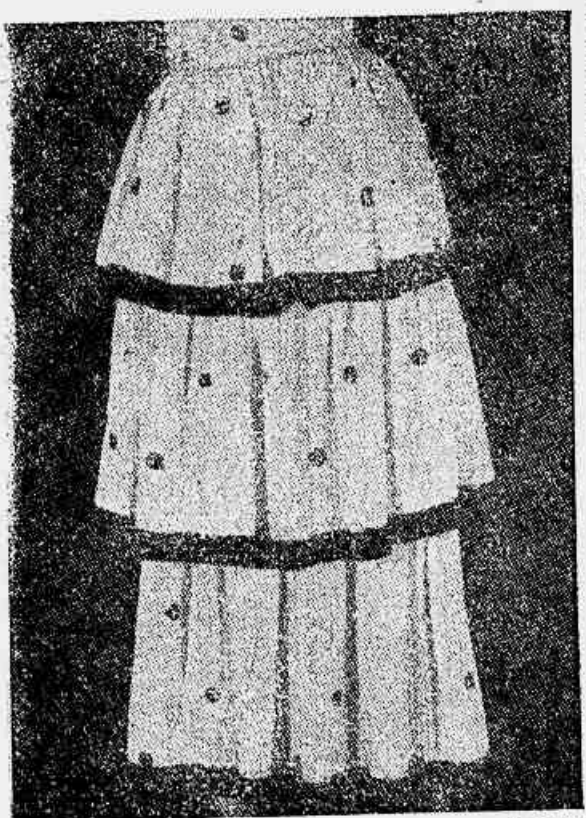
JEANNE LAFAURIE

PAQUIN



NAS saias de hoje estão concentradas as atenções das elegantes do mundo inteiro. Não é somente pelo seu comprimento, mas também pelo seu feitio que se vem apresentando o mais variado possível, como verificamos nestas páginas onde Jeanne Lafaurie sugere uma saia de tafetá preto com três babados arredondados; Paquin sugere drapeados sobre os quadris numa saia de cetim. De Robert Piquet

JEAN DESSES



ROBERT PIGUET

MARCEL ROCHAS



temos uma saia formada por três babados com barra escura e "pois" da cor da barra. Marcel Rochas também é adepto dos babados conforme podemos verificar nesta sua criação. Jacques Fath simula um nó drapeado numa saia de seda estampada e, finalmente Jean Dessès sugere uma saia de "foulard" com originais drapeados atrás.



DIA DAS MÃES

NÓS, aqui nesta seção, estamos sempre atentos para nos associarmos a todas as manifestações em prol da criança ou das mães. Eis porque não queremos deixar de reverenciar o dia das mães que transcorre em 31 de maio.

A nossa maneira de prestar homenagem às mães é lembrar os deveres que temos para com elas; é recordar o muito que se deve fazer pela maternidade e o pouco que se tem feito até então.

Mães e filhos são um binômio inseparável; falar de um e aludir ao outro; proteger a mãe é velar pelo filho. E a mais coerente das atitudes é começarmos por amparar as mães necessitadas, a fim de que os benefícios decorrentes desta ação cedo ou tarde se reflitam nos filhos. Nunca é demais se insistir sobre a assistência que se deve prestar à mulher grávida que trabalha, ou à mãe pobre e de muitos filhos; assistência que se deverá traduzir por trabalho adequado ao seu estado e controle médico, a fim de corrigir ou prevenir anomalias da gestação.

Muitas senhoras alegam que gravidez não é doença e que, por isso, não precisam de cuidados médicos, quando em gestação; mas esta opinião incorre num grave erro e muitas pagam esta negligência com a vida; é bem verdade que a gestação é uma função natural da mulher, mas importa numa alteração bastante sensível para o seu organismo; e, em se tratando da formação de um novo ser, deveria merecer da mãe consciente o mesmo cuidado e atenção que dá aos grandes e solenes atos da vida. Antigamente, por exemplo, as mulheres se contentavam com a visita da parteira, ou curiosa, no momento supremo apenas; mas historiadores, como Gilberto Freyre, falam da grande mortalidade das jovens brasileiras no século passado, mortalidade esta que era responsável pelo grande número de homens casados várias vezes, após a morte da esposa no parto.

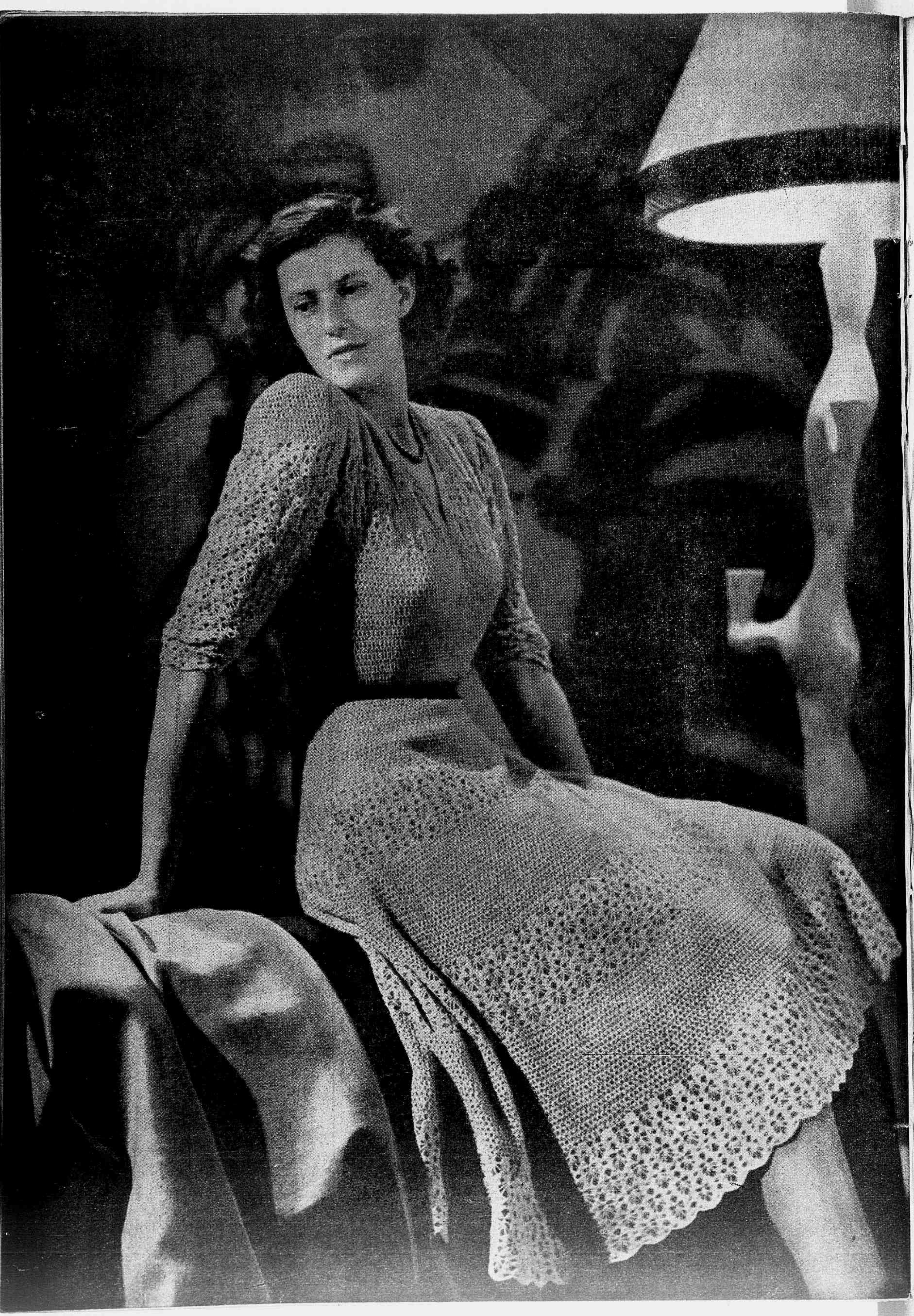
Nem toda mulher pode se valer dos conselhos médicos, dada a condição de miséria social de muitas; neste ponto é que deve intervir a solidariedade humana para criar postos de saúde em número suficiente para atender às gestantes pobres; em grandes aglomerações de trabalho uma medida deste tipo impõe-se como um dever.

Os partidos políticos, que tanta necessidade têm do voto popular, poderiam também incentivar e manter uma assistência permanente à maternidade em nossa terra; além das razões morais falo a favor de uma iniciativa deste gênero, o prestígio criado por uma obra permanente; nas últimas eleições, vimos pessoas apolíticas, contando apenas com o prestígio do jornal, rádio e obras sociais, vencerem facilmente candidatos que dispunham de uma farta e custosa propaganda, mas de última hora...

Além dos postos de emergência, surge também a grande e urgente necessidade de maternidades. Custa a crer que uma cidade, tão apregoada em suas maravilhas como a nossa, disponha de tão poucas maternidades para atender aos pobres! O número delas é tão ínfimo, que deve ser guardado em segredo, por um sentimento de natural pudor, pois fala muito mal do nosso progresso.

O nosso século se intitula o da criança, como é também da bomba atômica e outros inventos similares; se intitula deste modo, segundo me parece, porque, só em nossos dias, a criança conquistou o direito a uma personalidade própria, graças às descobertas dos psicólogos. Reconheçamos que sempre houve um progresso; esperamos, porém, que desponte também um direito, que não se inscreveu na Carta do Atlântico, e que é o direito de vir ao mundo, de uma forma decente, digna e humana.

ZOIA DE LAET



RENDAS DE TRICOT

Por OLGA OBRY

(MODELOS DE ANNY BLATT)

O "alto tricô" é uma invenção de Madame Anny Blatt que colocou este modo de trajar à altura da "alta costura". Em vez de escolher fazendas e galões para a sua coleção, esta artista da moda parisiense debruça-se sobre amostras de fios, lãs, linhas e continua pesquisando todas as possíveis combinações de pontos de tricô, antes de criar os seus modelos. Cada um deles fica, portanto, desde a fibra que o compõe até o mínimo enfeite, uma unidade harmoniosa e única no seu gênero. Desde o simples conjunto "sport" até a elegantíssima "toilette" de gala, todos os tipos de vestidos, "tailleurs", blusas, saias, shorts são, na casa Anny Blatt, produzidos por um fio e duas agulhas. Entretanto são indeformáveis e mais resistentes do que qualquer tecido; isto é, um "point d'honneur" da casa do "alto tricô".

Na sua nova coleção, Anny Blatt usa muitos enfeites de faixas e passamarias em tricô de lã, croché, e também fitas de veludo aplicados sobre um fundo de tricô, às vezes descendo dos ombros para as cadeiras, escondendo-se nas pregas da saia e acentuando a linha do corte.

O "deux-pièces" toma um aspecto novo, com as saias pregueadas ou plissadas de todos os tipos: "accordéon", machos, etc. Estes plissados em tricô não precisam de ferro algum para passá-los: ficam formados pela própria malha do tricô, sabiamente empregada.

Alguns "duas-peças" consistem em realidade em três peças: saia, jumper e casaco, vestimenta ideal para passar as férias na montanha, onde as noites, mesmo no verão, são frescas.

Entre os modelos "habillé" notam-se muitos tricôs rendados, de uma riqueza sem par. Fixadas sobre um finíssimo fundo de filé ou tulle, estas rendas têm um ar bem armado e nítido; baixas horizontais em vários pontos rendados acentuam a largura das saias compridas nos vestidos de tarde e de noite. Drapeados feitos no próprio tricô guarnecem os ombros arredondados, não precisando mais do artifício dos enchiamentos.

Bordados de ouro, missangas ou lantejoulas adornam simples pullovers pretos, com decote arredondado, rente ao pescoço, circundando as cavas ou formando caprichosos monogramas na frente. Fôrros de cor contrastante dão aos vestidos rendados um aspecto "changeant": preto sobre verde, por exemplo, ou sobre rosa pálido.

As nossas fotografias mostram dois modelos artísticos da nova coleção Anny Blatt. Em ambos, pontos lisos combinam numa perfeita harmonia com pontos rendados. O primeiro é inteiramente executado à mão, em fina lã cinza claro. As mangas ficam levemente regaçadas no cotovelo, os ombros são suavemente drapeados. Um cinto de veludo escuro acentua a cintura apertada, tal como o exige a moda de hoje.

O segundo vestido, também tricotado à mão, em linha de tom "sabão", tem um corpinho liso, com mangas rendadas, em faixas horizontais. O mesmo ponto rendado aparece na saia verticalmente, alternando com pregas estreitas formadas pelo próprio tricô. Cinto de camurça marrom.

Dois lindíssimos modelos em "tricô". Criação de Anny Blatt.



WEEK-END na Cozinha

Você está entusiasmada com as suas realizações culinárias? Já observou a independência que se adquiriu sabendo cozinhar? (sim, porque aí as amasas das nossas "afetáveis" cozinheiras já não lhe assistiam tanto). Já observou também que a família fica contente quando você vai para a cozinha porque já sabe que "algo de bom vai sair"? E já sabe também que ao contrário do que a premissa lhe parecia, você não perdeu de sua "liberdade" e nem prejudicou a sua fama de mulher inteligente e elegante. A verdade é que saber cozinhar não é coisa "vergonhosa" como pensavam e talvez ainda pensem algumas senhoras, mas uma coisa útil que pode até se tornar agradável à própria e aos outros.

Para você que "adecia" as artes culinárias, de alguns pratos novos.

PEIXE DE CENOURAS

Ingredientes: 500 grs. de cenouras, 50 grs. de farinha de trigo, 5 ovos, sal e pimenta.

Preparação: Raspam-se as cenouras, lavam-se, cozinham-se em água e passam-se no espremedor de legumes ou na máquina de carne. Junta-se então a farinha de trigo, uma pitada de sal e outra de pimenta, as gemas uma a uma e as claras em neve. Mistura-se tudo, despeja-se em um pouco untado com manteiga e que possa ir ao forno onde deve ficar durante quinze a vinte minutos. Serve-se quente.

ROSCA ESPECIAL

Ingredientes: 1 kilo de açúcar, 50 grs. de farinha, 1/2 copo de vinho branco, 1 colher das de sopa de vinagre, 1 gema de ovo, 1 folha de louro, sal e pimenta.

Preparação: Trita-se a carne, passa-se o açúcar com sal e uma pitada de pimenta, põe-se numa cacerola funda e junta-se-lhe o vinho, o vinagre, a folha de louro, e deixa-se ferver com fogo baixo por espaço de três horas. Pondo esse tempo, batem-se com a batida, passa-se por uma peneira e lava-se a essência em água corrente quando estiver ainda quente.

MAR BENTA

Ingredientes: — 2 ovos, 1 ovo, 450 grs. de açúcar Pérola, 450 grs. de farinha de arroz, 500 grs. de manteiga.

Preparação: Batem-se muito bem os ovos com o açúcar, acrescentando-se pouco a pouco a farinha de arroz e o ovo batido o mais fino possível. Mistura-se tudo e despeja-se em forminhas de papel. Assa-se em forno regularmente quente.

CREME FINO

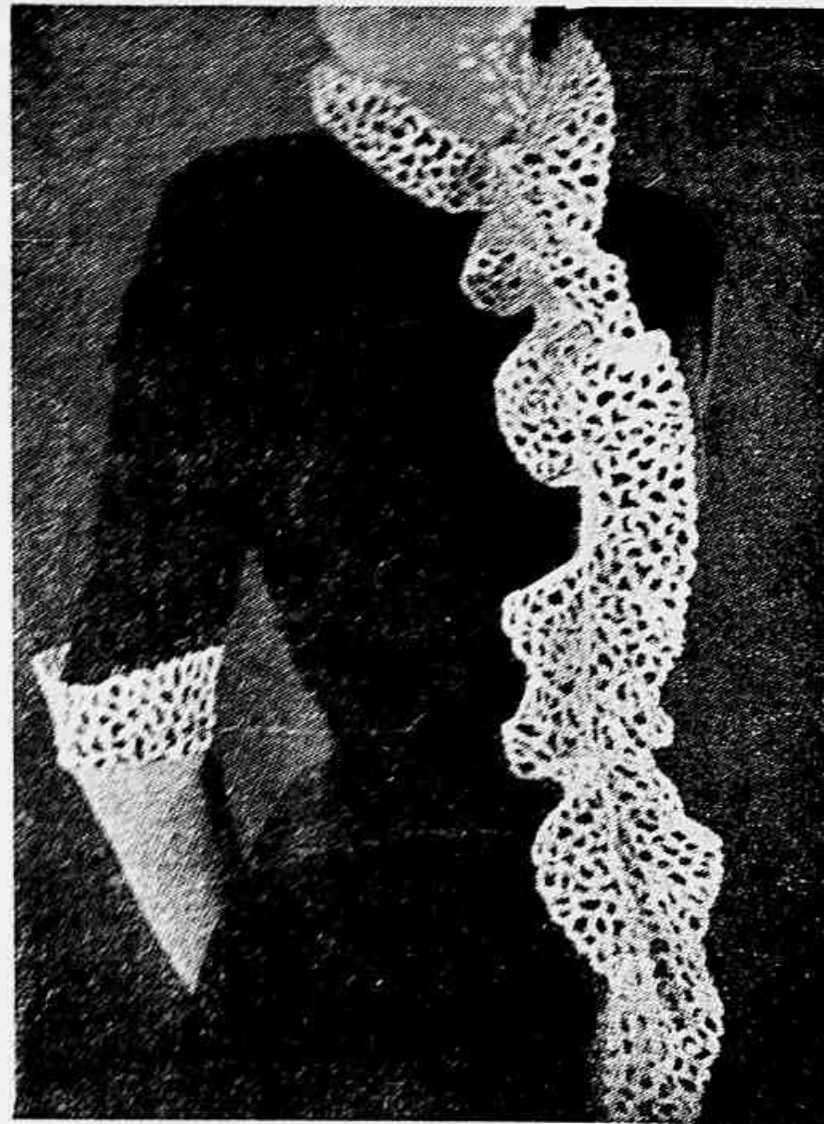
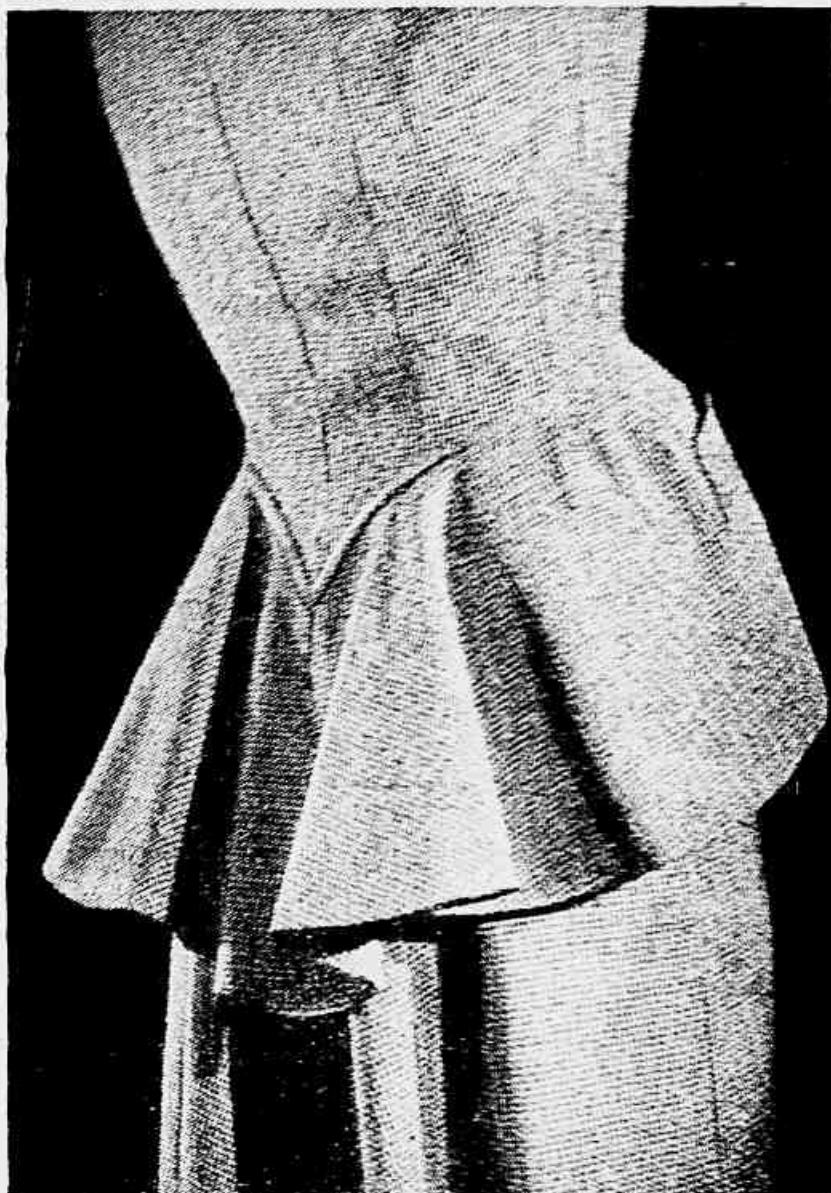
Ingredientes: — 200 gramas de açúcar Pérola, 1/4 garrafa de leite, 10 gemas, 1 colher das de chá, de essência de baunilha.

Preparação: Põe-se o açúcar numa vasilha, com a gema e a baunilha, bate-se bem e em seguida acrescenta-se o leite. Mistura-se tudo e passa-se por uma peneira fina, despeja-se em forma barrada com caramelo e cozinha-se em banho-Maria.

BALAS DE CHOCOLATE

Ingredientes: — 50 grs. de açúcar Pérola, 50 grs. de chocolate em pó, 250 grs. de amêndoas descascadas, 1 colher das de chá, de essência de baunilha.

Preparação: Pelam-se as amêndoas, passam-se na máquina e depois junta-se o açúcar, o chocolate e a baunilha. Mistura-se tudo muito bem, e amassa-se até ligar. Em seguida formam-se pequenas bolas que se passam em açúcar refinado e embrulham-se em papel impermeável.



A MODA VISTA EM DETALHES

UMA profusão de inspirações originais, de trabalhos engenhosos, de detalhes de uma técnica estonteante, envolvem os temas básicos da nova moda. Um vestido de noite, por exemplo, feito em "moiré" negro, tem atrás uma parte plissada em feltro de leque; vestido de lã preta alegrado por curioso babado sobre a saia. Mais adiante temos um modelo de Worth, com um imenso jabot de "guipure" branco que desce até o meio da saia. Uma vez de "piqué" branco acentua o transpasse de um vestido de jersey quadriculado. Ao alto, laço também de "piqué" branco. No "tailleur" de Maggy Rouff em "piéd-de-poule", a jaqueta simples na frente, apresenta atrás uma "bosque" de efeito elegante e, finalmente, um casaco arredondado com superposições do mesmo tecido.

MÚSICA

O MÉDICO E O MÚSICO ★ UMA ESTRANHA OPERAÇÃO... SINFÔNICA ★ SUITE DA CASA DE SAÚDE ★ MÁQUINA DE ESCREVER: INSTRUMENTO MUSICAL ★ ESTUDOS EM FORMA DE PERA, O ELEFANTE E O PERIQUITO ★ A BATUTA SERVIU DE BISTURI...

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

M que pese a condenação da crítica que, de u'a maneira geral, despreza a música descritiva, os compositores não abandonaram esse gênero. Há quem siga, ainda hoje, a tradição legada às novas gerações pelos românticos que muito estimavam êsses exercícios musicais: descrever uma paisagem, uma batalha, uma cena qualquer que os inspirasse ou comovesse. Muitas vezes, nos poemas sinfônicos, é uma longa história que se desdobra, com inúmeras peripécias, que, para serem seguidas, fielmente, em sua narração sonora, requerem constantes consultas ao programa, onde vem impresso o libreto...

Liszt imitava o murmúrio de fonte, com trilos, arpejos e glissandos — o público delirava! Tchaikowski pintava, sem esquecer sequer os tiros de canhão, a jornada malograda de Napoleão pela Rússia — era consagrado!

MAQUINA DE ESCREVER, INSTRUMENTO MUSICAL

Com Debussy e o impressionismo as descrições foram se tornando menos literais e precisas, para se limitarem a fixar um ambiente. Era Debussy. Os prelúdios: «Velas»... «Passos na neve»... E a página sinfônica: «O mar»... E «Clair de Lune», luar sonoro, transformação operada pela mágica alquimia de «Claude de France»...

Porém veio a irreverência dissonante do modernismo — um termo suficientemente amplo para compreender a multiplicidade de escolas que vieram disputar as preferências do meio musical, fingindo desprezar o público, mas, ao mesmo tempo, tão interessadas em que este tomasse conhecimento de sua existência que eram capazes de fazer coisas incríveis para chamar a atenção... As maiores excentricidades estavam em moda... Vencia quem se distinguisse pela conduta mais absurda e desconcertante. Era consagrado o músico mais irreverente.

Erik Satie, moleque espirituoso da música, fez sátira a Debussy, imitando-lhe, jocosamente, os títulos descritivos. Se o impressionista anunciava «...e os jardins do palácio ficaram silenciosos»... ou coisa semelhante, Satie publicava logo que sua próxima obra chamava-se «...e o periquito perdeu as botas na cozinha», ou «...e o elefante dançou uma valsa lenta»... Compôs estudos «em forma de pera» e em várias outras formas, esgotando a nomenclatura botânica e zoológica, na paródia espirituosa... Certa vez, achando que tudo isso ainda era pouco, apresentou um *ballet* com uma curiosa orquestração. Entre os instrumentos de percussão estava incluída a... máquina de escrever...

UM TRANSATLÂNTICO E UMA USINA DE AÇO

E' desnecessário citar, aqui, as obras de feição descritiva, que se foram acumulando, ora obras sérias, realizadas com cuidado, ora simples pilhérias musicais. Transatlânticos, usinas de aço, locomotivas, ruas de cidades... Nada disso desdenharam os artistas e em todos êsses temas encontraram inspiração. Nunca, porém, até agora, tinha tido notícia de alguém que houvesse pretendido misturar notas e fórmulas, óperas e operações. O primeiro passo, porém, já foi dado e por um médico: o dr. Herman Parris, de nacionalidade americana, que compôs a Suite da Casa de Saúde.

Estranha realização que, reunindo música e drogas, resultou, como música, numa boa «droga»... depuseram alguns críticos maldosos. Ninguém negou, porém, a originalidade dessa Suite que, entre outras coisas, descreve uma operação de apêndice.

Executada pela Orquestra da Sociedade Médica — não podia deixar de ser... — a Suite, pelo menos, manteve os ouvintes interessados até os últimos compassos. Falou-se, a respeito, em um rol de influências bastante variado que, segundo um crítico, foi de Gershwin a Grieg, o que não é pouco... Mas, de qualquer maneira, deram parabéns ao dr. Parris pela habilidade demonstrada em conseguir costurar todos êsses tecidos musicais, de tão diversa procedência, numa bela demonstração de que há certo parentesco entre a construção musical e a cirurgia... Os músicos não compareceram de avental, mas, em compensação, a batuta do maestro parecia um bisturi que fazia, no espaço, incisões donde logo jorrava música. Indagado sobre a importância de seu trabalho pelo compositor, consta que um crítico respondeu:

— Bem, esta noite fomos submetidos à «operação» sem anestesia... Por enquanto estamos convalescendo... Pode perguntar isso daqui há algum tempo...

E, vendo a consternação do médico-músico, acrescentou:

— Ora, o senhor devia estar muito satisfeito por não ter que nos levar daqui de ambulância...



METROPOLE

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS

OPERA NAS SEGUINTE CARTEIRAS:

Vida, Incêndio, Transportes (Marítimos e Terrestres) Automoveis, Acidentes Pessoais e Acidentes do Trabalho

★

FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS
OS ESTADOS DA UNIÃO

MATRIZ:

AVENIDA RIO BRANCO, 110 -- 1.º ANDAR

★

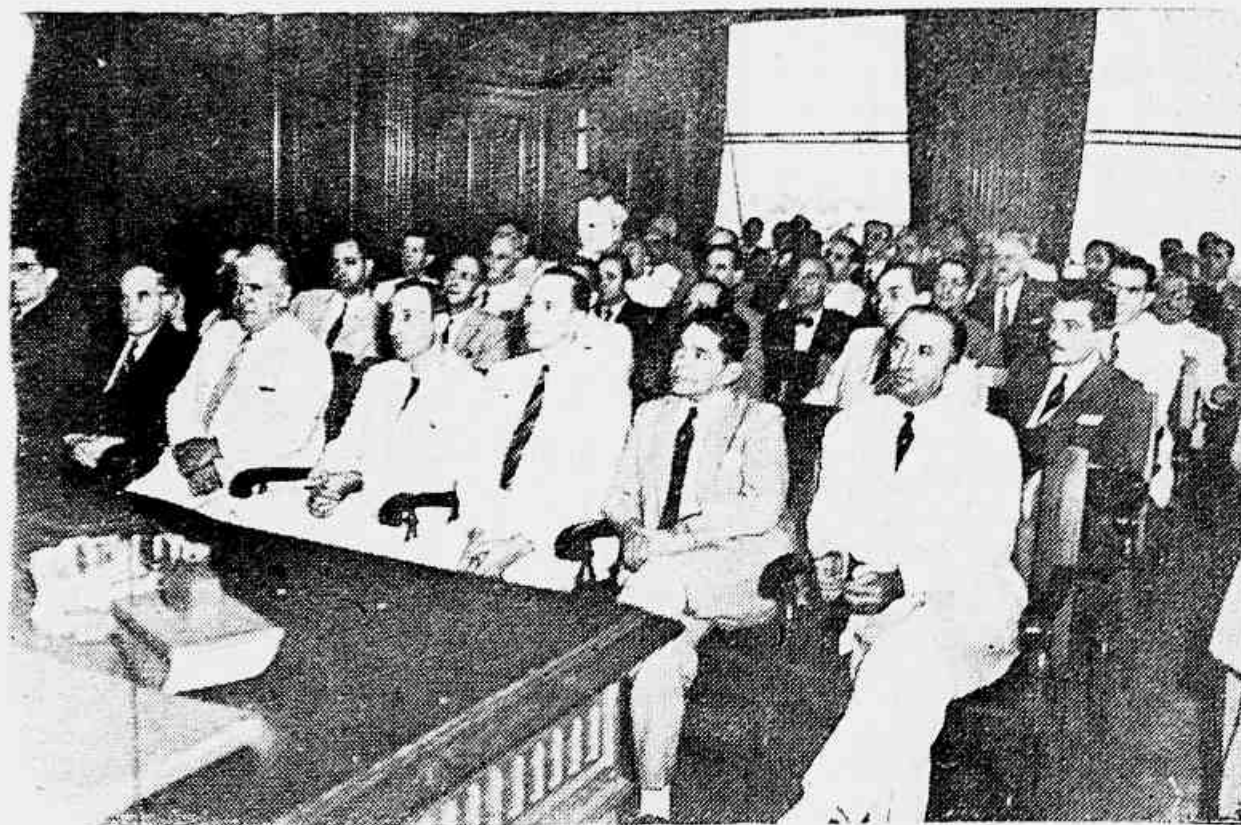
PRESIDENTE:

DR. F. SOLANO C. CUNHA.

FILIAL DO DISTRITO FEDERAL

Diretor: ANGELO DA SILVA RAMALHO

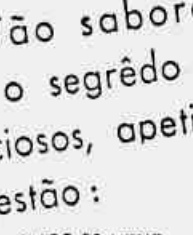
Noche, Noche, te haré el amor
Noch , Noche, tu eres una flor
Que en las noches su amor
te canta el trovador
Negra, Negra Consentida
Negra de mi vida
Quien te quiere a ti
Mira, mi alma dolorida
Negra d mi vida,
Y solo por ti
Negra, Negra Consentida
Negra de mi vida
deja de llorar
mira que pecho amante,
está rebosante de fidelidad.



Foram ver. O velho estava exatamente na mesma. A res-

NÃO SOBRÁ NADA!

Os Magos da Culinária



• Pudera! Tão saborosos...
E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

AMIGO DE MIMHO
MAIZENA
DURYEA
MARCAS REGISTRADAS

Verifique o acampamento índio em cada pacote

A "MAIZENA DURYEA" 49- 3 7
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "OS MAGOS DA CULINÁRIA"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

Dr. José de Albuquerque
Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosário, 98 — Rio de Janeiro

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante



Fuam! Mantenha porém, seus
dentes livres das anti-estéticas
Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómez nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cereais.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

Não permita que a prisão
de ventre prejudique o seu
organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de molestias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulências, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinha no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pímulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e des congestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pímulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou má-estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pímulas Aloicas. Elas nunca falham por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo



dois roncões, desiguais, um mais profundo, outro mais agudo, acompanharam o estertor ininterrupto do moribundo.

Os ratos corriam no sótão.

O marido acordou aos primeiros alvares do dia. O sogro vivia ainda. Sacudiu a mulher, inquieto com esta resistência do velho.

— Ouve lá, Phémie, ele não querará acabar?

Que é que tu farás, mulher?

Sabia que ela era de bom conselho.

Ela respondeu:

— Não passará de hoje, com certeza.

Não temos que temer. Por certo que o regedor não se importava que se enterrasse amanhã mesmo, como se fez para o tio Rénard pai, que se finou na altura das sementeiras.

Ele ficou convencido pela evidência do raciocínio; e partiu para os campos.

A mulher cozeu os bolos de fruta depois fez todo o trabalho da herdade.

Ao meio-dia ainda o velho não tinha morrido. Os jornaleiros contratados para a transplantação da colza, vieram em grupo olhar o velhote que não queria acabar. Cada um disse a sua coisa e partiu de novo, para as terras.

Às seis horas, quando voltou a casa, o pai respirava ainda. O genro, por fim, assustou-se.

— E agora?

— Que farás tu, diz Phémie?

Ele não sabia como resolver o caso.

Foram ter com o regedor. Prometeu que fecharia os olhos e autorizaria o entêro no dia seguinte. O médico de partido que foram ver, comprometeu-se também, para obsequiar o tio Chicot, a antedatar a certidão de óbito. O homem e a mulher ficaram tranquilos.

Deitaram-se e dormiram como na véspera, misturando as respirações sonoras ao sopro mais raso do velho.

Quando acordaram, ele ainda não estava morto.

Eis-tão ficaram aterrados. Permaneceram de pé à cabeceira do velho, olhando-o com desconfiança, como se ele lhes tivesse querido pregar uma partida, enganá-los, contrariá-los por prazer e queriam-lhe mal sobretudo pelo tempo que lhes fazia perder.

O genro perguntou:

— Que é que vamos fazer?

Ela não sabia; respondeu:

— Isto é que é uma quizília!

Não se podia agora prevenir todos os convidados, que estavam quase a chegar. Resolveram esperá-los para lhes explicar o caso.

Às sete horas menos dez, apareceram os primeiros. As mulheres, de preto, com a cabeça coberta por um grande véu, aproximavam-se com um ar triste. Os homens, pouco à vontade nas suas vestes de pano, avançaram mais deliberadamente, dois a dois, cavaqueando sobre negócios.

O tio Chicot e a mulher, sobressaltados, receberam-os lastimando-se; e ambos, de repente, ao mesmo tempo, aproximando-se do primeiro grupo, puseram-se a chorar. Explicavam a aventura, contavam o seu embaraço, ofereciam cadeiras, mexiam-se, desculpavam-se, queriam provar que toda a gente teria feito como eles, falavam sem descanso, tornados bruscamente paladros, de modo a não deixar ninguém responder-lhes.

Iam de uns para os outros:

— Quem teria pensado uma destas; ninguém acreditava que ele durasse assim!

Os convidados interditos, um pouco desiludidos, como pessoas a quem falha uma cerimônia esperada, não sabiam que fazer. Ora se sentavam, ora se levantavam. Alguns quiseram ir-se embora. O tio Chicot reteve-os.

— Vamos mastigar qualquer coisa, mesmo assim. Fizemos uns bolos, é preciso aproveitá-los.

Os rostos iluminaram-se com esta idéia. Puseram-se a conversar em voz baixa. O pátio enchia-se pouco a pouco; os que tinham chegado primeiro, davam a notícia aos retardatários.

Cochichava-se e a idéia dos bolos desanuviava todos.

As mulheres entraram para olhar para o moribundo. Persignavam-se, perto do leito, baluciavam uma cração, tornavam a sair. Os homens, menos ávidos deste espetáculo lançavam um só olhar pela janela que tinham aberto.

O senhor Chicot explicava a agonia:

— Há dois dias que ele assim está, nem mais nem menos, nem mais alto, nem mais baixo. Parece uma bomba que já não tem água.

Quando todos viram o agonizante pensaram na comida, mas como eram muitos para ficar na

UMA AVENTURA EM ESTRADA...

(Cont. da pág. 22)

contrar para me levar para casa. Mas, em vez dele, chegou um telegrama. Ele tinha ficado rido. Eu tinha que voltar sozinha. Sem perda de tempo reservei um compartimento de primeira classe e parti de regresso para Budapest.

(Há uma pausa).

ELE — E então?

ELA — Algumas estações depois do Fiume entrou um tenente no meu compartimento. Não tenho certeza se foi em Plase ou em Lokve — mas foi numa estaçãozinha dessas.

ELE — Isso tem importância?

ELA — Não tem importância. O tenente entrou e então ficamos sendo dois no compartimento. Um jovem oficial de bigodinho e uma bonita moça. Essa era eu. Isso aconteceu há tanto tempo que posso me referir a ela como sendo uma bonita moça.

ELE (caprindo o cumprimento habitual nestas oportunidades com um simples) — Oh!

ELA — No princípio o tenente apenas olhava para a paisagem, mas depois começou a me prestar atenção. Eu de fato era digna de atenção. Estava com um vestido azul escuro encantador... mas isto não tem importância. Ele começou a me observar, furtivamente no com-

COLCHÃO DE MOLAS

"BRASIL"



GARANTIDO POR 10 ANOS COM
CERTIFICADO

ENDAS A PRAZO EM 10 PRESTAÇÕES

Exposição e informações com o
Representante exclusivo

A. BLUM SOBRINHO

RUA DO CARMO, 6-10.º ANDAR
Salas 1.009/10 — Fone: 42-2455

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita hoje em dia só é feito quem quer. Essa é verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para branquear, afinar e refrescar a cutis. Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os anos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

Obtenha o brilho de uma pele viva e sua volta a brilhar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o nos Laboratórios A. Blum & Freitas.

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

LÂMPADAS DE ALTA QUALIDADE

LUZ DE **baixo** CUSTO



a boa luz

custa pouco...

a boa visão

não tem preço!

LÂMPADAS EDISON G-E MAZDA

SEMPRE BRILHAM MAIS

GENERAL  ELECTRIC

8248

O VELHO

cozinha, puseram a mesa diante da porta. As quatro dúzias de bolos dourados, apetitosos, atraíam os olhares, dispostos em dois grandes pratos. Cada qual avançava o braço para tirar o seu, temendo que não houvesse bastante. Mas ainda ficaram quatro.

O tio Chicot, com a boca cheia, disse:

— Se o pai nos visse, inté lhe fazia mal. Gostava tanto disto quando era vivo.

Um gordo camponês, jovial, declarou:

— Já não comerá mais, agora. Cada um tem a sua vez.

Esta reflexão, longe de entristecer os convidados, pareceu alegrá-los. Não que agora era a sua vez de comer os bolos.

A senhora Chicot, desolada com a despesa, ia continuamente à adega, buscar cidra. Os jarros seguiam-se e esvaziavam-se um atrás do outro. Riam-se, falavam alto, começavam a gritar como se grita em banquetes. De repente, uma velha camponesa, que tinha ficado junto do moribundo, retida pelo medo ávido, dessa coisa que um dia muito breve lhe aconteceria, a ela também, apareceu à janela e gritou com voz aguda:

— Morreu! — Morreu!

Todos se calaram. As mulheres levantaram-se vivamente para ir ver.

Efetivamente estava morto. Tinha parado o estertor. Os homens olhavam-se, baixavam os olhos, pouco à vontade. Ainda não tinham acabado de mastigar os bolos. Tinha escolhido mal o momento, aquele velhaco.

Os Chicot, agora não choravam mais. Tinha-se acabado, estavam tranquilos. Refletiam.

— Nós bem sabíamos que isto não podia durar. Se ao menos ele se tivesse decidido a noite passada, não teria causado este transtorno. Não importa. Estava acabado. Enterrar-se-ia na segunda-feira, e tornariam a comer bolos nessa ocasião.

Os convidados retiraram-se, conversando no caso, contentes, apesar de tudo, por terem assistido a isto, e ter mastigado uma códea.

E quando o homem e a mulher ficaram sós, face a face, ela disse com o rosto contraído pela angústia.

— Será preciso tornar a cozer quatro dúzias de bolos!

Se ele se tivesse decidido esta noite!

E o marido, mais resignado, respondeu:

— Deixa lá, mulher; isto não acontece todos os dias.

UMA AVENTURA EM ESTRADA...

go, porém, com muita intimidade. Eu fingia estar lendo um jornal, mas também o estava observando. O senhor sabe, eu tinha diante de mim uma viagem longa. Durante um dia inteiro tinha de ficar trançada num compartimento apertado com aquele militar desconhecido. Achava a situação muito picante. O senhor não poderia censurar-me muito por causa disso.

ELA — Certamente não.

ELA — Não demorou muito que acontecesse alguma coisa. O trem fez uma curva de modo que o sol ficou batendo nos olhos do tenente. Ele se mudou para um lugar defronte de mim de onde ficou em condições de me observar muito melhor. Ele tinha os olhos muito expressivos e quando o olhei pela primeira vez dentro dos olhos eles estavam levantados para mim indagadoramente, como se dissessem: "Minha cara senhora, permite que eu olhe para a senhora?" Nunca vi olhos que subdessem pleitear tão bem as coisas. "Está vendo com que respeitosa admiração eu a contemplo? Posso dizer-lhe que a senhora pôs fogo no meu impressionável coração de militar? Tenha pena de mim."

ELA — E que fez a senhora?

ELA — Pus o jornal de lado. Com aquele gesto mostrava que estava querendo que o flirte começasse. Era como se tivesse dito: "Pronto, o biombo que nos separava foi removido, e agora... olhe a olho". Ele respondeu com um olhar de gratidão. E uma promessa em seus olhos me assegurou, sem palavras: "Não esquecerei o que um cavalheiro deve a uma senhora numa situação destas. Não lhe falarei: apas meus olhos falarão por mim. Eu agradeço, com um olhar rápido.

ELA — E ele cumpriu a promessa?

ELA — Tenha paciência. Já chegarei lá. Por um longo tempo ele olhou para mim, sonhadoramente, modestamente, respeitadamente. Parecia estar estudando meu rosto com uma reverência tocante. Depois contemplou minhas mãos e sorriu como se dissesse: "Que mãos brancas e delicadas!" Depois olhou para meus pés. Naquela maneira tranquila e indiferente com que os homens amos olham para as coisas que não lhes pertencem. Por longo tempo me estudou assim da cabeça aos pés. E meus olhos responderam: "Ah!"

ELA — Que foi que seus olhos responderam?

ELA — Responderam: "Ah!" Um languido e satisfeito "Ah!" com um toque de censura. A espécie de "Ah!" que nós soltamos quando um homem nos toma firmemente nos braços. Mas eu não disse por palavras. Apenas disse com os olhos.

ELA — E o militar?

ELA — O militar compreendeu admiravelmente. Não se enganou. Apenas os olhos dele ficaram tristes e sérios como se dissessem: "Não é uma pena? Nós dois somos tão idealmente talhados um para o outro! Podemos entender-nos só pelo olhar. E todavia deveremos permanecer para sempre estranhos um ao outro." Suspirou e me deu adeus.

ELA — Como?

ELA — Com os olhos. Com os olhos ele depôs um puro e terno beijo de despedida na minha fronte. Sacudiu a cabeça tristemente e seus olhos sussurraram: "Jamais!"

ELA — Jamais?

ELA — Sim — "Jamais... jamais..." Nessa hora nosso trem tinha chegado em Agram e ele saltou. Quando ele deixava o compartimento, olhei para ele com uma verdadeira pena. Era um jovem muito educado. Nem sequer olhou para trás. Apenas se levantou do lugar e partiu... Nunca mais o vi. Porém nunca o esqueci. Foi o tédio mais encantadoramente poético que já tive. Desde então, toda vez que a grosseria dos homens me ofende, eu me lembro daquele militar com admiração e respeito. Foi sem dúvida o homem mais admirável que já encontrei na vida. E gosto de pensar que ele me amou como ninguém mais — com pureza, sem egoísmo, sem esperança. Olhando para o passado, quase me seria possí-

vel ficar apaixonada por ele. Mas, o passado é o passado.

ELA — Muito obrigado.

(Há um longo silêncio.)

ELA — Queira desculpar, o senhor disse alguma coisa?

ELA — Disse "muito obrigado".

ELA — Por que?

ELA — Pelas coisas deliciosas que a senhora disse a meu respeito.

ELA — Disse a seu respeito?

ELA — Sim, a meu respeito. Aquela tenente era eu.

(Ficam de novo silenciosos. A mulher observa, franzindo a testa. O homem tira uma carteira do bolso e extrai uma folha de papel azul que segura na mão durante a conversação que se segue.)

ELA — Que papel é esse que o senhor tem aí?

ELA — Nada. Talvez o mostre depois à senhora.

ELA — Então... o senhor era o tenente?

ELA — Sim. Deixei o serviço há quatro anos. Eu era o tenente. Tomei o trem em Plase e saltei em Agram. Minha farda tinha alamares amarelolaranja.

ELA (surpresa) — Sim.

ELA — Está vendo?

(Há uma longa pausa.)

ELA — Então era o senhor! Assombroso!

ELA — Por que assombroso? Não vejo nada de notável nisso.

ELA — Seus olhos me eram estranhamente familiares quando meu marido nos apresentou. Agora eu sei por que.

ELA — Eram? Eu gostaria de dizer o mesmo. Mas o fato é que não me lembro absolutamente da senhora. Tinha esquecido completamente o episódio. Mas agora a senhora me fez lembrar-lo com perfeita nitidez.

ELA — (está sucumbida).

ELA — A senhora sabe, não havia motivo especial para que eu me lembrasse disso. Naquela dia decisivo, quando a encontrei há dez anos, eu ia para Agram encontrar minha noiva.

ELA — Misericórdia!

ELA — E, portanto, sinto dizer, meus olhos não queriam absolutamente dizer o que a senhora pensou que eles dissessem. Por exemplo, quando eu olhava para suas mãos estava apenas pensando que velho mesquinho e excêntrico era meu futuro sogro. Ele tinha dado toda sorte de desculpas para não pagar o dote. Eu sorria amargamente. A senhora pensava que eu estava sorrindo à delicada brancura de suas mãos.

ELA — Sim.

ELA — Afinal por que que eu olhei para suas mãos e seus pés? Quando um homem está mergulhado em profunda cogitação, geralmente olha para alguma coisa. Eu poderia do mesmo modo ter olhado para a lâmpada. E se, quando estava olhando para seus pés, minha expressão era a tranquila resignação, era porque eu tinha resolvido que se meu sogro persistisse em sua mesquinha com certeza nós não poderíamos casar. "Como é que podemos casar?" perguntava eu a mim mesmo; e, às voltas com esse problema, devo inconscientemente ter olhado para a senhora da cabeça aos pés. Ainda agora a senhora disse que seu olhar dizia "Ah!" Mas, inteiramente alheio ao seu "Ah!", eu estava dando tratos à imaginação a respeito da possibilidade de ir ter com o pai de minha noiva e sem qualquer circunlóquio pedir-lhe o dote. Eu exporia a ele nosso caso, com calor e eloquência. Mas tinha de ser um passo desagradável. Então dei um profundo suspiro, dilatei o peito e pusei "aconteça o que acontecer, tem de ser assim". Foi nessa hora que a senhora pensou que meus olhos estavam dizendo: "Que tragédia que tenhamos de permanecer

 Senhoras!
So o
Natureza Falha
MENAGOL
REGULAR



OS ANOS DESAPARECEM



com uma simples demão de ENAMELOID

Fácil para pintar, ENAMELOID não deixa marcas de pincel e seca rapidamente, proporcionando um maravilhoso acabamento de porcelana. Forma uma superfície dura e brilhante resistente ao sujo, às manchas e à água quente, que pode ser limpa com um pano úmido! Compre, hoje mesmo, ENAMELOID e dê nova vida e beleza às suas cadeiras, portas, batentes, rodapés, móveis etc. Para as paredes, use KEM-TONE.

TINTAS E VERNIZES



SHERWIN WILLIAMS

DO BRASIL S. A.

S. Paulo: R. Barão de Itapetininga, 124
4.º and. - Tels.: 4-6681 e 6-1229
R. de Janeiro: R. André Cavalcanti, 23
Tel.: 32-2077

ELA — Meu Deus!

ELE — O trem corria, corria e eu ia refletindo: "Haverá alguma vantagem em falar com o pai dela? Se ele tivesse a intenção de nos dar dinheiro, teria dado por sua livre e espontânea vontade. E, desde que não o fez, provavelmente não o fará se eu lhe pedir". Olhei então sombriamente para a senhora, sem a ver. Foi esse olhar que a senhora interpretou como "Jamais". De certo modo estava certo, mas o "Jamais" se referia ao dote.

ELA — Que horror!

ELE — E quando chegamos a Agram e eu suspirei e dei a cabine sem olhar para trás estava quebrando a cabeça sobre o problema de saber como poderia casar com a pequena, sem o dote. E a senhora interpretou aquele suspiro como meu desespero por me separar da senhora, e o fato de eu não olhar para trás como um símbolo de respeitosa adoração.

ELA — Estou totalmente esmagada.

ELE — Talvez eu não devesse ter-lhe dito isso. É um erro destruir as ilusões dos outros. Contudo não seria decente que eu continuasse a aceitar da senhora sentimentos e ternas recordações que nunca mereci.

(Afunda na cadeira em silêncio de satisfação íntima)

ELA — Que lástima! Portanto meu militar era o senhor!

ELE — Sim... alamares amarelo-laranja e insígnia de ouro. Subida em Plase e descida em Agram.

ELA — Sinto muito. Era delicioso lembrar-me de meu militar como eu me lembrava. E agora o senhor o estragou.

ELE — Também sinto muito.
(O trem está entrando nos arredores de Fiume. Da janela do compartimento pode-se ver o longo cais).

ELA — É profundamente decepcionante. Mas nós, mulheres, estamos acostumadas com isto. Seguidamente aprendemos que um homem só é digno de amor quando nós o revestimos das admiráveis qualidades imaginadas por nós. Nós o pintamos com lindas cores e nos apaixonamos pela nossa própria mão de obra. Mas o processo de desilusão é sempre penoso para nós. Foi horrível ouvir o que o senhor me disse. Só tem um consolo...

ELE — E qual é?

ELA (com toda a tranquilidade) — Que nem uma só palavra da minha história era verdadeira.

ELE — Que foi que a senhora disse?

ELA — Nem uma palavra. Eu inventei tudo. Depois de amanhã meu marido vai me encontrar em Abbazia. Se o estiver lá, saberá por ele que nunca na minha vida viajei entre Fiume e Budapeste.

ELE — Bem... O que...

ELA — Hoje estou chegando a Fiume pela primeira vez. E portanto toda a história do meu tenente é uma mentira. O que deveria ensinar ao senhor a ter mais cuidado antes de tentar destruir as ilusões alheias.

ELE — Hum! Mas eu tive esse cuidado. A senhora pensa que me pegou numa mentira, mas felizmente não foi assim. (Estende o papel azul que até esse momento tinha na mão).

ELE — Estive segurando este papel durante todo o tempo em que estive falando.

ELA — Que relação tem este papel com tudo isto?

ELE — Este papel é a prova de que eu sabia desde o princípio que a senhora não estava me dizendo a verdade. Deixei Budapeste ontem e pus em ordem todos os meus negócios e entre outras coisas paguei minha taxa militar. Este é o recibo.

ELA — Bem, e daí?

ELE — Um recibo passado em meu nome, por quinze coróas de taxa militar. Isto mostra que nunca fui militar em minha vida, nunca fui tenente, nunca vesti farda com alamares amarelo-laranja ou de qualquer outra espécie.

ELA — Então o senhor me mentiu?

ELE (alegremente) — Sim, de fato, e antes de começar a mentir segurei este papel na mão para provar, se fosse preciso, que eu não estava mentindo simplesmente para me tornar interessante mas apenas para forçá-la a admitir que era a história do tenente que inventei.

ELA — E, como está vendo, tive este.

ELA — Esse papel prova definitivamente que o senhor nunca foi um militar?

ELE (com ar de triunfo) — Definitivamente.

ELA — É uma sorte se ter tudo à mão. Quer ter a bondade de me dar minha valise? Está ali em cima.

ELE (entrega-lhe a valise) — É esta?

ELA — Sim.

(Abre a valise e apanha um livro volumoso que mostra a ela).

ELA — Qual é o título deste livro?

ELE (lê) — "Meu diário".

ELA — Ando sempre com o meu diário, para evitar que ele caia entre mãos hostis. (Volta as páginas.) 1896... aqui está... faça favor... quer ler esta página? Nela o senhor achará a história do tenente escrita em detalhes tal qual acabei de contar-lhe.

ELE (Olha para ela) — Então de fato ela é verdadeira?

ELA — Aqui está a prova.

ELE (lê por um momento) — De fato. Agora a senhora me apanhou, não foi?

Mas, por que a negou ainda há pouco?

ELA — Como poderia fazer o senhor admitir que não era o meu tenente?

ELE — Tem razão.

ELA — E agora o senhor vê que minhas ilusões estão intactas. Mas, diga-me uma coisa. Como o senhor acertou a respeito dos alamares amarelo-laranja? Como pode ler no meu diário, meu tenente na verdade usava alamares cor de laranja.

ELE — Por acaso eu sabia que um regimento assim uniformizado estacionara em Fiume há dez anos.

ELA — Como é simples! Muito obrigada.

(O trem entrou na estação e parou).

ELE (levanta-se para sair) — Bem, bom dia.

ELA — Posso dar-lhe uma palavra de conselho em despedida? Nunca se meta com as ilusões duma mulher. Ela irá aos últimos limites para defendê-las. "Tout est mensonge" diz o poeta. Suas ilusões não são mais do que lindas mentiras; no entanto, é capaz de proferir mil mentiras feias para defender uma que seja linda. Sim, ela vive sobre mentiras e se defende com mentiras. "Tout est mensonge" diz o poeta. e ao dizer isto está mentindo. Adeus. Foi uma viagem encantadora. Sem o senhor teria sido estúpida.

(Cumprimenta-o vivamente e se ocupa em arrumar a bagagem. Ele tira o chapéu e parte).

MOTORES DE AVIAO BRITANICOS PARA O RESTO DO MUNDO

Foram concedidas licenças para fabricar ou importar motores para aviões Rolls Royce, inclusive Nene e Derwent, a todas as grandes potências: China, França, União Soviética e Estados Unidos. Também a Austrália fabricará motores de jacto propulsão Rolls Royce e a Argentina os adquiriu para sua aviação.

A Rolls Royce acaba de divulgar detalhes sobre o Nene, o mais poderoso motor de turbina de gás britânico. O Nene está sendo empregado no De Havilland «Vampire» tipo 2, concorrendo para melhorar consideravelmente as condições de levantamento de voo, ascensão e altitude máxima atingida daquele aparelho. Os fabricantes afirmam, também, que conseguiram tornar o Nene o motor mais eficiente de sua classe.

EXPANSÃO DA PRODUÇÃO DE «NYLON» NA INGLATERRA

Até meados do ano passado esperase que esteja completa a construção de uma fábrica, em Billingsham, capaz de produzir «nylon», a matéria prima para a fabricação de fios de nylon para meias e outros tecidos, na média de 5.000 toneladas por ano. Segundo anuncia um técnico, essa produção será suficiente para fornecer às fábricas britânicas a matéria prima necessária.

A aplicação das matérias plásticas às indústrias está destinada a desempenhar um papel cada vez mais importante, na opinião dos entendidos. E, como acontece sempre, os industriais britânicos estão empenhados em manter o ritmo do progresso, lançando mão de todos os recursos de que dispõem para aumentar cada vez mais o padrão de vida da população.

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da
pele porque equivale a
2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
Rugol

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217

FONE — 6-6719

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

Maria Malazarte

(Cont. da pág. 19)

Foi numa madrugada de março — tempo das últimas chuvas de Santa Luzia. Chico Manoel saiu como de costume para a pescaria. Maria preparou os belijos à luz da lamparina, que ele começou vagarosamente com o café preto, enquanto conversava com a companheira, os alvos dentes e a boca carnuda no parêntese desabrochar de um sorriso amplo e espontâneo. Maria acompanhou-o, como sempre fazia, até a beira da praia, ajudando-o a colocar nas canoas as "tarrafas" e "puças", a bilha d'água, o camarão seco e a farinha. O grande dorso nu do mulato brilhava sob a luz indecisa das estrelas e a brisa da madrugada desmanchava os cabelos negros de Maria. A canoa foi saindo de mansinho, as velas já ligadas, como uma grande gaivota branca num longo voo pela noite milenar.

No lençol azul do mar Maria só divulgava o dorso gigantesco de Chico Manoel que brilhava sob a luz indecisa das estrelas e as velas abertas e enfiadas, como um enorme lenço branco acionando um adeus.

No lençol alvo da praia, Chico Manoel divulgava apenas o vulto fino de Maria, tendo a desmanchar-lhe os cabelos negros de noite, a brisa da madrugada...

Todo o mundo sabe que tubarão nas costas maranhenses é bicho assassino. Muitas vezes, o celerado vem atacar gente que toma pacatamente o seu banho na beira da praia. Mesmo assim, pescador não se preocupa e não é por isso que vai deixar de se aturar mar afora, numa canoinha à-toa, prá buscar tainha e peixe-pedra dos bons. Mas, de quando em vez, chega a notícia:

— El pessoal, o compadre Fulano ficou no mar, na boca de tubarão. Pobre compadre!

E do corpo, nem notícia; não há vela que descubra.

Assim aconteceu naquela madrugada de março com Chico Manoel.

Ninguém esperava que Maria — tão forte e tão corajosa — ficasse naquele estado de espírito. Não se sabe o que deu na cabeça da pobrezinha, que ela ficou "pancada". Talvez nem ela própria soubesse que gostava tanto de seu homem e que ia sentir tanto a ausência dele. Só a morte lhe fez essa revelação. A gente só conhece o valor real das coisas quando se as perde.

Maria não se cuidou mais. Deixou de prender a florzinha de cajueiro nos cabelos. Abandonou a choça onde viveu feliz quase dez anos e deu de vagar pelas praias desertas de Arapagi, falando sozinha, gesticulando e lançando blasfêmias ao mar — tão azul e tão cruel — que lhe tinha arrebatado o companheiro.

Um dia desapareceu. Ninguém mais soube notícias dela pelo litoral. Ninguém mais a viu, percorrendo a foz das longas praias, a cujos pés o mar vem murmurar segredos divinos, entre beijos ardentes de espuma.

— Pobre Maria Malazarte! — era a fala do povo da costa. Por onde andará ela por essas horas?

A gente de Ipiruna conhecia toda a história de Maria Malazarte, desde que ela de lá saiu. Não faltava cristão que viesse trazer para o centro as notícias do litoral. Quem conta um conto aumenta um pouco. E a Maria — destemida e aventureira — que andava sozinha pelos sertões armada de faca, e botava unha prá correr com um grito, já se havia transformado em uma personagem fabulosa, quase lendária, parecia com as princesas das histórias encantadas que avô Bitu contava. Mas, nem mesmo em Ipiruna chegou notícia de Malazarte depois que ela sumiu das costas de Arapagi. E os boatos foram crescendo, crescendo, os tempos foram passando. Gente grande do interior contava pros filhos a história de Maria Malazarte — filha das matas e que nas matas se encantou. Os tocadores de viola cantavam os feitos dela e até cartilha ela deixou...

★

E' por isso que ainda hoje, quando se escuta na calada das noites claras de lua ou negras de tempestade, vindo das estradas solitárias do alto sertão, um grito prolongado e agudo, ninguém pensa em Caapora ou Curupira, por que todo o mundo sabe que grito assim é grito de Maria Malazarte, cuja alma anda penando pelos ermos das florestas perdidas do Nordeste.

EXTASE DE AMOR

(Cont. da pág. 35)

mente com o seu olhar sombrio. — Mary disse-me que você era desenhista de lates — disse ela. E após uma pausa: — Ah, agora me lembro. Você desenhou o Lapham, de seis metros. E as revistas publicaram belas fotografias de barcos, tiradas por uma Susy Lapham...

— Minha esposa — disse ele, mas com tanta indiferença que ela tirou a conclusão óbvia e indagou: — Será que nenhum de vocês procuram, quando voltam, as esposas que aqui deixaram quando foram para a guerra?

Sou a campainha do térreo, e ela foi atender ao chamado.

— Está aqui o seu taxi, madame — disse uma voz áspera. — Eu levei aquele moço ao Park, e ele mandou-me voltar, porque a senhora estava à minha espera.

— E' difícil a gente arranjar um taxi nestes dias de chuva — disse ela, dirigindo-se a Peter. — O meu amigo deve ter tido sorte.

— Tava, sim. Ele pegou o meu.

Inviadua uma sensação de desgosto, causada pela atitude de Dan. Não foi difícil reconstruir o encontro acidental no vestibulo. Dan chamando o taxi de Peter, com a sua indiferença habitual. Depois, mostrando-se divertido, ao ver Peter ler os nomes das caixas postais. E teria dito, então: — A senhorita Kenyon ainda não está pronta, mas pode subir.

— Estávamos falando a respeito da sua mulher — disse ela a Peter.

— Você estava. A minha mulher morreu.

Envergonhada, ela teria dado tudo para recuperar a loquacidade. Mas não houve oportunidade de voltar-se ao assunto. O Brevoort, onde jantaram, evidentemente não era lugar onde se puxassem tais conversas. Nem o Stork Club, onde, após o jantar, eles entraram na fila dos que esperavam mesas.

Os coquetéis que Peter consumira com o jantar aumentaram o ressentimento que havia em sua voz, quando ele contemplou a fila. — Se é assim que se vive aqui, voltarei para os lugares de onde vim. Para a Bretanha... para Rennes... Eu estava no primeiro tanque do esquadão, quando a guerra começou. E nunca fui tão bem recebido

em parte alguma como o fui lá. Durante três dias fiquei apenas ouvindo os raios. — E, sem mudar o tom de voz, acrescentou: — Eu preciso beijar o seu pescoço.

— Não, — respondeu ela calmamente, — você não precisa beijar o meu pescoço.

Vendo o homem que acabara de entrar, e para cujo grupo o chefe dos garçons imediatamente baixou as cordas, ele declarou: — Creio que vou ser um desses figurões.

Daisy voltou-se. Era Dan, quem o chefe dos garçons saudava tão efusivamente. Dan, com a mulher, as filhas e mais um casal. Daisy não pôde deixar de olhar para eles. Lucile era de uma beleza neurótica, onde se viam claramente as marcas do seu nervosismo histórico. Com treze anos, Rosamund, a filha mais velha, tinha modos de adulto. Porém Marie, a menina de onze anos, era pateticamente delicada. Dan adorava-a. Mas havia tal antagonismo entre ela e Lucile que, em mais de uma ocasião, num acesso de nervosismo, Lucile lhe batera.

Estava Daisy a vê-los, quando Dan a avistou. Cumprimentou-a com um aceno de cabeça, desembaraçadamente, e em seguida disse qualquer coisa ao chefe dos garçons, metendo-lhe algo na mão. Daí a um momento ele dizia a Peter: — Tenho uma mesa para o senhor.

Com o queixo levantado, Dan disse claramente: — Desculpe, mas só agora nos lembramos de que estamos esperando um chamado interurbano.

O resto da noite foi alegre, e passava das três da madrugada quando Peter a levou para casa. — Passei uma noite adorável — disse ela, com calor. — Você tornará a aparecer brevemente?

— Não me peça para voltar, se não o deseja realmente. — A jovialidade que a princípio lhe dera a bebida fizera-o agora de uma seriedade intensa.

— E' claro que desejo! Quer vir domingo de manhã?

— Eu amo-a — disse ela abruptamente, para em seguida afastar-se e ir-se embora.

Não veio no domingo pela manhã; e ela admitiu-se de estar ansiosa por que o telefone tocasse. Foi Dan quem finalmente telefonou — de Washington. Mostrou-se caracteristicamente descarado, diante do ressentimento dela, por causa da mesa no Stork Club.

— Portei-me como um mal-educado, não é? — perguntou gracejando. — Bem... vai-me deixar por isso?

— Vou deixá-lo, sim. Mas não pelo Lapham. E' um belo rapaz, mas um pouquinho... instável.

Dan ia tomar o trem que partia de Washington às duas. Ou talvez às três. — Quer encontrar-se comigo no Savarin?

— Creio que não — respondeu ela, friamente.

— Vamos! — disse ele, impaciente. — Não me faça derrotá-la todas as vezes. Aceite o convite. — E acrescentou: — Amo-a.

Ela suspirou: — Creio que o amo... também.

— Ainda bem — concluiu ele. — Ver-nos-emos no Savarin.

(Cont. no próximo núm.)

AS MOCINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

Duas fases diferentes mas importantes na vida das mulheres

Não deve e não pode passar despercebida aos bons pais a fase compreendida entre os 13 e os 16 anos por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiramente mulheres. Nesse período — quando o fluxo mensal começa a aparecer — são comuns as perturbações que trazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do desequilíbrio orgânico próprio da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Administrar-lhes sem perda de tempo o Regulador Xavier N.º 2 é dever de todos os pais que amam de fato suas filhas e que não querem vê-las doentes, tristes e o que é pior: atacadas por moléstias que por terem sido descuidadas, se tornam crônicas e incuráveis.

Não menores, nem menos perigosos são os males que geralmente afligem a mulher na idade crítica — aos 45 anos mais ou menos — e que, mal tratados ou tratados por remédios ineficazes, lhe acarretam sofrimentos tão torturantes que essa idade crítica se lhe transforma numa verdadeira idade dolorosa. Entre tanto tais males, que em geral se manifestam pela abundância ou repetição das regras e pelas hemorragias, encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no Regulador Xavier N.º 1.

O Regulador Xavier usado em seu número adequado dá às mocinhas e às senhoras na idade crítica o bem estar e a saúde indispensáveis para as labutas e as alegrias da vida.

GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



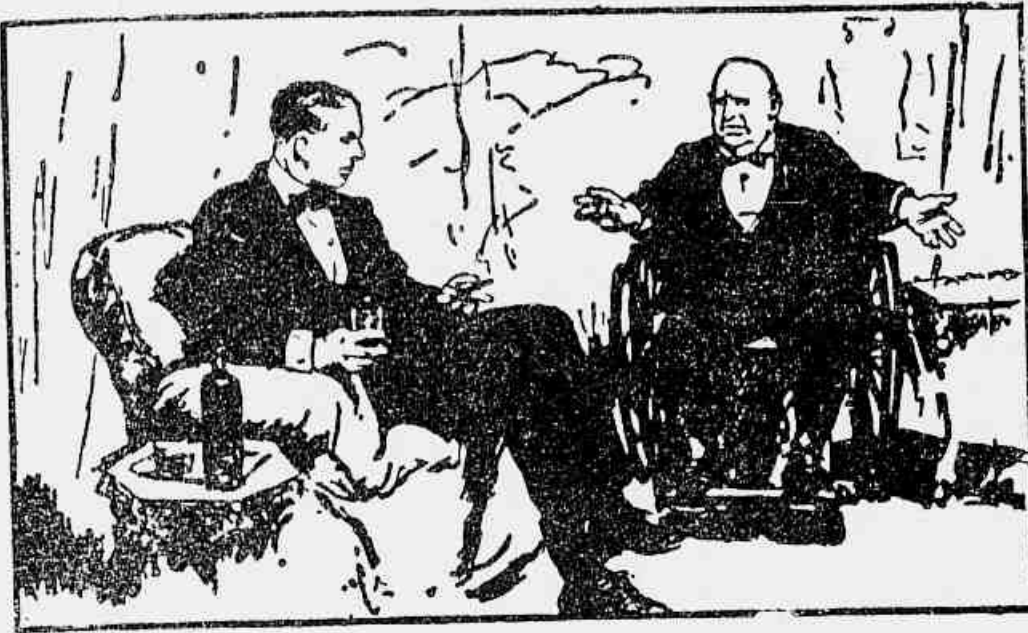
DÓRES
de CABEÇA

TRANSPIROL

NA ESTEIRA DO "BRUXO VERMELHO"

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVISTA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao King Features Syndicate.

História de GARLAND ROARK — Desenhos de F. R. GRUGER



— E' a história de um quadrifólio e de um cervo dourado...



— Homem ao mar — gritou o vigia.



— Espantem os tubarões, — ordenou Sidneye.

Naquela noite, na esquisita sala azul, Mayrant Sidneye me contou uma longa história... "a história de um quadrifólio e de um cervo dourado", como ele a denominou. Percebi que ela se destinava a me mostrar o verdadeiro Ralls e a razão por que Sidneye estava decidido a encontrar o "Bruxo Vermelho" e seu carregamento de ouro.

Em criança ele navegara no grande veleiro "Quadrifólio". Já homem e chefe daquele vasto império do Pacífico, usara o "Quadrifólio" para raptar o homem que causara o suicídio de seu pai. Conseguira realizar a vingança mas para isso fora forçado a fazer o navio passar como naufragado. Secretamente, porém, fora barco repintado e reequipado, surgindo como o luxuoso "Cervo Dourado", no qual, em 1925, um abastado May-

rant Sidneye de cinquenta anos cruzava os mares do sul enquanto seus auxiliares dirigiam a Batjak Ltda. O "Cervo Dourado" velejava obliquamente ao vento, ao largo das ilhas Gilberts, um belo dia — continuava a história — quando o vigia descobriu um naufrágio. Sidneye correu para a proa, ajeitando o binóculo. E o que viu fez-lo gritar: — Lancem uma bomba... espantem os tubarões! — O naufrágio estava amarrado a um tronco, com um suporte que impedira o tronco de girar sobre si mesmo, o que, no entanto, não o livrava da sanha dos tubarões. Aquilo era uma terrível tortura, com morte certa ao fim, e todos sabiam que era o castigo dos nativos aos brancos que ousassem molestar alguma moça das Gilberts. Felizmente, Sidneye não viu sangue no

homem, que aos berros mantinha afastados os tubarões, parecendo até estar gostando daquela luta de morte. Em quinze minutos a vítima estava no convés, descansando, depois do que encarou Sidneye. "Ralls", era o único nome que ele dava. Mas no seu olhar Sidneye encontrou aquilo que nunca encontrara antes: equanimidade.

E um respeito mútuo e eterno, nasceu daquele encontro de dois pares de olhos. Depois Sidneye ouviu a rarração de Ralls sobre uma ilha em que os nativos tinham enorme quantidade de pérolas. — E seriam minhas se a metralhadora não tivesse falhado, — dissera Ralls. — Armaram uma fogueira em torno de mim, mas eu pedi chuva e ela veio. Por isso resolveram me atirar aos tubarões...



— Bemvindo à nossa ilha, — saudou Desaix.



Ela recebeu Sidneye com um sorriso...



— O sr. Sidneye pede uma canção de amor...

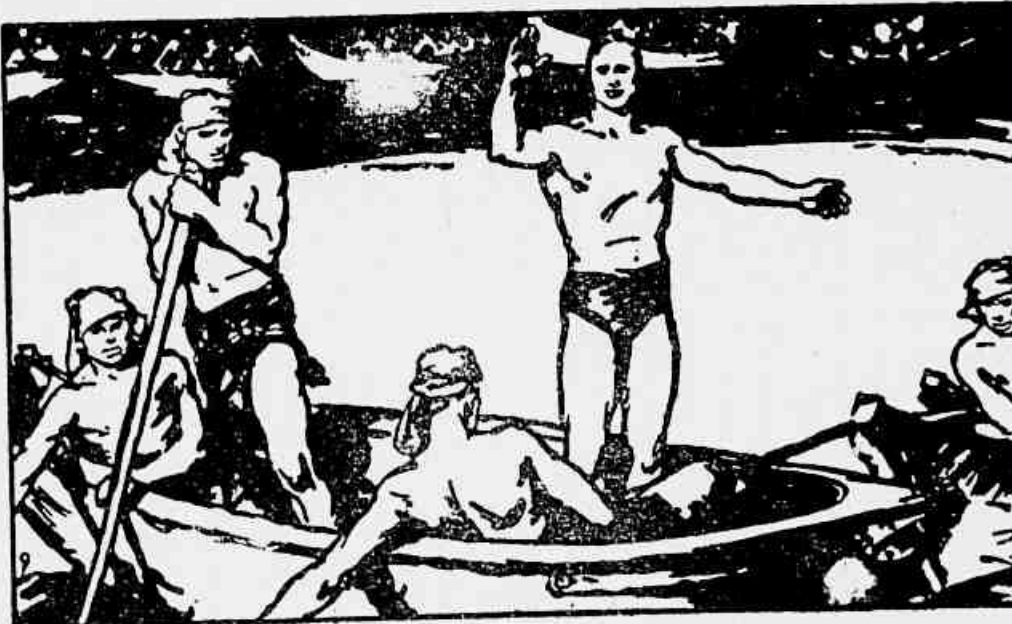
Sidneye e Ralls acabaram combinando dividir as pérolas, caso este as conseguisse — continuava a história de Sidneye. Só então Ralls deu a posição da tal ilha, que estava sob mandato francês, para lá apreando o "Cervo Dourado". Quando largaram ferros na laguna aproximou-se uma lancha a motor e Jacques Desaix, o comissário francês, veio a bordo com seus protestos de boas-vindas. Bastaram algumas rodadas de tragos para fazê-lo falar nas pérolas sagradas dos nativos. — Eles hoje as guardam numa arca de ferro, na boca de uma caverna submarina, — explicou Desaix, — de onde só as retiram para as cerimônias religiosas. O esconderijo é mais que seguro. Na caverna há um polvo gigante. —

O sorriso de Sidneye foi um desafio, endereçado a Ralls, que ergueu as sobrancelhas, aceitando-o tacitamente. Ele as conseguiria. Um elemento ainda mais perturbador, porém entrou em cena naquela noite na casa de Desaix... a sobrinha do oficial, Angélique Desaix, que era bela. Ela saudou Sidneye com todo o seu encanto e aquele solitário dirigente de um império sentiu-se fortemente atraído pela moça. Ali estava a mais vigorosa e magica que ele encontrara nos seus muitos anos de Pacífico. Depois, Angélique tocou piano... E entre todos os presentes, Ralls foi o único que sentiu a paixão que avassalava Mayrant Sidneye. Sorrindo superficialmente, de acordo com a necessidade do momento, ele foi o pri-

meiro a aplaudir a pianista, dizendo com perfeita naturalidade: — Qual é a sua favorita, sr. Sidneye? Tenho certeza de que Angélique a tocará com grande prazer. — E Sidneye respondeu, desconcertado: — Não tenho favoritismos em matéria de música. — Sorrindo, disse Ralls à moça: — "Ma chère Angélique", o sr. Sidneye implora uma vibrante canção de amor. Será cedida a ti... por ele. — Todos maldisseram Ralls, mudamente, invejando a solidez granítica do seu belo físico. Sidneye sorriu levemente, ocultando o crescente respeito que sentia por aquele ousado moço. E Jacques, cónscio da tensão do momento, observava Sidneye e a sobrinha aparentando nada perceber...



— E' melhor casares com Sidneye, — disse Ralls.



— Eu vou, — disse Ralls, destemido.



O polvo recuou, arrastando-o...

Por intermédio de Jacques Desaix, Sidneye propôs casamento a Angélique, que ficou de responder. Solitária naquela ilha isolada, sentia-se atraída para o audacioso Ralls, que lhe retribuía as atenções. Em verdade, Ralls se apaixonara... pela primeira vez em toda a sua vida de aventuras. Mas, conhecendo bem as próprias paixões, procurou afastá-la. — E' melhor te casares com Sidneye. Algum dia, quando eu tiver conquistado a mim mesmo, virei buscar-te. — O coração de Angélique estava gelido no dia em que os nativos se preparavam para trazer a arca das pérolas da caverna do polvo. Sentada entre Sidneye e o tio, no convés do "Cervo Dourado", observava os nativos, que reuniam em círculo as canoas em de-

terminado ponto da laguna. Ralls estava entre os mergulhadores, mas esperou enquanto os intrépidos nativos desafiam as águas do polvo para trazer as pérolas. E ainda estavam na canoa quando dois últimos mergulhadores foram em busca da arca na caverna. Foi quando o enorme polvo entrou em ação com seus olhos tristes e terríveis tentáculos, que imediatamente envolveram os mergulhadores. Logo outros mergulharam em auxílio... Um deles conseguiu se livrar e vir à superfície, mas o outro foi arrastado para a caverna submarina. Nesse momento uma voz se ergueu dentre os nativos a do chefe: — Quem ousa ir buscar as pérolas? — E só o silêncio respondeu... se bem que todos os olhos se vol-

tassem para Ralls, que numa voz de aço acedeu: — Eu vou. — Angélique, trêmula, levantou-se aos gritos: — Não! Não podes fazer isso, Ralls! — Ralls aspirou fundo, sorrindo para ela e varou as águas num mergulho de estilo. De novo o polvo saiu da caverna. Ralls atacou de punhal na mão. Um braço cheio de ventosas envolveu-o, e como um louco ele cravou fundo o punhal. O polvo recuou, arrastando-o. Ralls esfaqueava furiosamente. Um segundo, um terceiro, um quarto tentáculo o enlaçou, até que os oito membros do animal tomaram conta dele. Desesperado, já com os pulmões em fogo, começando a perder as forças, ele cortou o tentáculo, cujas ventosas lhe sugavam o ombro, já na iminência de ser abocanhado...

NA ESTEIRA DO "BRUXO VERMELHO"

Este folhetim continuará no próximo número, nestas mesmas páginas.

Tradução de JORGE A. FORTES, especialmente para REVISTA DA SEMANA



— Vencerei e virei buscar-te!

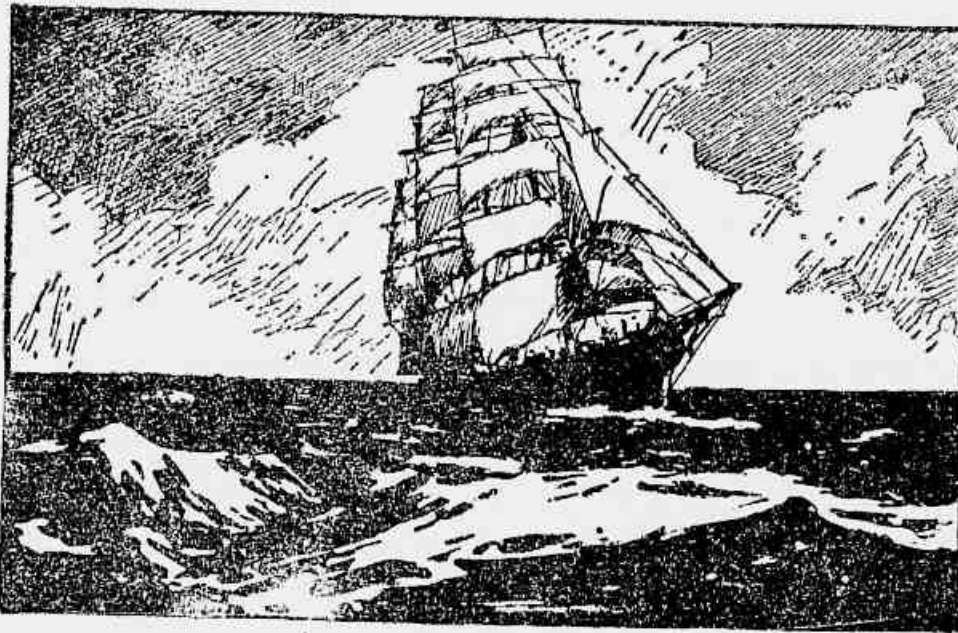
A luta de Ralls com o polvo terminou suavemente. Cortando um a um os tentáculos, ele acabou por cravar fundo a lâmina. Sentiu ceder a carne mole, sentiu os arrancos espasmódicos do octópode... Livre, colocou rápido a arca nos cabos que a levantariam e a cortina da escuridão caiu sobre ele... Pouco depois, sozinho, Angelique cuidava de um Ralls ainda meio inconsciente. — Ralls... meu Ralls, — sussurrava a moça, inclinada sobre ele, quando daquele corpo quase sem vida veio uma resposta: — Angelique, amo-te. — Por que não me exiges em casamento? — implorou ela. Num instante ele estava vivo. — Não posso explicar. Mas vencerei e então virei buscar-te. — Angelique baixou os olhos e suspirou pesadamente. — Sendo mulher de outro homem, nada terei para ti.

— O filho de Taaro Tiki terá as pérolas!

Naquela noite houve uma grande festa para celebrar a vitória de Ralls sobre o demônio. O aventureiro, enquanto os nativos preparavam a cremação de uma grande perola negra em homenagem a Taaro Tiki, planejava em desespero de modificar os acontecimentos a fim de entrar na posse do tesouro. No último minuto, quando a perola já estava quase entre as chamas, Ralls se levantou majestosamente e dirigiu-se ao sumo-sacerdote. — Recebi uma comunicação, O Sábio Kuirinua. Que se faça silêncio para que eu possa transmitir-te as palavras. — Mayrant Sidney sorria enquanto Ralls murmurava a "mensagem dos deuses" no ouvido do sacerdote. A perfeição do plano de Ralls ficou provada quando o sacerdote se dirigiu aos nativos: — Taaro Tiki

Angelique atrapalhou o tio...

Indicou um novo destino para as pérolas sagradas. Nunca mais devem voltar à caverna. Seu destino é ser espalhadas pela face da terra pelo filho de Taaro Tiki. — Ele apontou para Ralls — e que mais pérolas sejam apanhadas todos os anos para ele... Cremaremos, em lugar delas, o olho do demônio... — E assim Ralls era o dono das pérolas! Jacques Desaix, assistindo a cerimônia, não parava de beber e estava cada vez mais furioso. De repente se ergueu, pistola em punho: — O filho de Taaro Tiki é um charlatão! — berrou. — E' um canalha, um vagabundo que acaba de lhes roubar a sua riqueza. Em nome da República Francesa, eu o prendo, Ralls, você se submete? — Ralls o encarou friamente. — muito bem, — prosseguiu Desaix, erguendo a arma e disparando...



O "Cervo Dourado" varou os mares...



— Não, não posso, — disse Angelique.



— Levante-se! — ordenou Ralls, afastando-se.

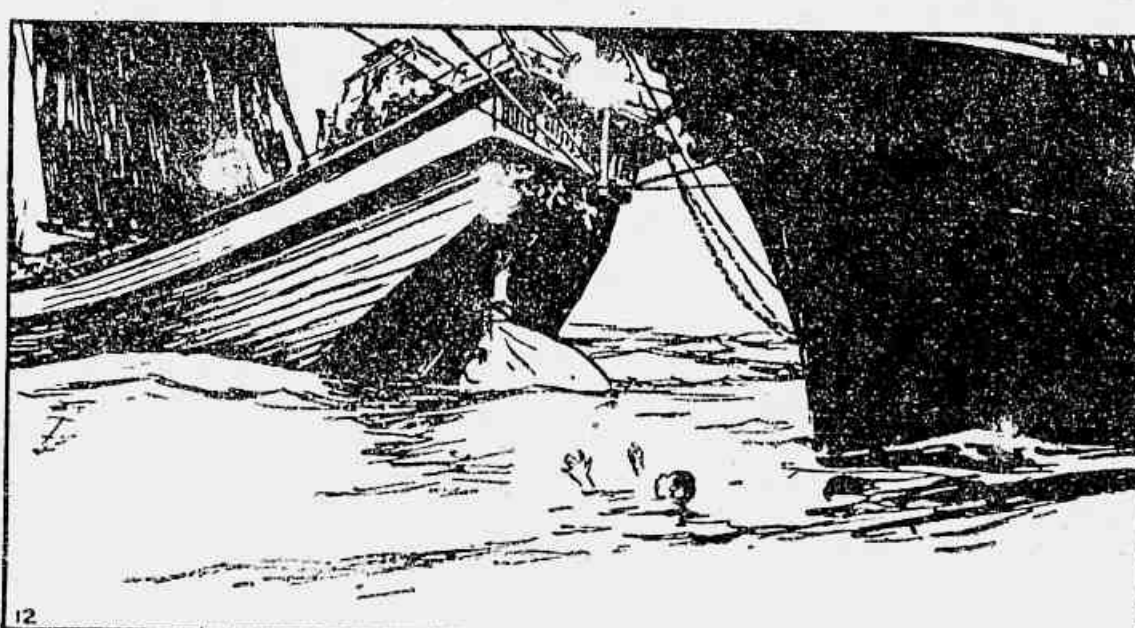
Não fôsse a intervenção de Angelique, que saltou sobre o tio, e este teria logrado êxito. A bala atingiu o ombro de Ralls, que logo saltou sobre o francês. Caiam os dois e a cabeça de Desaix bateu violentamente num bloco de pedra. Era uma vez um oficial francês... A Batjak, na pessoa de Sidney, abafou as investigações. Pouco depois chegava novo comissário e o "Cervo Dourado" se fazia ao vento com a sua carga de pérolas, sob o comando de Ralls. No barco também ia Angelique, que breve, seria esposa de Sidney. E o comando fora entregue a Ralls porque a Batjak sabia que lhe seria útil um homem destemido como aquele. E assim o "Cervo Dourado" passou a navegar livremente, se bem que ain-

da parte da firma, realizando lucrativas empreitadas pelos sete mares. Ralls enriqueceu, mas fazendo inimigos ferozes por onde abrisse caminho. Suas empresas eram sempre sangrentas, acumulando tremendas acusações, até que a Batjak o dispensou. E veio a época em que Ralls parecia ter conquistado a si próprio. Mesmo o debacle financeiro de 1929, que o despojou da fortuna, não o mandou de volta às antigas aventuras. Ralls era a calma em pessoa no dia em que rumou para Soerabaja, onde encontrou Angelique no jardim de Sidney. Disse simplesmente: — Amo-te, Angelique. Vim buscar-te. — Ela o encarou, trêmula. — Não, não posso. Eu te avisei. — Estou quase livre, — continuou ele. — Contigo poderei triunfar. Não tenho alternativa. Preciso de ti. —

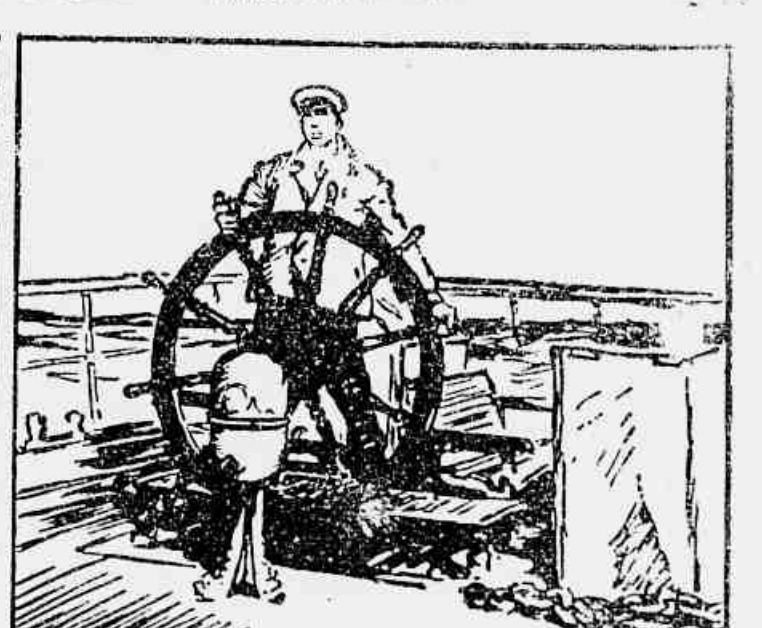
Angelique fugiu em pânico. Não que o temesse, não... temia a si própria. Ralls perseguiu-a e quando ela tropeçou e caiu, seus braços a envolveram. — Levante-se comigo. — Foi quando uma voz se fez ouvir: — Para onde, Ralls? — Ambos se viraram para dar com Sidney. Angelique correu, soluçando, para cair aos pés do esposo. Sidney não quis olhá-la. — Quer dizer que eles tinham razão, — disse ele. Todos. Eu devia matar-te, Ralls, mas não o farei. Isso seria bom demais para ti. — Ralls humilhou-se: — Sr. Sidney, eu a amo. Mas não vê que ela ama o senhor? Não seja estúpido! — E sua voz alteou-se: — Levante-se! — Sidney obedeceu, enquanto Ralls se afastava...



— Navio a bombordo!



...lançando um china ululante ao mar...



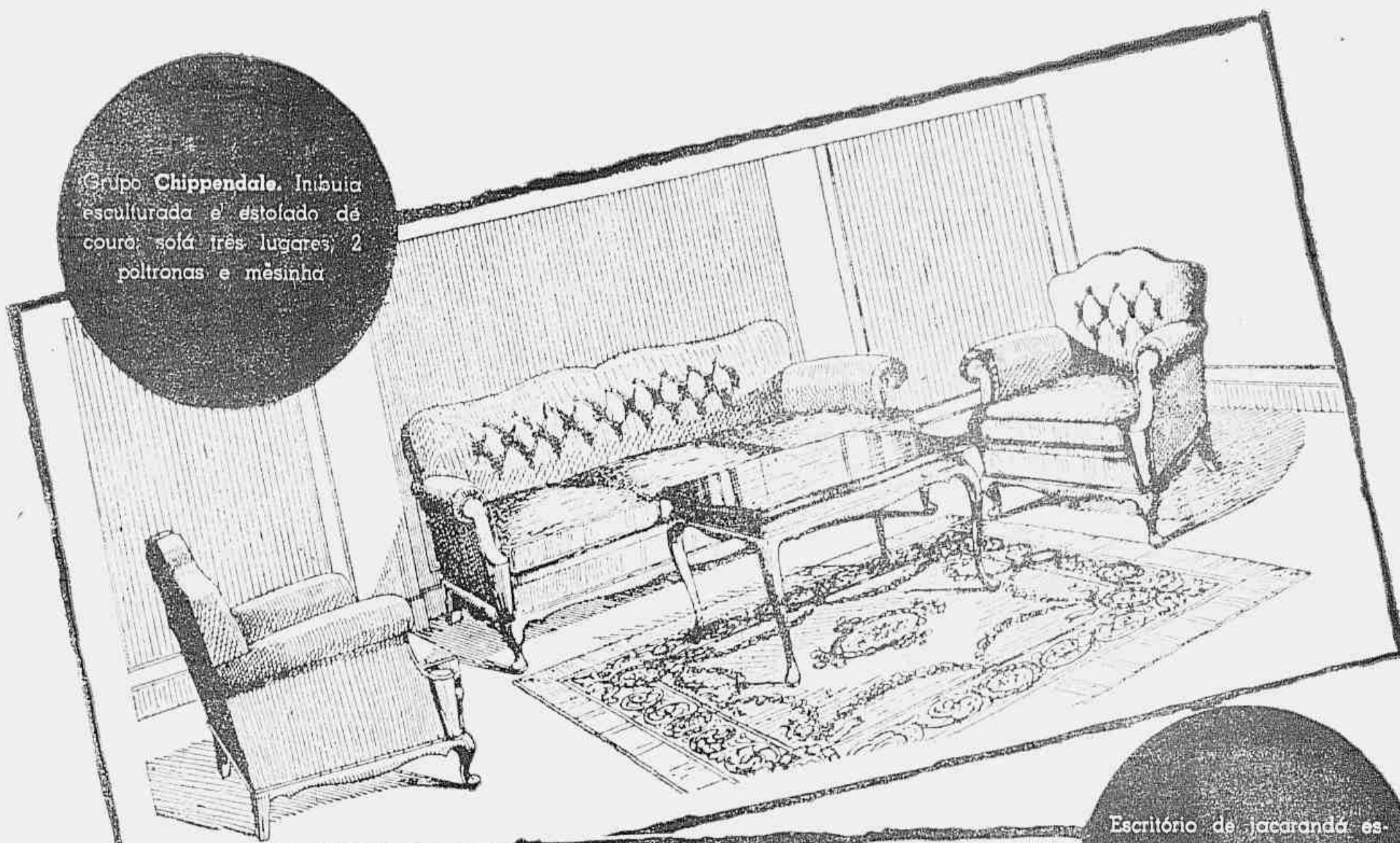
Ralls lançou o barco cegamente.

Embora a maré desfavorável, o "Cervo Dourado" delatou o porto poucas horas depois do incidente. Ralls ia na amurada, quase envolto pela névoa, olhando o mar, dando ordens ao timoneiro: — Este, a cento e quinze. Todo o pano. E manda o servente buscar bebida em meu camarote. — O barco invadiu o nevoeiro. O imediato procurou Ralls. — A vela está puxando muito, senhor, e o vigia diz que há mar grosso avanço. Talvez não seja bom... — Vai para o inferno, tu e o vigia... — foi a resposta de Ralls. O céu, à frente, escurecia sempre e o "Cervo" avançava como um animal cego. As vagas faziam remoinhos sobre o convés de proa e o imediato via os pés do capitão flutuarem nas águas enquan-

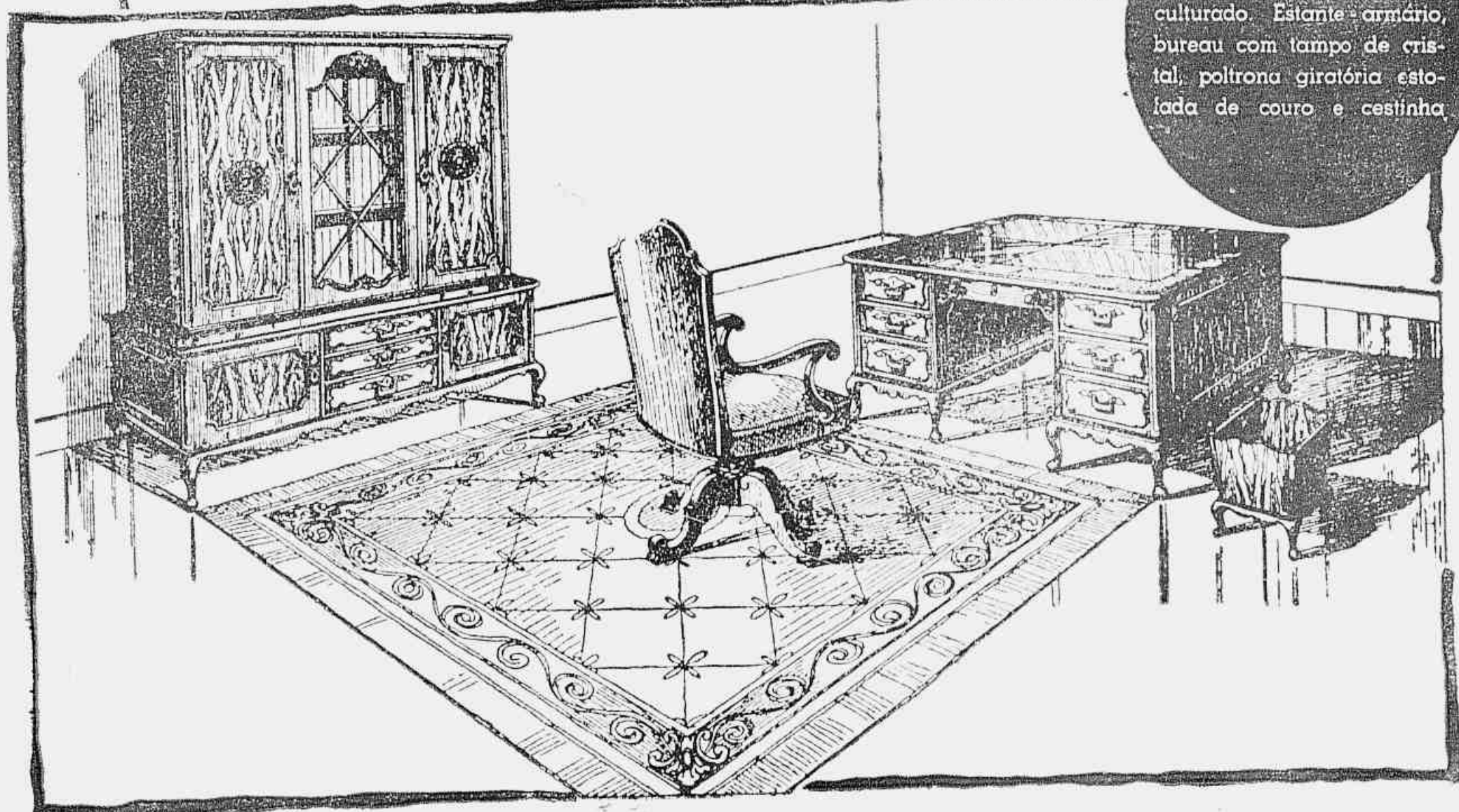
to seu braço se firmava na amurada. Até que ele resolveu dar as ordens necessárias para melhorar a situação. Foi quando o vigia berrou a plenos pulmões: — Barco a bombordo. Junco chinês! — E logo uma silhueta fantasmagórica surgiu do nevoeiro, revelando-se um enorme junco de três mastros a cujo bordo a excitação foi maior que no barco holandês. O junco guinou loucamente a boroeste e a verga do gupép do "Cervo Dourado" arancou um ululante chinês da sua popa. E nenhum dos dois barcos se preocupou em lançar um cabo ao infeliz... E em frente continuou o "Cervo Dourado" sua marcha louca. Dia e noite Ralls permanecia imóvel na amurada. Até que chegou um radiograma para ele: — "No pri-

meiro porto o capitão Ralls passará o comando ao imediato. Todas as agências avisadas para cumprimento da ordem... Batjak". Ralls voltou-se para o imediato: — O barco é teu assim que atracarmos. Agora, todo o pano! — E Ralls assumiu o timão, sorrindo brandamente com uma profunda tranquilidade no olhar. E ainda estava a postos, quando surgiu a ilha das pérolas... Ralls lançou o barco para a estreita boca da laguna enquanto a tripulação, de olhos esbugalhados, esperava o choque. O "Cervo Dourado" bateu com uma violência que quase lhe arrancou os mastros. O casco se fendeu e ali ficou o barco... um monumento ao desespero e ao amor frustrado...

Grupo Chippendale. Inibua
esculturada e estolado de
couro: sofa três lugares, 2
poltronas e mesinha

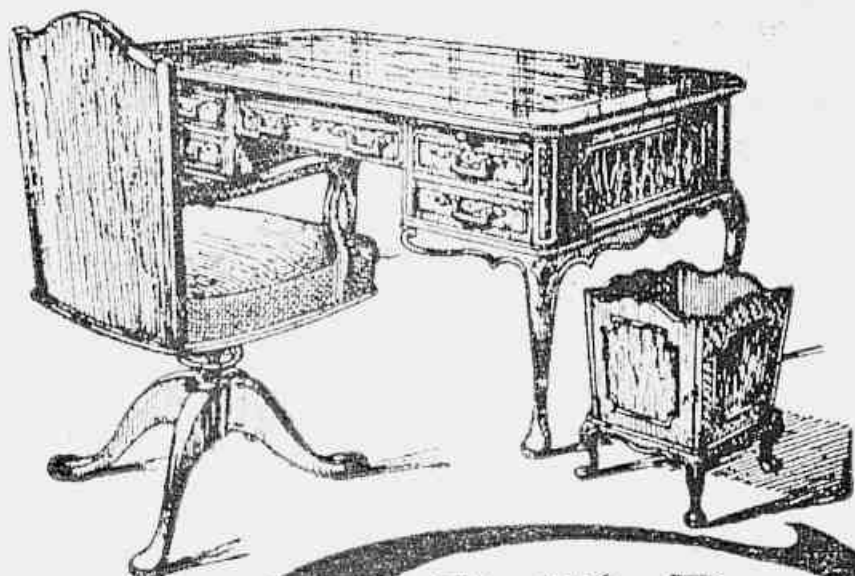


Escritório de jacarandá es-
culturado. Estante-armário,
bureau com tampo de cris-
tal, poltrona giratória es-
tada de couro e cestinha



Mobiliários e Decorações

inimitáveis e inconfundíveis



TAPÊTES — PASSADEIRAS — TECIDOS — CORTI-
NAS EM SORTIMENTOS E PREÇOS QUE NÃO ADMI-
TEM CONFRONTO

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

fundada em 1912

65, RUA DA CARIOCA, 67 — Rio

Clube



CIA DE CIGARROS *Souza Cruz*